Os Homens da Ilha

A Trajetória dos Povos que Formaram Guarujá

Organização

Wendel Alexsander Dalitesi Costa

1ª Edição

Os Homens da Ilha:
A Trajetória dos Povos que Formaram Guarujá

1ª edição

Este trabalho integra o projeto Lendo e Contando as pérolas da Ilha, proposto por Juliana Heloise Rosa Santos Silva, contemplado pelo Edital nº 004/2020 da Prefeitura Municipal de Guarujá, e desenvolvido na Semana da Cultura Caiçara em Guarujá em março de 2021, com o financiamento fornecido através da Lei Audir Blanc de Nº 14.017, que tem o intuito de fomentar a cultura em tempos de pandemia provocada pelo COVID-19. Os capítulos de números 1 a 5, 8, 9, 11 e 13, são autorais e resultado das pesquisas de Wendel Alexsander Dalitesi Costa, também organizador deste livro, que cedeu voluntária e gratuitamente os direitos de publicação destes, exclusivamente para esta obra em formato digital. Os eventuais gastos com a versão impressa do material são de custeio dos autores, sem terem sido financiados com o valor do referido Edital.

Guarujá, março de 2021.

Email para contato com os autores:

Jordan G. P. B. Santos: jordan.santos@usp.br

Juliana H. R. S. Silva: julianaheloise.21@hotmail.com

Wendel A. D. Costa: wendeldalletezze@gmail.com

João Victor S. Silva (ilustração dos capítulos): vs870706@gmail.com

Ficha Técnica

Organizador:

Wendel Alexsander Dalitesi Costa

Autores:

Wendel Alexsander Dalitesi Costa

Juliana Heloise Rosa Santos Silva

Jordan Goes Paixão Bargas Santos

Ilustração dos capítulos:

João Victor dos Santos Silva

Projéto Gráfico, Diagramação e Capa:

Marcelo da Silva Franco

Revisão:

Adriana Maria Gomes

Juliana Heloise Rosa Santos Silva

Jordan Goes Paixão Bargas Santos

Wendel Alexsander Dalitesi Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Costa, Wendel Alexsander Dalitesi
Os homens da ilha : a trajetória dos povos que formaram Guarujá / Wendel Alexsander Dalitesi Costa, Juliana Heloise Rosa Santos Silva, Jordan Goes Paixão Bargas Santos ; ilustração João Victor dos Santos Silva. -- 1. ed. -- Guarujá, SP : Juliana Heloise Rosa Santos Silva, 2021.

Bibliografia
ISBN 978-65-00-18487-7

1. Guarujá (SP) - Descrição 2. Guarujá (SP) - História I. Silva, Juliana Heloise Rosa Santos. II. Santos, Jordan Goes Paixão Bargas. III. Silva, João Victor dos Santos. IV. Título.

21-58663 CDD-981.612

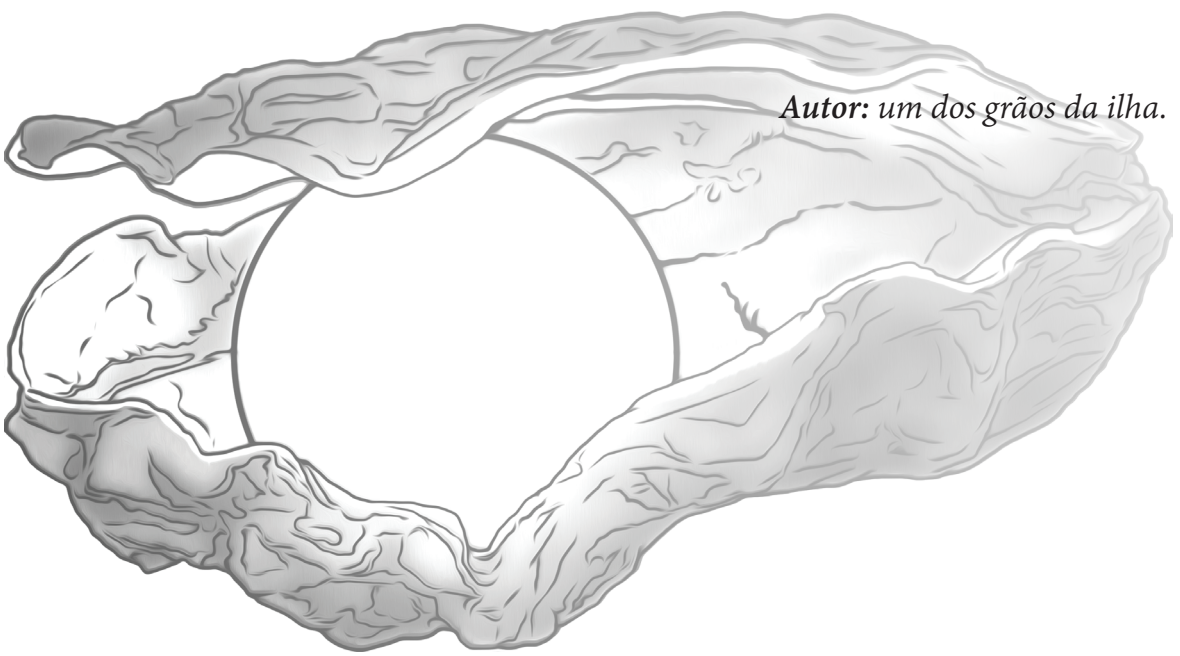
Índices para catálogo sistemático:

1. Guarujá : São Paulo : Estado : História 981.612

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

A cidade, tal como a pérola, é resultado de processos
como os que penetraram a resistência da ostra
e lhe causaram incômodo em seu âmago,
mas que, com o esforço de seus agentes,
tem transformado as intempéries da vida em algo valioso,
cobrindo em brilho o menor de seus grãos.

Autor: *um dos grãos da ilha.*



Agradecimentos:

A Deus, que nos dá o fôlego da vida e a inspiração para reinventá-la.

Ao meu pai Manoel José da Costa, homenageado no capítulo 11, cuja vida já se uniu ao solo que forma o Guarujá.

À minha mãe Lourdes da Conceição Dalitesi Costa, igualmente homenageada, e cuja maior parte de sua jornada nesse mundo permanece dedicada a este chão.

Ao amigo Orlando Dias Sales, maior incentivador para que esta obra ganhasse vida.

Ao caiçara Sidnei Bibiano, porta voz de grupos tradicionais na ilha e facilitador para que muitas das histórias contadas formassem esta publicação.

À Adriana, parte da equipe de revisão do material.

Aos queridos amigos Juliana, Jordan e Victor, companheiros de noites sem dormir até a última página, apoiadores de ideias ousadas, cujo esforço compõe as folhas desta obra.

Aos muitos parceiros, facilitadores e apoiadores para que este livro nascesse.

A cada entrevistado e homenageado que cedeu sua biografia para trazer mais brilho às narrativas que aqui serão encontradas, a verdadeira razão desta pérola revelada.

A cada guarujaense, quer o seja de nascimento ou de coração, que junto aos seus pares, tantos outros milhares, fazem do nosso mosaico chamado cidade algo único.

Wendel Alexsander Dalitesi Costa

Prefácio

Ser convidado para escrever este prefácio contextualiza a essência da preocupação desta obra: dar voz e visibilidade aos simples cidadãos guarujaenses que são parte da história da nossa cidade. Eu, professor de educação básica em comunidade caiçara do bairro do Perequê, apaixonado pela história da região, agradeço ao amigo Historiador Wendel Dalitesi pelo convite de juntar-me de algum modo à história de europeus, indígenas, africanos, caiçaras e nordestinos que construíram a diversidade cultural e socio-histórica da Ilha de Santo Amaro.

O livro é um chamado, um grito dos povos simples que pedem em memórias póstumas para contar suas histórias que estão sufocadas no tempo por uma narrativa oficial sobre a cidade que os ignora. O que sabemos, por exemplo, dos indígenas e escravizados africanos que dividiram tempo e espaço em nossa ilha com os primeiros europeus? E a origem da população caiçara na região? Quem são? Quais impactos sociais esses povos refletem nos dias atuais? E a chegada do povo nordestino, qual tamanho do impacto cultural para a ilha?

A obra delicadamente costura passado e presente, provoca o leitor a refletir como estão hoje os filhos deste passado. São informações tão ricas em pesquisa que pessoas entrevistadas hoje descobrem uma genealogia que nem elas sabiam, como é o caso dos descendentes de João Ramalho, que vivia pela região antes mesmo da chegada de Martim Afonso de Souza, o fundador da Vila de São Vicente no século XVI.

E se falamos em dar voz aos silenciados, o leitor encontrará nesta obra histórias de africanos que vieram na condição de escravizados, e que parte do trabalho foi realizado na matança de baleias e até em ordens religiosas católicas. Escravizados que marcaram descendência no litoral de São Paulo, como a entrevistada Priscila, bisneta de Maria Camilo. Eram as marcas de um povo que aqui chegou nos porões de um navio negreiro. Os autores estarão sensíveis às representatividades dessas vozes.

O leitor encontrará ainda o detalhes da origem de alguns bairros, e uma atenção ao distrito de Vicente de Carvalho, o qual, lendo a obra, você me entenderá que prefiro chamar de Itapema.

Preparem mente e alma, porque não é só uma leitura, são vozes que querem te falar de um passado guarujaense ocultado e que precisamos conhecer.

Boa Leitura!

Professor Orlando Sales

Sumário

Introdução 9
Capítulo 1: Guardada sob as conchas 11
Capítulo 2: A passagem estreita 17
Capítulo 3: Para o nosso mar 22
Capítulo 4: África retumbante 29
Capítulo 5: Ao meu Guarujá Caiçara 35
Capítulo 6: A Ilha Dragão 44
Capítulo 7: As Mulheres da Ilha 48
Capítulo 8: A pérola revelada 53
Capítulo 9: Caminho em cordéis 59
Capítulo 10: Educação e transformação feminina 64
Capítulo 11: A explosão da cidade 70
Capítulo 12: O nativo invisível 75
Epílogo ao caiçara atual 80
Capítulo 13: Novos olhares sobre Guarujá 81
Referências 85
Entrevistados: 94
Fontes primárias: 95

Introdução

Por Juliana Heloise Rosa Santos Silva

Pode parecer irônico um livro intitulado "Os Homens da Ilha", ser introduzido por uma mulher, mas de antemão já gostaria de chamar a atenção que Homens, no título, significa seres humanos, e não deve ser tomado como uma questão de gênero ou voltado unicamente para o ambiente masculino, até porque nesta obra também serão relatadas histórias de mulheres que venceram e tiveram de alguma forma o seu diferencial, e mesmo que não tenham se tornado personagens tão renomadas ao ponto de terem seus nomes espalhados pela cidade, possuem narrativas de vidas que merecem ser valorizadas, e é justamente essa a proposta desta obra: revelar as pessoas que estão no anonimato.

Durante muito tempo a história de Guarujá tem sido retratada privilegiando a figura de personagens ilustres, famosos e ligados à elite econômica da época, e que obviamente tiveram algum tipo de contribuição para o desenvolvimento da cidade. O grande problema deste único ponto de vista é que ele acaba escondendo, tirando a importância e diminuindo a visão com relação a outros agentes históricos que também tiveram papel fundamental na formação do município. Sendo assim, a aposta deste livro é justamente trazer uma reviravolta na abordagem, dando o devido lugar de destaque a pessoas muitas vezes desconhecidas.

A construção deste livro também é, na verdade, um compilado do resultado de pesquisa documental, história oral e do desenvolvimento de artigos científicos feitos por nós nos últimos anos, tendo em vista que o grupo de autores aqui reunidos na elaboração desta obra se formou no ano de 2018 dentro do projeto EDUCAFRO, que em Guarujá é desenvolvido no Núcleo de Estudos Indígena e Afro Brasileiro da Universidade de Ribeirão Preto, onde todos são voluntários e trabalham em prol da transformação de vidas, na medida em que o projeto social prepara alunos afrodescendentes e de comunidades carentes para o ambiente universitário.

No entanto, longe de querer esgotar os temas da história da Cidade, este material pretende dar uma contribuição singela, fornecendo ao menos condições para que outros autores possam se inspirar no modelo e dar continuidade aos temas. Ao longo da leitura serão abordadas questões de gênero e desigualdade social e racial, além de outras contradições que o meio urbano traz consigo. Mas também serão mostradas as tradições do povo caiçara e o desenvolvimento de Guarujá no decorrer dos séculos,

com sua multiplicidade de culturas e importante legado à sociedade. Nosso intuito é que através desse material, sejam mostradas histórias de vidas comuns que foram vitais à herança cultural que o Guarujá possui, proporcionado a contribuição destes agentes e incentivando que outras pessoas pesquisem e continuem os estudos sobre o assunto.

A cada capitulo serão apresentados relatos de homens e mulheres da ilha, seguindo para um contexto histórico mais amplo, com o objetivo de fazer com que todos se sintam pertencentes e ligados ao enredo e narrativa da cidade como um todo. Tanto que nossa aposta foi fazer com que as ilustrações contidas ao longo do livro não possuíssem rostos de pessoas, justamente para que você, leitor, possa se identificar e se ver dentro de cada situação com seu próprio olhar.

A história da cidade ao longo do tempo tem acumulado algumas defasagens na pesquisa por falta de fontes primárias, pois até os sites oficiais do município muitas vezes, não dão conta de trazer fontes suficientes para embasamento e referencial teórico de verificação à veracidade dos conteúdos expostos, como por exemplo, dados de que Guarujá virou vila em 1832 ou que a ilha ficou desabilitada por 300 anos. Informações como esta não têm sido sustentada por nossas abordagens mais recentes, já que muitas das pesquisas apresentadas nesta obra comprovam o contrário.

Nossa oferta não é apenas partilhar um conteúdo teórico, mas sim proporcionar uma troca de experiências na qual nós, enquanto autores, também obtivemos grande aprendizado, tendo em vista a absorção das histórias e experiências individuais e coletivas que deixaram sua marca na Ilha de Santo Amaro. Sem dúvidas esta é nossa maior riqueza.

Desejamos uma excelente leitura e que, ao chegar ao final, todas as informações possam servir para fortalecer a identidade cultural em Guarujá, mostrando que há muitas pérolas que precisam ser reveladas e preservadas.

Capítulo 1:
Guardada sob as conchas

Dona Odete[1] acorda às 5h. O tempo é curto. Antes que o sol nasça, precisa partir para mais um dia de luta. Junto ao seu grupo, formado por alguns familiares e vizinhos, segue mangue afora. Botas calçadas e pés na gamboa[2]. É ali que os mariscos se escondem.

Caiçara nascida do outro lado do canal de Bertioga, desde os oito anos aprendeu a viver dos moluscos. É da natureza que extrai seu ganha-pão, e dele continuará a viver até que Deus a leve, afinal, precisa levar o fruto de seu trabalho aos clientes, donos dos restaurantes, antes que os turistas desçam a serra atrás dos famosos pratos tradicionais.

Hoje o barco é a motor, mas os recursos são mais escassos, já que algum tempo atrás uma empresa local despejou produtos químicos que contribuíram para poluir a água e deteriorar a fauna local. Mas dona Odete é valente, persistente, do tempo que a canoa era a remo e suas braçadas a levavam de um canto ao outro. Sua família sempre viveu do lambe-lambe[3], da ostra, das dádivas que a natureza dá. E é certo que, se tudo o que nossa ilustre personagem coletou, em seus sessenta e quatro anos de vida, fosse empilhado, as conchas talvez competissem em tamanho com os morros do Guararu[4], ali vizinhos.

Do outro lado da serra e do tempo outra mulher. Poucos passos e muitos anos separam seus mundos, embora um mesmo ambiente as aproxime. Esta outra também vive cercada das conchas, da cabeça aos pés. Seu grupo ali chegou cerca de milênios antes do grupo de dona Odete. Viviam da caça, da pesca, da extração. Talvez até mesmo já dominassem técnicas agrícolas.

Não se sabe qual foi o primeiro ser humano a colocar os pés na ilha de Santo Amaro. Sabe-se, contudo, que os primeiros hominídeos teriam chegado ao litoral brasileiro há milhares de anos. E pela datação de seus achados nas faixas litorâneas, foi possível constatar que os montes artificiais começaram a ser erguidos por eles há aproximadamente oito mil anos (ALONSO, 2017, p. 222)[5].

---

1 Entrevista concedida por Odete Lucas Loureiro em 07/01/2021

2 Trata-se da parte do rio onde a água é parada, tendo aspectos de uma lagoa. Segundo https://www.dicio.com.br/gamboa/

3 Como é conhecida a principal espécie de marisco feita com arroz e comercializada na região.

4 Referência à Serra do Guararu, que ocupa a porção leste da Ilha de Santo Amaro, localizada no município de Guarujá.

5 AFONSO, Marisa Coutinho. Arqueologia dos sambaquis no litoral de São Paulo: análise da distribuição dos sítios e cronologia. Revista Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas. v. 17, n. 30, jan./Jun. 2017, p. 203-227.

Os homens e mulheres dos sambaquis, primeiros habitantes do nosso litoral, estabeleceram-se onde hoje é o município de Guarujá tempo suficiente para edificarem monumentos de 6 metros de altura[6], um trabalho que demoraria mais de mil anos e contaria com o tributo de dezenas de gerações[7]. E este parece ter sido o caso do sítio Maratuá, local onde nossa segunda personagem foi encontrada em 1954, em uma expedição chefiada pelo arqueólogo Paulo Duarte. Ao fim do trabalho ainda seriam localizados mais 11 sepultamentos[8], mas a mulher ali achada com a cabeça enfeitada de conchas, ganharia os cartazes da época com o título de "Miss Sambaqui", sendo emblemática em manifestar a importância da liderança feminina em práticas que garantiam a preservação da vida[9].

Sambaqui, do tupi "tamba" (mariscos) + "ki" (amontoado), é uma referência aos montes de conchas formados ao longo do tempo pela ação humana[10]. Enquanto estes montes eram formados, junto a eles, paralelamente, eram depositados os fragmentos da vida diária de uma população que apresentava certo grau de complexidade, já que, através dos achados, tem-se chegado à conclusão de que eles usavam canoas, artefatos trabalhados em osso ou pedra, e possuíam certas técnicas sofisticadas, já que pescavam peixes como tubarões e raias, e tinham condições de permanecer durante longo período em um único lugar, com um grupo de tamanho considerável [11].

---

6 Sabe-se que a cultura sambaquieira deixou edificações bem maiores, como o sambaqui Garopaba do Sul, em Santa Catarina, com 30 metros de altura. No entanto, o intuito deste trabalho é dar uma atenção mais específica à exploração arqueológica desenvolvida no município de Guarujá.

7 Dados quanto à altura referentes ao sambaqui Maratuá. Dados quanto ao tempo total de construção são referentes ao sambaqui Buracão. Ver em: GONZÁLEZ, Érika M. Robrahn. DEBLASIS, Paulo Antonio Dantas. Sambaquis da Baixada Santista: descobrindo a história pelos vestígios. 2017, p. 104,115.

8 DE BLASIS, Paulo Antonio Dantas. PIEDADE, Silvia C. M. As pesquisas do Instituto de Pré-História e seu acervo: balanço preliminar e bibliografia comentada. Revista do Museu de Arqueologia e etnografia. 1991. ´p. 168.

9 SILVA, Mauricio Cândido da. Miss Sambaqui: Gênero, representação nos museus e patrimônio cultural. IN: Maria Elisabete Arruda de Assis; Taís Valente dos Santos (org). Memória feminina: mulheres na história, história de mulheres. 2017. p. 172-173. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/03/Mem%C3%B3ria-feminina-mulheres-na-hist%C3%B3ria-hist%C3%B3ria-de-mulheres.pdf

10 GONZÁLEZ e DEBLASIS, ibidem. p. 14

11 idem.

Com o tempo, as cascas dos moluscos sobrepostas sofreram um processo natural de calcificação, fazendo com que o conteúdo depositado por baixo delas pudesse, até certo ponto, ser conservado apesar do tempo que se passou.

O sítio da Miss Sambaqui não foi o único escavado em Guarujá. A década de 50 e 60 ainda se debruçaria sobre outros dois importantes montes artificiais existentes na ilha: o Buracão e o Mar Casado. Neles seriam encontradas sepulturas, restos de fogueiras, ossadas de animais, além de objetos do uso cotidiano, trabalhados pelos povos que junto a eles viveram. Formas esculpidas também foram localizadas e demonstram que os primeiros habitantes da ilha eram artistas habilidosos em trabalhar ossos e pedras[12].

O sambaqui Mar Casado, segundo a ser explorado, seria escavado entre 1961 e 1962, com Paulo Duarte mais uma vez à frente das escavações. Sua localização seria a quase 400 metros da Estrada Guarujá-Bertioga em seu quilômetro 3,5, onde hoje se localiza o Guarujá Golf Club. E das 8 ossadas encontradas nele, nenhuma era de adulto. Além do mais, por ser encontrado nesse sambaqui indícios de antropofagia, seu escavador chegou a supor que os restos ali examinados poderiam ser de prisioneiros de guerra sacrificados[13]. Muitas são as dúvidas que ainda permeiam a comunidade científica acerca desses achados.

No sítio do Mar Casado também foi encontrado o crânio de uma criança envolta por conchas na região da cabeça, à semelhança da Miss Sambaqui. Junto à outra criança, foram escavados os ossos de um pequeno animal, talvez seu bichinho de estimação. Além do mais, outros utensílios, como raspadores e instrumentos de pedra, osso e dentes de animais trabalhados, mostram habilidade técnica por parte dos membros desta comunidade, que utilizavam seus apetrechos para as mais variadas funções[14].

O sítio Buracão, último a ser explorado, foi trabalhado pelas arqueólogas Niede Guidón e Luciana Pallestrini entre 1962 e 1963, e seria o mais rico em quantidade e qualidade de sepulturas, já que nele foram achados 43 corpos. A riqueza dos ritos funerários deste sambaqui demonstrou um cuidado significativo daqueles povos para com seus mortos[15].

Tais achados foram importantes para ressaltar a natureza simbólica que as edificações sambaquieiras exerciam, já que, uma vez que os montes também possuíam a função de sepultar entes queridos, muitas vezes adornados ou com utensílios de uso cotidiano em seu entorno, deixa evidente o caráter monumental destes artefatos como honra aos membros do grupo[16].

---

12 Ver ALVES, Maria Daniela. A indústria lítica do sambaqui Mar Casado e outros sítios do litoral do estado de São Paulo. 2010.

13 Idem. p. 63-64.
De Blasis e Piedade trabalham com a quantidade de 18 ossadas encontradas no sambaqui em questão. Ver em DE BLASIS e PIEDADE, ibidem. p. 169.

14 ALVES. Ibidem. p. 63-64.

15 Idem p. 13.

16 Idem. p. 56.

Muito além de conjuntos nômades que se locomoviam apenas para satisfazer suas necessidades básicas, os homens e mulheres dos sambaquis deixaram marcas de sua vocação artística em colares, pulseiras e nos ornamentos que envolviam as pessoas sepultadas. Mostravam também certo grau de refinamento pelas flechas que usavam para caçar, ou nos arpões e anzóis utilizados para a pesca[17].

Também é importante deixar claro que existia uma forte ligação entre a cultura sambaquieira e a região dos rios. Por serem ambientes férteis e viveiros naturais, as áreas alagadiças atraíram a atenção do ser humano, que delas passaram a extrair os recursos necessários à sua sobrevivência e a erigir neles os seus montículos[18]. Apesar de ainda hoje se saber pouco sobre o modo de vida dos nossos primeiros habitantes, o fato é que dona Odete não aparece só na missão de retirar dos manguezais o seu sustento. Muitos outros fizeram isto antes dela.

Os sambaquis não passaram despercebidos dos grupos indígenas tupis quando estes chegaram à baixada santista cerca de mil anos atrás. Foram eles que deram nome às edificações feitas pelos primeiros humanos a se fixarem aqui. Quando a nossa mente nos leva aos primeiros monumentos arquitetônicos feitos pelos colonizadores europeus na região, como a Fortaleza da Barra Grande, ou a indústria da Armação das Baleias no extremo leste da ilha, é importante se levar em conta que estas e outras edificações, infelizmente, se utilizaram do produto dos sambaquis como matéria prima para as construções portuguesas ainda no período colonial, o que contribuiu em muito para a destruição de seus vestígios[19].

O que se sabe hoje sobre os únicos três sambaquis explorados sistematicamente em Guarujá até o momento, é que marcas de ocupação mais antigas da Ilha-Dragão vem do sambaqui Mar Casado, com datação estimada em mais de 5300 aos atrás, tendo chegado ao seu tamanho máximo cerca de 750 anos depois[20]. Não se tratava, portanto, de uma cultura imediatista, pois entre a base e o topo da obra, havia não apenas um número incontável de cascas de moluscos e outros elementos, mas também o trabalho de dezenas de gerações.

Em termos de cronologia, após o Mar Casado vinha o Sambaqui Maratuá, construído num intervalo de cerca de 500 anos, de 3865 e 3350 anos atrás. E por fim o Buracão, mais recente de todos, porém de maior longevidade em tempo de construção, cuja obra teria sido iniciada há 2000 anos, tendo se estendido por 800 anos, podendo haver durado um milênio, período que coincide com o das primeiras incursões tupiniquins na baixada santista[21].

---

17 MARQUES. Adilson L. SOARES, Daniela Caroline C. COSTA, Wendel Alexsander Dalitesi. Arte e Estética nos Sambaquis da Ilha de Santo Amaro: o Olhar de Paulo Duarte, Niède Guidon e Fernando Lee. XVII Simpósio Internacional de Ciências Integradas – Campus Guarujá. 2020. p. 9-12.

18 GONZALÉZ e DE BLASIS. Ibidem. p. 106. Ver também VILLAGRAN, Ximena S. O que sabemos dos grupos construtores de sambaquis? Breve revisão da arqueologia da costa sudeste do Brasil, dos primeiros sambaquis até achegada da cerâmica Jê. Revista Museu Arq. Etn.São Paulo,2013. P. 142

19 Idem, p. 14.

20 Idem. p. 115.

21 Sobre o período total estimado de construção dos sambaquis já datados na Baixada Santista,

Assim como é incerto traçar a gênese do homem guarujaense, por não se saber quem primeiro cruzou a ilha, com ou sem canoa, tampouco se sabe quando o último homem depositou conchas em montanhas como parte de suas práticas cotidianas. Assim como é verdadeiro o ditado de que quem planta tâmaras não as colhe, o certo é que quem lançou a primeira concha não viveu para ver todas as outras que se depositariam sobre ela.

Apesar das incertezas que cercam o universo da arqueologia, certamente os povos sambaquieiros foram os primeiros a dominar o pântano e o mar, e nós os seus herdeiros culturais, haja vista os paralelos ainda existentes, em especial na culinária. E talvez até mesmo sejamos herdeiros étnicos dos primeiros agrupamentos humanos aqui existentes.

Com frutos do mar em nossa dieta alimentar, erguendo monumento aos nossos mortos, cozinhando a nossa refeição, manifestando os nossos dons artísticos, vivendo no litoral e atravessando as águas para transitar de um lugar ao outro, todos temos isto em comum. Eles, em um extremo da linha da vida, ao fim do período neolítico, iniciando seu processo de fixação na terra. Nós, no outro extremo, mas interligados por práticas, que ora similares, ora divergentes, nos unem em um mesmo habitat.

A construção dos sambaquis na região teria durado até, aproximadamente, mil anos atrás, época em que os grupos indígenas, com outras técnicas, chegaram ao litoral. Tal fato, provavelmente, fez com que a cultura dos sambaquieiros chegasse ao fim. Ainda é cedo para afirmar que a sociedade dos sambaquis foi exterminada pelos grupos tupi-guaranis que vieram em seguida. É possível, inclusive, que parte dela tenha sido incorporada aos novos habitantes do local. Mas o fato é que, com a chegada de uma nova onda migratória composta por pessoas que dominavam a cerâmica e a agricultura, o hábito de erguer os montes de conchas cessou[22].

O fato é que novos dominadores do território chegariam ao local, encerrando um ciclo que em terras guarujaenses havia durado, no mínimo, mais de 4 mil anos [23]. Já os mortos, por tanto tempo protegidos pela técnica milenar, teriam, em muitos dos casos, seus ossos triturados e suas cinzas usadas nas primeiras casas e fortalezas aqui erguidas. E os poucos sambaquis que ainda restam, que diferente dos três citados, ainda não foram explorados em caráter científico, carecem urgentemente de medidas que visem sua exploração sistemática e preservação [24].

---

ver GONZÁLEZ e DE BLASIS. Ibidem. p. 115.

[22] VILLAGRAN, Ximena S. Ibidem. p. 146, 148.

[23] Período entre o início da construção do sambaqui Mar Casado, e o fim da construção do sambaqui Buracão, respectivamente, o mais antigo e o mais recente na Ilha de Santo Amaro. Ver em GINZALÉZ e DE BLASIS. Ibidem. p. 115.

[24] Na obra de GONZALEZ e DE BLASIS, já citada, ou no site do IPHAN, ver em portal.iphan.gov.br, é possível encontrar referências a sambaquis, localizados nos últimos anos, em Guarujá, cujos execução de novos trabalhos de pesquisa em futuro próximo podem auxiliar com mais respostas sobre os grupos sambaquieiros que aqui viveram.

Com relação aos homens e mulheres dos sambaquis, fica a pergunta: O que nos separa deles além do tempo? Nossa Miss Sambaqui carregava consigo algo de dona Odete, buscando alimento à beira do canal de Bertioga.E neste sentido, passado e presente dialogam um com o outro, e está é a razão de ser da História.

Assim a cidade vai fazendo jus ao seu nome de pérola do Atlântico, com os primeiros indícios da vida guardados sob as conchas. E apesar desta primeira trajetória humana ter tido um fim, para a saga dos homens na ilha, esta seria apenas mais uma entre tantas outras páginas que se seguiriam.

Capítulo 2:
A passagem estreita

Dona Margarida[25] serve o café. A mesa é posta. Sua vivacidade bem esconde os noventa e um anos de idade que carrega consigo. Tão agradável quanto sua hospitalidade são as memórias que tem a partilhar. Moradora há muitos anos no bairro Helena Maria [26], teve sua vida inteira vinculada à ilha de Guaibê[27], bem como a de seus ancestrais.

O nome que lhe foi dado ao nascer não veio do acaso. Homenageava uma de suas bisavós, de nome Margarida Rosa de Oliveira[28]. Segundo uma das versões da história oral, esta teria sido uma índia tupiniquim, moradora da região do Tortuga, na praia da Enseada, e lá conheceria Manoel Benedito dos Santos, que mais tarde seria faroleiro na ilha da Moela[29].

Além do vínculo com o passado que carrega em seu nome, dona Margarida tem em sua veia o sangue dos Jorge, sobrenome cujas histórias compartilhadas por famílias antigas em Guarujá sempre remetem a um grupo de origem indígena, cujas raízes se perdem no tempo. Para nossa personagem, seu avô João Batista Jorge, casado em 1878 na Fortaleza da Barra Grande[30], era bugre[31] nome comumente dado aos filhos mestiços de nativos com pessoas de origem europeia.

O que nossa entrevistada não sabia, mas a pesquisa documental ajudou a revelar, é que suas raízes familiares, duzentos anos atrás, remontavam um único lugar: Praia da Enseada, nas proximidades do lugar conhecido em língua nativa como Tejereba[32]. No ano da independência do Brasil, cercado por diversas famílias de origem branca, estava a unidade familiar de Francisco Jorge e Maria Marcelina, clã de pessoas referidas no censo como pardas, casal ancestral comum de todos os Jorge que

---

25 Entrevista concedida por Margarida Neta de Oliveira em 16/09/2021

26 Bairro localizado em Guarujá/SP.

27 Nome atribuído à ilha de Santo Amaro. Aparece na documentação desde a primeira metade do século XVI.

28 Fontes documentais sobre Margarida Rosa de Oliveira, bem como de outros nomes aqui referidos, foram obtidos com pesquisa nossa. Foram feitas buscas em registros civis dos cartórios de Bertioga e Guarujá, bem como em cópias dos assentos paroquiais através da Coleção Costa e Silva, pesquisados na Fundação Arquivo e Memória de Santos.

29 De acordo com relato oral encontrado em https://www.costanorte.com.br/especiais/bertiogaespecial/a-atra%C3%A7%C3%A3o-irresist%C3%ADvel-dos-peixes-1.17735. Vale ressaltar, no entanto, que a entrevista em questão faz algumas trocas de nomes, notadas por nós através da pesquisa documental.

30 Coleção Costa e Silva Sobrinho. Vol. 4. Fundação Arquivo e Memória de Santos.

31 Informação fornecida pela neta Margarida, aqui entrevistada.

32 Lista nominativa de população de Santos de 1822. Na época, a ilha de Santo Amaro era pertencente à vila e depois cidade de Santos, apenas se emancipando como cidade autônoma em 1934. Ver lista nominativa em http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0184z52.htm.

ainda se intitulariam descendentes de indígenas, mesmo que ignorem este fato[33].

A presença indígena na baixada santista começou por volta do ano 1000 d.C, período que corresponde com o final da Era sambaquieira[34]. Os tupis, diferentemente do grupo anterior que ergueu os sambaquis, dominavam melhor técnicas de plantio e o fabrico de cerâmica para armazenas e transportar alimentos. E embora tivessem uma ligação maior com a região do planalto, possuíam amplo domínio das regiões costeiras, território que mapearam e que fazia parte de sua vida cotidiana[35].

À ilha deram o nome de Guaibê[36], e sua íntima relação com o espaço também sobreviveu em outros nomes que resistem ao tempo: Itapema é a pedra quebrada mais de uma vez[37], Pernambuco, o buraco no meio do mar, provável referência à brecha existente entre a praia homônima e a do Mar Casadon[38]. Monduba representa o ruído provocado pelo choque das ondas com as rochas[39], e Guarujá, a passagem estreita de um lado ao outro, que mais tarde daria nome a todo o município[40].

Quem já ouviu falar nos rios Maratuá, Crumaú, Acaraú, Emboaba e Icanhema, ou nas praias do Iporanga, Sangava e Guaiúba, ou ainda na serra do Guararu, muitas vezes ignora que estes lugares foram percorridos por um importante povo, aqui estabelecido há mais de um milênio. Ao migrarem do norte, os grupos tupis se depararariam com a expansão guarani na região sul, sendo mais viável para eles a sua fixação no planalto do Piratininga, onde mais tarde se formaria a cidade de São Paulo[41].

As faixas litorâneas, no entanto, eram usadas para a caça, pesca, coleta de sal e para outras formas de extrativismo, sempre com o objetivo de abastecimento do grupo[42]. Se as porções de terra que formavam Guaiaô (Ilha de São Vicente) e Guaibê (ilha de Santo Amaro) estavam sob o domínio tupiniquim, ao norte ficavam seus principais rivais, os tupinambás, com os quais viviam em constantes guerras[43].

---

33 Segundo resultado de pesquisa por nós realizada, Margarida Neta é trineta de Francisco Jorge e Maria Marcelina, família de agregados que vivia na praia da Enseada no início do século XIX. No censo de 1822 a família aparece como parda, em provável alusão à sua etnia indígena.

34 PEIXOTO, Fábio. Disponível em https://super.abril.com.br/historia/empilhadores-de-conchas/

35 PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS. 2005. Disponível em: https://silo.tips/download/prefeitura-municipal-de-santos-estancia-balnearia-secretaria-de-educaao-departam-3

36 A origem do nome Guaibê suscita debate. Há, inclusive, uma teoria de que a palavra seria de origem semita, conforme https://www.novomilenio.inf.br/guaruja/gh003.htm. No entanto, optaremos pela visão tradicional de origem tupi, que, ao nosso ver, parece se ajustar melhor aos estudos já consolidados quanto à etimologia da palavra em questão.

37 Ver em https://www.itapemapraia.com.br/significado-da-palavra-itapema.php

38 Ver em https://www.dicionarioetimologico.com.br/pernambuco/

39 Ver em https://www.novomilenio.inf.br/guaruja/gh031b.htm

40 Para etimologia referente ao nome da cidade, consultar citação ao trabalho de Francisco Martins dos Santos em http://unidon.edu.br/museu/historia/historia_historiaguaruja.html

41 PEIXOTO, Fabio. Ibidem.

42 PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS. Ibidem.

43 PEIXOTO, Fabio. Ibidem. Ver também SCHADEN, Egon. Os primitivos habitantes do ter-

Sobre o modo de vida tupiniquim, que por sua vez estava intimamente entrelaçado a Guaibê, cabe ressaltar que tais grupos viviam em tabas, tinham técnicas de cultivo, que muitas vezes incluíam queimadas como forma de expansão agrícola. Nessa sociedade, os homens tinham função guerreira e de caça e pesca, enquanto as mulheres estavam mais ligadas às estações de plantio e colheita[44].

Conheciam o ciclo dos peixes, os períodos propícios a práticas pesqueiras, em especial da tainha, peixe de grande abundância no litoral entre os meses de março a junho. Também entendiam das épocas adequadas ao plantio da mandioca e de outros tubérculos. Possuíam suas guerras e ritos, seus códigos de honra e valentia, suas leis de hospitalidade e saberes sobre as dádivas da natureza[45].

No entanto, esta relação vital e mística, fundamental à manutenção do equilíbrio e da existência, estaria prestes a ser quebrada, quando as embarcações dos peró, nome dado pelos tupis aos portugueses, passariam a cortar a imensidão azul avistada de Guaibê, isto a partir do início do século XVI. Era o encontro de dois mundos, que traria um alto custo aos tupiniquins ali estabelecidos por séculos.

Sobre a presença indígena na ilha de Santo Amaro, Alonso de Santa Cruz, cartógrafo espanhol, declara, ainda na primeira metade dos mil e quinhentos, que "dentro do porto de S.Vicente há duas ilhas grandes habitadas de índios [46]", e Leonardo Nunes, padre jesuíta, declara na primeira metade do mesmo século, em sermão feito por ele na vila de Santos, que ali "concorreu muita gente da vila [...] que se diz Santo Amaro [...] do qual se seguiu algum fruto[47]". Ambos os trechos trazem referência a homens e mulheres de Guaibê, em suas primeiras décadas de contato com o desconhecido, porém já incorporados à lógica de dominação portuguesa.

Segundo um autor da cidade, as bases da catequese foram estabelecidas na ilha, contando com algumas construções que passaram a servir para este fim, como uma capela no

ritório paulista. 1954.

[44] Sobre as práticas tupis, ver Britannica Escola Tupinambá. sd. Disponível em: https://escola.britannica.com.br/artigo/tupinamb%C3%A1/483613. Acerca da relação cultural estreita entre tupiniquins e tupinambás, consultar SCHADENS, Egon. Ibiden. p. 390.

[45] Idem.

[46] Reprodução do relato de Alonso de Santa Cruz, 1526, em página do Novo Milênio. Disponível em: http://www.novomilenio.inf.br/santos/mapa86g.htm.

[47] HUE, Sheila Moura. Primeiras cartas do Brazil, 1551-1555. 2006. p. 94.

Morro dos Macacos, o convento da Paciência e o sítio Conceiçãozinha, pertencente aos jesuítas, onde se ministravam os ritos e sacramentos. Importante também ressaltar a ação dos conhecidos padres José de Anchieta e Manoel da Nóbrega nesta empreitada[48].

Se aos tupiniquins, grupos com os quais os portugueses estabeleceram aliança, cabia certa cooperação, contanto que aqueles fossem incorporados ao ideal de civilização luso e lhes dessem as filhas da terra em casamento, aos grupos hostis à dominação portuguesa, como tupinambás e carijós, cabia a perseguição, a escravização e o extermínio.

Um exemplo disso pode ser citado no caso de Hans Staden, alemão que serviu como artilheiro do forte de São Filipe[49], na porção norte da ilha, e que tinha a seu dispor um escravo carijó para auxiliá-lo na caça[50]. E Pascoal Fernandes, um povoador genovês, declara, em confirmação de sua carta de sesmaria, que tinha alguns "índios principais da terra", responsáveis pelo trabalho de roça[51].

As pretensões portuguesas em Guaibê, no entanto, não ocorreram sem represália. Em 1548, Luis de Góes, membro de uma família de povoadores que provavelmente deu nome à praia do Góes, escreveu uma carta ao rei de Portugal, pedindo reforços contra as ofensivas indígenas no litoral brasileiro[52].

Por fim, a resistência indígena e o protesto contra o acordo entre portugueses e tupiniquins puderam ser mais sentidos no episódio que ficou sagrado na história como confederação dos tamoios. O forte de São Filipe, construção portuguesa para defesa do canal de Bertioga, foi devastado, o alemão Hans Staden aprisionado, o projeto que faria da ilha de Guaibê uma vila e cabeça da capitania de Santo Amaro, foi comprometido, e o capitão Jorge Ferreira, um dos principais idealizadores da primeira autonomia administrativa da ilha, teria seu filho devorado num ritual antropofágico pelos tupinambás durante o conflito[53].

Em 1562, oito anos após o início da ofensiva, o já citado Pascoal Fernandes declarou que ele e sua família tinham se tornado os únicos moradores da ilha[54]. E mesmo José de Anchieta, três décadas após o embate, declarou que Guaibê havia sido a princípio povoada pelos portugueses, mas pelos constantes ataques dos índios, aliados dos tupinambás vindos do Rio de Janeiro, a ilha, naquele momento específico, havia se despovoado[55]. Era o resultado da resistência indígena mostrando suas marcas contra a

---

48 NUNES, Urbain G, Censo e ocupação itapemense. 2013. Disponível em: http://almanarkitapema.blogspot.com/2013/04/censo-e-ocupacao-itapemense.html.

49 Também chamado de forte de São Luiz a partir do século XVIII. Ainda hoje suas ruínas se encontram em Guarujpa/SP.

50 STADEN, Hans. Duas viagens ao Brasil. 2008. p. 49.

51 MADRE DE DEUS, Frei Gaspar da. Memórias para a história da Capitania de São Vicente hoje chamada de São Paulo. 3 ed. 1920. p. 289.

52Arquivo do Estado de São Paulo. Esclarecimentos de fatos da História de São Paulo 1917. p. 9-12.

53 STADEN. Ibiden. p. 49, 88.

54 MADRE DE DEUS, Frei Gaspar da.Ibiden.

55 ANCHIETA, José de. Obras completas do padre José de Anchieta. MonumentaAnchieta.

presença dos peró no litoral.

No entanto, apesar da relação entre europeus e indígenas ter se mostrado conflituosa desde o princípio, inevitavelmente se cruzariam, manifestando o resultado desta colisão em práticas culturais e no sangue de uma geração de mamelucos, que ainda carregaria consigo, consciente ou inconscientemente, a força de seus ancestrais indígenas, apesar de, gradativamente, a presença colonizadora europeia ir dominando territórios na região.

Apesar disso, a língua tupi só seria proibida pela Coroa Portuguesa em território brasileiro no século XVIII[56]. Permaneceria apenas em nomes como Paecará, Tejereba e Sorocotuba. Mas muito do conhecimento, cultura e memória indígenas ainda passariam de pai para filho até chegar a grupos reduzidos, como os de Francisco Jorge e Maria Marcelina, que no início dos oitocentos se resumiam a uma família de pardos, agregados de um dos sítios da ilha de Santo Amaro, forasteiros em terras as quais, em outros tempos, seus próprios ancestrais deram nome[57].

Alguns anos depois a família de remanescentes indígenas aqui mencionadas se estabeleceria próximo a uma das faixas de areia da serra do Guararu. Ali, num sítio em Camburi, outra praia de nome tupi, uma nora do casal receberia um pedaço de terras para criar seus filhos[58]. Entre suas crianças estaria João Batista, avô bugre da nossa personagem. Este, ainda que por pouco tempo, mais tarde também conseguiria ser proprietário de um pedaço de chão na praia do Iporanga, nome que na língua mãe significa rio bonito[59]. Praia está em que, em 31 de agosto de 1929, desabrocharia a pequena Margarida, que hoje quase centenária, segue firme o curso da vida, tal como seus ancestrais.

1989. p. 38.

56 SCHADEN, Egon. Ibiden. p. 394.

57 No tombamento dos bens rústicos de Santos de 1817, pertencente ao acervo do Arquivo do Estado de São Paulo, Francisco Jorge e sua esposa sequer são mencionados entre os proprietários rurais locais, apesar de neste momento já viverem na região da praia da Enseada

58 .Iporanga corresponde à praia homônima na parte leste do Guarujá, onde hoje existe um condomínio de alto padrão.

59 Conforme https://www.dicionarioinformal.com.br/iporanga/.

Capítulo 3:
Para o nosso mar

Mirinha e Jairo são irmãos[60]. Num sábado à tarde sentam-se à varanda do velho sítio Cachoeira[61] para relembrar das histórias que ali viveram na infância. Numa saudosa conversa, mostram as bases de pedras sobrepostas que sobrou da casa vizinha.

Ali, na referida propriedade, seus pais haviam se casado e seus irmãos nascido. Ali também a avó deles havia passado o resto de seus dias, cujos pratos de camarão com chuchu ainda permaneceriam na memória dos netos. Ali, ainda, o avô de ambos, professor municipal, havia arrebanhado a numerosa família e outras crianças das redondezas para dar-lhes as primeiras letras[62]. Ali também, pouco mais à frente, ainda permanecem de pé as ruínas do antigo alambique que pertenceu ao capitão Gabriel Bento de Oliveira, o patriarca daquela família, homem que no passado havia adquirido aquele sítio de outros parentes, que ali já moravam muito tempo antes dele[63].

O início da saga do clã de Gabriel Bento em Guarujá se perde no tempo, em um passado onde as ricas histórias não puderam mais ser transmitidas de pai para filho. Em um tempo tão perdido e distante de tudo como João Ramalho[64], misterioso português que pisou nestes trópicos pela primeira vez ainda no início do século XVI, homem cuja origem em Portugal ainda é cercada de incertezas.

Era o início da colonização europeia nas Américas e na baixada santista, e tal momento histórico, ainda que distante, deixaria suas marcas no DNA e no estilo de vida de milhões de brasileiros, a exemplo de Jairo e Mirinha, que mesmo sem saber, carregam em seu sangue a herança de Ramalho, décimo sexto avô do casal de irmãos[65].

---

60 Entrevista concedida por Jairo da Silva e Aldemira da Silva em 2 de janeiro de 2021.

61 Antiga propriedade rural localizada entre os quilômetros 12 e 14,4 da Estrada Guarujá-Bertioga, na Serra do Guararu, hoje repartida entre diversos proprietários.

62 Respectivamente, Maria da Glória de Oliveira e esposo Gabriel Bento de Oliveira Filho, este último professor municipal, homenageado com nome de antiga escola localizada onde ele lecionava.

63 O Capitão Gabriel Bento de Oliveira, bisavô de Jairo e de Mirinha, adquirira o sítio Cachoeira de Candida Olintho de Carvalho e Oliveira, sua tia-avó, em 11 de abril de 1876, conforme documento guardado pela família.

64 Trata-se de João Ramalho, explorador português, sobre o qual já existe ampla e controversa bibliografia. Ramalho já estava na região de São Vicente quando da chegada de Martim Afonso de Souza em expedição colonizadora em 1532.

65 O Capitão Gabriel Bento de Oliveira, por linha paterna, é descendente de João Ramalho, o que faz do explorador quinhentista 16º avô de Jairo e Mirinha. Tais conclusões foram obtidas por nós com um estudo cuidadoso de cópia dos registros paroquiais de Santos, através do Fundo Costa e Silva Sobrinho, da Fundação Arquivo e Memória de Santos, bem como com o uso da clássica Genealogia► Paulistana, de Luiz Gonzaga da Silva Leme, referência em estudos genealógicos das famílias paulistas,

Ele era apenas um dentre tantos outros lusitanos que rumaram por mares nunca antes navegados para explorar o Novo Mundo, cujas marcas seriam deixadas nas veias de muitos outros guarujaenes, assim como foi deixado nos irmãos aqui citados.

O primeiro contato entre a Europa e a ilha de Guaibê provavelmente tenha se dado em janeiro de 1502, quando a armada de Américo Vespúcio, responsável pelo reconhecimento do novo continente a mando de Portugal, esteve nas proximidades do local que seria um dos primeiros povoados pelos ibéricos naquele início da Idade Moderna[66]. E não tardaria para que uma expedição colonizadora, chefiada por Martim Afonso de Souza, ali fincasse os pés, em 21 de janeiro de 1532, numa faixa de areia na porção norte da chamada Ilha do Sol[67].

Não se sabe ao certo como, mas nessa época João Ramalho já vivia em São Paulo e estava bem relacionado com os tupiniquins, fato que foi fundamental para que Portugal tivesse seu primeiro contato com os nativos e também se apossasse do território onde hoje é a cidade de Guarujá.

No projeto de expansão ultramarina do domínio português, não demoraria para que a Coroa lusa se apropriasse das terras que formavam a ilha de Guaibê e aqui distribuísse sesmarias aos nobres que acompanharam a expedição de Martim Afonso. Este fato comprometeria profundamente a antiga relação da etnia tupi com seu espaço de caça, pesca e banhos de mar. Era Portugal chegando ao litoral brasileiro com suas ins-

disponível em: http://www.arvore.net.br/Paulistana/.

66 Vaz cita SANTOS, Franccisco Martins dos. Pequena História de Guarujá. 1967/1968, p. 4, como fonte para a Armanda de André Gonçalves e Américo Vespúcio em 22 de janeiro de 1502 na praia de Santa Cruz dos Navegantes. Ver: VAZ, AngelaOmati Aguiar. Guarujá: Três momentos de uma mesma história. 2010. p. 19. No entanto, há certa dificuldade no rastreio de dados mais específicos sobre os lugares mencionados nas viagens de reconhecimento da costa brasileira no início do século XVI. Conforme bem defende PERUGORRIA, Carlos Alberto Fabra. São Vicente primeiros tempos. s/d. p. 33, não restam dúvidas que a armada de Vespúcio esteve em São Vicente em 1502, como atestam mapas posteriores que mencionam o local. Mas sobre qualquer contato dos portugueses com a ilha nesta data, não encontramos fontes que atestem isto.

67 SOUZA, Pero Lopes de. Diário da Navegação que foi à terra do Brasil em 1530. 1838. p. 58. Achamos prudente não colocar o nome da praia mencionada, cuja bibliografia parece oscilar entre a praia do Góes e a praia de Santa Cruz dos Navegantes, ambas em Guarujá/SP. Os relatos ainda parecem confundir informações da armada de 1502 com a de 1532, conforme já sugerido na nota anterior.

Sobre o termo Ilha do Sol, trata-se de um nome alternativo para a Ilha de Santo Amaro ou Guaibê, encontrado com esta nomenclatura no diário de bordo de Pero Lopes de Souza.

tituições, aparatos administrativos e muita sede de exploração econômica do território, que a partir de então seria incorporado de forma definitiva em suas rotas marítimas. A Europa, a partir de então, faria do litoral de Guaibê o novo ***mare nostrum***[68], termo que em latim significa nosso mar, hoje grafado na bandeira oficial do município.

Na primeira divisão do Brasil em capitanias hereditárias, datada de 1534, a ilha em forma de dragão ficou sob a donataria do próprio Martim Afonso. E como parte do esperado, ele e seus representantes no poder passariam a distribuir latifúndios aos portugueses aqui instalados. Prova disto é que apenas dois anos depois as terras do lado oeste da ínsula seriam concedidas por seu loco tenente ao português Estevão da Costa, o primeiro sesmeiro da região que se tem documentos[69]. Em mapas do século XVI, ainda era possível ver a fazenda de Estevão representada onde hoje é a Fortaleza da Barra Grande[70].

Não tardou para que os europeus que acompanharam a armada afonsina, e outros que vieram ao Brasil em seguida, passassem a derrubar matas virgens e criar fazendas que dessem algum tipo de retorno econômico à Coroa, para fazer valer a empreitada lusitana no novo chão do qual se apossara. Um desses aventureiros foi o rico genovês José Adorno. Homem religioso, casado com uma neta de João Ramalho, além de ser um dos benfeitores da Companhia de Jesus, por volta de 1544 seria o responsável pela construção de uma capela na sesmaria do mencionado Estevão da Costa, construção esta cujo orago escolhido, de nome Santo Amaro, daria nome a toda a ilha, que até então era chamada apenas de Guaibê[71].

Jorge Ferreira, outro português que também recebera uma sesmaria na parte norte da ilha, onde atualmente se encontra instalado o distrito de Vicente de Carvalho, foi um homem que teve um papel fundamental para que Guaibê se desvinculasse do domínio de Martim Afonso e passasse a sediar uma nova capitania, de nome Santo Amaro, que passaria a estar sob posse dos herdeiros de Pero Lopes de Souza, irmão de Martim Afonso. O dito Ferreira se tornara capitão e ouvidor mor da capitania em questão, e sua ação pretendia que o controle de todo o território de Pero Lopes, que se estendia de Bertioga até Caraguatatuba, fosse administrado por uma vila criada na ilha de Santo Amaro do Guaibê. Era um projeto ousado, um princípio de civilização que passaria a existir naquela porção de terra pantanosa, mas que em breve seria ameaçado pelos antigos donos do litoral paulista[72].

Jorge Ferreira era genro de João Ramalho, e este, por sua vez, genro do cacique tupi-

---

68 PRO MARE NOSTRUM, que em latim significa "para o nosso mar", era uma referência usada pelos romanos na antiguidade para se referir ao Mar Mediterrâneo, termo este que Guarujá tomou por símbolo na concepção de sua bandeira oficial.

69 MADRE DE DEUS, Frei Gaspar da. Memórias para a história da Capitania de São Vicente hoje chamada de São Paulo. 3 ed. 1920. p. 125.

70 Mapa do litoral Sudeste – Cerca de 1600. Parte do Códice da Biblioteca da Ajuda. Disponível em: http://www.novomilenio.inf.br/santos/mapasnm.htm

71 MADRE DE DEUS, Frei Gaspar da. Ibidem. p. 158.

72 Idem. p. 280-182.

niquim Tibiriçá, o maioral daquelas regiões. Era uma das maneiras que os portugueses encontravam de criar alianças com os grupos nativos, estabelecendo relações de parentesco ao tomar as filhas dos maiorais da terra como esposas, e assim garantir sucesso em sua empreitada de domínio e ocupação da faixa litorânea. Além de Jorge, outros familiares seus, com o seu sogro João Ramalho e seus cunhados, filhos de Ramalho, estariam entre os primeiros possuidores de faixas de terras na ilha de Santo Amaro[73].

Não tardaria também para que as primeiras edificações portuguesas passassem a ser erguidas ali. Em 1552 era a vez da construção do Fortim de São Filipe, crucial para evitar que os tupinambás e outros grupos hostis adentrassem o canal de Bertioga e atingissem as vilas incipientes[74]. Oito anos depois, era a vez da ermida de Santo Antônio do Guaibê ser estabelecida no leste da ilha[75]. Uma vez moídos, os milenares sambaquis passaram a ser misturados a óleo de baleia e serviriam de argamassa às pedras sobrepostas na extremidade leste da ilha, e o espaço passaria a ser utilizado por jesuítas, como o padre José de Anchieta, para catequização dos grupos tupis que ali restavam.

Conchas trituradas, indígenas suprimidos, e a Europa lançando as bases da "civilização" nas Américas. E assim os três primeiros capítulos de Guarujá colidiam, à semelhança dos materiais mesclados que passariam a dar origem a capelas e fortificações na nova Santo Amaro.

No entanto, a resistência tupinambá foi fundamental para alterar os rumos que a colonização portuguesa pretendida na ilha. Se antes da ofensiva existia um engenho de cana de açúcar, fazendas e um sonho desbravador, tal projeto se viu postergado pela resistência dos naturais da terra. Era a Confederação dos Tamoios[76] dizendo não à ocupação lusitana, e apesar da derrota tupinambá depois de mais de uma década de luta, os efeitos colaterais do plano ambicioso de Jorge Ferreira, também ancestral dos nossos dois personagens, ainda seriam sentidos por muito tempo.

Sem administração própria em seu território, os moradores da ilha de Guaibê passariam a recorrer às instituições administrativas da capitania vizinha. Nas palavras do jesuíta sobre a capitania de Santo Amaro: "foi a princípio povoada com seu capitão e moradores e um engenho de açúcar, mas com a perseguição contínua dos tamoios, índios do Rio de Janeiro, se despovoou, nem tem justiça particular, tudo se reputa por São Vicente.[77]"

No entanto, no último quartel do primeiro século de colonização, Anchieta também revelava em suas cartas que a ilha de Santo Amaro passara a ter papel decisivo na defesa das

---

73 Idem. p. 281.

74 Disponível em: https://www.novomilenio.inf.br/guaruja/gfoto015.htm

75 Disponível em: https://www.novomilenio.inf.br/guaruja/gfoto009.htm

76 Para Confederação dos Tamoios, revolta nativista ocorrida entre 1554 e 1567, ver breve introdução em BRITO, Karine Ferreira. 2016. Disponível em: https://www.infoescola.com/historia-do-brasil/confederacao-dos-tamoios/

77 ANCHIETA, José de. Obras completas do padre José de Anchieta. Monumenta Anchieta. 1989. p. 38.

vilas de Santos e São Vicente[78]. A fortaleza da Barra Grande, nas terras do velho Estevão da Costa, primeiro sesmeiro, foi construída por Diogo Valdez em 1584, e o forte de São Filipe foi reforçado por Jorge Ferreira em 1557 após o ataque tupinambá que dizimou um de seus filhos. Tais medidas seriam fundamentais para garantir a prosperidade da capitania vizinha, uma vez que a guarnecia as vilas de Santos dos ataques indígenas e franceses[79].

Apesar de seu insucesso enquanto cabeça de capitania, ao fim do século XVI a ilha de Santo Amaro contava com fazendas para o fabrico de cana de açúcar, entre eles o engenhos de Estevão Raposo, de Bartolomeu Antunes, de Manoel de Oliveira Gago, chamado Apresentação e o de Manoel Fernandes, chamado de Santo Antonio. Isto evidencia que, além de sua função ser meramente de proteção, a ilha de Santo Amaro ainda estava bem articulada ao sistema colonial português, apesar do ônus que obteve no início[80].

No século seguinte, a imprecisão das fronteiras ainda faria com que a ilha de Santo Amaro, bem como as vilas de Santos e de São Vicente, fossem objeto de disputa entre os herdeiros de Martim Afonso de Souza e os de seu irmão, Pero Lopes de Souza. Com isto, o território concernente à ilha de Guaibê, que naquele momento se via administrado pela capitania vicentina desde o fim da revolta nativista, passaria a estar sob o domínio do conde de Monsanto, herdeiro da capitania de Pero Lopes, a partir de 1621[81]. E entre a disputa de tupinambás e aliados dos portugueses, e entre os conflitos dos pretensos donos das capitanias irmãs, a ilha de Santo Amaro seguia incorporada ao projeto português de domínio do território, ainda que de forma tímida.

As fontes documentais que contribuem para uma maior compreensão do modo de vida na ilha no século XVI são escassas. Sabe-se, no entanto, que apesar dos ataques indígenas, do insucesso dos engenhos de açúcar após as décadas iniciais, ou dos pleitos judiciais entre os descendentes dos primeiros donatários, o espaço foi continuamente ocupado no período colonial.

Um indício disto são as representações cartográficas da época, que ilustram construções amontoadas em pontos específicos da ínsula[82], ou ainda uma solicitação de sesmarias feita por Duarte de Barros Araújo em 1640, que era "casado com filha e neta de povoadores" do local, e desta forma requeria terras na ilha para retirar lenha para o seu engenho. No processo, ele também citava ao menos mais três vizinhos com sítios nas proximidades, o que evidencia que Guaibê nunca deixou de ser povoada apesar das

---

78 Durante todo o século XVI, as vilas de São Vicente (1532) e de Santos (1546) faziam parte da capitania de São Vicente.

79 ANCHIETA, José de. Obras. Ibidem.

80 NUNES, Urbain G. Ilha de Santo Amaro. 2011. Disponível em: http://almanarkitapema.blogspot.com/2011/05/ilha-de-santo-amaro.html.

81 FILHO, Amilcar Torrão. A marinha destronada: ou a famigerada São Vicente derrotada pela Rochela paulista. A afirmação de São Paulo como cabeça de capitania (1681-1766). História (São Paulo), vol. 30 nº1. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/his/v30n1/v30n1a07.pdf

82 Pode-se citar o mapa da Ilha de São Vicente por Philip Ziegler de 1617, o mapa da Baixada Santista de 1698, o Costa Sul Sudeste de 1719 e outros, disponíveis em: http://www.novomilenio.inf.br/santos/mapasnm.htm.

dificuldades enfrentadas nos primeiros séculos de ocupação portuguesa[83].

As instituições religiosas também, desde a distribuição das primeiras sesmarias na ilha, passaram a ser possuidoras de terras ali. Nesse mesmo período, a Ordem dos Carmelitas, por exemplo, por carta de confirmação de 1627[84], declarou ser detentora de três léguas de testada[85], nas quais se formariam o sítio Acarahy ou Vargem Grande. Posteriormente, em 1760, a Ordem também receberia o sítio Ostreira, através da doação de uma devota de nome Maria do Espírito Santo[86]. Havia ainda o sítio Conceição, na região setentrional da ínsula, pertencente à Companhia dos jesuítas até a sua expulsão ocorrida no século XVIII[87].

Todos estes indícios anteriores apontam que, a despeito das ocupações esparsas, Igreja e Estado português, na figura de seus súditos, sempre estiveram presentes na dinâmica de ocupação territorial que fez parte da ilha, e as marcas disso sobreviveram ao tempo.

Se o ano de 1748 representou um recuo para a independência política e administrativa da Capitania de São Paulo, devido à junção das antigas capitanias de São Vicente e Santo Amaro, que ao fim das disputas entre pretensos herdeiros se uniram para pertencer à Coroa Portuguesa, em menos de duas décadas a autonomia seria devolvida ao território, com grandes investimentos por parte dos novos governadores da capitania, o que inclui o incentivo à agricultura, o fortalecimento das atividades portuárias em Santos e o reparo das antigas fortificações existentes[88].

Às vésperas da independência do Brasil, a ilha de Santo Amaro contava com dezenas de propriedades agrícolas, em sua maioria, herdadas ou compradas dos descendentes dos primeiros sesmeiros que ali se estabeleceram[89]. E apesar de quase três séculos terem se passado desde a distribuição das primeiras cartas de posse, o latifúndio ainda era uma realidade constante na ilha. Algumas dessas fazendas ainda produziam feijão, milho, cana de açúcar, café, mas principalmente arroz e farinha de mandioca[90].

---

83 Pedido de sesmaria de Duarte de Barros Araujo, de 1640. Referência disponível em: http://www.projetocompartilhar.org/sesmarias.htm.

84 COELHO, H. V. C. Povoadores de São Paulo: Mestre Bartolomeu Gonçalves: Adendas às primeiras gerações. Revista da ASBRAP nº 17. P. 121-122. Disponível em: http://www.asbrap.org.br/documentos/revistas/rev17_art7.pdf

85 Apesar das medidas antigas por vezes parecerem imprecisas, por vezes exageradas, dão dimensões do quanto o latifúndio era uma realidade presente na ilha. As terras em questão, grosso modo, mediriam cerca de 19,8 quilômetros, e isto contando apenas a parte frontal da propriedade. Referem-se a parte considerável do atual distrito de Vicente de Carvalho.

86 MARQUES, Elizabeth Gonçalves. História e Arte Sacra do conjunto carmelita de Santos. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2007. p. 54.

87 NUNES, Urbain G, Censo e ocupação itapemense. 2013. Disponível em: http://almanarkitapema.blogspot.com/2013/04/censo-e-ocupacao-itapemense.html.

88 MONT SERRATH, Pablo Oller. Governadores de um novo tempo: o império português, a capitania de São Paulo e a administração do Morgado de Mateus.sd. p. 5.Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/revista_do_arquivo/01/artigo_05.php.

89 Tombamento dos bens rústicos da Vila de Santos de 1817. Arquivo do Estado de São Paulo.

90 Lista nominativa de população de Santos de 1817. Arquivo do Estado de São Paulo.

Entre os proprietários de terras da metade do século XIX estaria o capitão João Antonio de Paula e Oliveira, antigo dono do sítio Cachoeira, descendente dos europeus ali estabelecidos três séculos antes[91]. Com a morte do capitão, a propriedade passaria para as mãos de sua esposa. Esta, por sua vez, venderia as terras a outro futuro capitão, de nome Gabriel Bento, bisavô de Jairo e Mirinha, entrevistados neste capítulo.

O dito Gabriel, apesar de dono de certa extensão de terra, na qual se esforçou para manter o fabrico de aguardente em sustento a sua numerosa família, faleceu sem muitos recursos, e não pôde passar a seus herdeiros algo além do sítio Cachoeira, repartido entre seus mais de vinte filhos, frutos de seus três casamentos. Ainda restaria um pequeno quinhão a cada um deles, que passaria de pai para filho até chegar a Jairo e Mirinha, os queridos irmãos que nos foram anfitriões, mostrando que a as raízes que nos ligam a um passado distante estão mais próximas do que podemos enxergar.

91 Registro nº73. Registro Paroquial de Terras de Santos. Em 1856, ocasião do registro, João Antonio de Paula e Oliveira já era falecido, cabendo a sua esposa e filhos a posse do sítio Cachoeira, que duas décadas depois, seriam vendidos à Gabriel Bento de Oliveira.

Capítulo 4:
África retumbante

Priscila[92] se emociona ao falar da mãe, mulher que foi persistente até ter dado o seu último suspiro. Lembra das lutas da infância. De ter perdido o pai ainda pequena, e da árvore que caiu e destruiu a casa da família ao pé do morro, e das dificuldades vividas nos tempos da escola junto aos irmãos. Os poucos recursos alimentares incluíam água da cachoeira para beber, além de chá de vinagre, farinha, e a comida escassa feita em fogão à lenha.

Muitas vezes o que a mãe, dona Clarioudeth Machado, conseguia para sustentar os pequenos, era apenas cabeça de espada, que conseguia em troca de um duro dia de trabalho enfrentado nos manguezais. Afinal, era do mangue que vinham as ostras e mariscos que lhe rendiam algum trocado, para evitar que os filhos dormissem sem ter o que comer.

Moravam no sítio Buracão, localizado no quilômetro 16 da Rodovia Arioval-do de Almeida Viana, lugar habitado há várias décadas por uma geração de mulheres guerreiras. A luta para permanecer ali foi árdua. Priscila recorda também da ocasião em que o Departamento de Estradas e Rodagens de São Paulo tentou remover as casas à beira da estrada, tentando tirar-lhes o pouco que a vida lhes poupara. Recorda também da epopéia que teve que enfrentar para buscar um teto entre os parentes e amigos. Em suas próprias palavras, uma trajetória de muito suor e choro.

Mas apesar dos dissabores, a alegria de viver. O som de música começa a tocar, atrai a vizinhança. O samba se ouve a distância. Tradição familiar. Desde que a preta Maria Camilo, naquele mesmo lugar, convidava a cercania para dançar. E esta não negava o folguedo herdado de outro continente. Era a África retumbante, que em Guarujá se fazia ecoar. Parteira, mulher festeira, a dita Maria, bisavó de Priscila, era senhora vivida, que em seu andar encurvado, e no seu falar pouco habituado, chamava a pequena menina carinhosamente de "presilha", como daquelas de amarrar cabelo.

A mãe de Priscila, antes de falecer, teve a chance de comprovar, através de um exame de DNA, o que a tradição familiar persistia em dizer, mas o processo histórico insistia em apagar. A família de Maria Camilo, no século XIX, havia atravessado o Atlântico nos porões de um navio. Ela mesmo, segundo contam seus descendentes, passou por condições análogas a da escravidão. E a imensa prole da velha matriarca, numerosa no sopé da serra do Guararu, configurava um expressivo grupo de remanescentes quilombolas, mostrando que Guarujá, a joia do Atlântico, também reluz como pérola negra, com um importante brilho em nossa história local, que ainda resiste para não ser ofuscado.

[92] Entrevista concedida por Priscila Machado Nunes em 27 de janeiro de 2021.

Embora tenha havido um declínio do investimento em engenhos de açúcar na ilha de Santo Amaro e na baixada santista como um todo, isto ainda no final do século XVI, as porções de terras espremidas entre as serras de Santo Amaro e Guararu e as faixas cercadas pelos manguezais e praias foram gradativamente sendo ocupadas por fazendas, com produção de gêneros básicos voltados à subsistência dos colonos e ao abastecimento da vila de Santos[93].

Dentro desta organização, de todo atrelada à lógica econômica de um Brasil colônia ajustado à metrópole, cabia a Portugal e a seus parceiros comerciais assolarem a África e abarrotarem os navios que cortariam o Atlântico rumo às Américas. Viriam homens, mulheres e crianças do Congo, da Costa da Mina, de Moçambique, de Cassange, Benguela e Ganguelas, estas três na Angola, e ainda seriam outros classificados como Monjolos, Cabindas ou Rebolos[94]. Vidas ceifadas. Histórias desfeitas e refeitas com sangue e dor. Era a Mãe África dando sua contribuição à formação do Guarujá, ainda que forçosamente e a custo de muitos gritos de morte.

Os autores Florentino e Fragoso chamam atenção para o lucro obtido com escravos africanos revendidos do Rio de Janeiro ao porto de Santos entre 1810 e 1812[95]. E como bem atestam as listas nominativas de habitantes do período, é certo afirmar que uma parcela dos homens e mulheres trazidos da África foi rapidamente incorporada ao trabalho nos latifúndios da sociedade santista.

Também Marcílio[96]em importante trabalho de pesquisa, deixou claro que na mesma época houve um aumento significativo de cativos na vila santista. Conforme observação da autora, neste período também se desenvolve uma estrutura econômica de plantation que visava à exportação, e que tinha como característica a concentração de terras, de escravaria e de capital financeiro por parte de algumas família. Até onde pudemos observar, parte considerável desta mão-de-obra recém chegada já tinha as fazendas da ilha de Santo Amaro como destino.

Durante todo o período colonial e imperial, a ilha de Santo Amaro esteve subordinada a Santos. E levando em consideração o número total de cativos na vila santista entre 1775 e 1814, é possível afirmar que neste período a cifra de pretos opressos na região aumentou em 113%, saltando de 1017 para 2071[97]. Em períodos como os anos de

---

93 Sobre este assunto, ler capítulo 3.

94 Os locais de origem foram levantados em pesquisa nossa, usando como base a origem dos escravizados que trabalharam na Armação das Baleias, hoje praia da Armação em Guarujá/SP, em 1817. Ver em Lista nominativa de habitantes da Vila de Santos de 1817. Arquivo do Estado de São Paulo

95 FRAGOSO, João & FLORENTINO, Manolo. Negociantes, Mercado Atlântico e Mercado Regional; Estrutura e Dinâmica da Praça Mercantil do Rio de Janeiro entre 1790 e 1812. p. 161-162.

96 MARCILIO, Maria Luiza. Tendencias e estruturas dos domicilios na capitania de São Paulo segundo as listas nominativas de habitantes, 1765-1828. Estudos Económicos 2. São Paulo, 1972.p. 134, 136.

97 Para os cálculos referidos, foram consideradas as informações de SANTOS, Francisco Martins dos. História de Santos 1532-1936, Volume 1. 1937, bem como as listas nominativas de habitantes da vila de Santos do ano de 1775. Arquivo do Estado de São Paulo.

1825 e 1828, a concentração de mão de obra compulsória era tão grande que chegava a praticamente um negro para cada pessoa livre na vila[98]. O ápice da escravidão foi o ano de 1854, até onde conseguimos apurar pelos dados demográficos, quando a cidade santista quase chegou à marca de 3.200 cativos[99].

Desde escravos domésticos, responsáveis pelas tarefas do lar, em especial as mulheres na cozinha, até pretos inseridos em trabalhos voltados à pesca e à lavoura. Em sítios esparsos, o trabalho com a extração de curtume, cuja casca era extraída de árvores do mangue para a fabricação de couro. Mas a função das mais exaustivas, das que mais exigiam o trabalho braçal, sem dúvidas era a ligada à indústria extrativista do Real Contrato de Armação das Baleias[100].

A empresa, pertencente à Coroa portuguesa, foi instalada no extremo leste da ilha em 1699, nas terras que haviam pertencido ao português Pascoal Fernandes no início da colonização, próxima ao forte onde Hans Staden foi aprisionado pelos tupinambás[101]. Responsável pela fabricação do óleo usado na iluminação das vilas paulistas, bem como pela utilização de outros componentes do corpo das baleias, cabia à funesta organização utilizar embarcações para fisgar os filhotes destes mamíferos à entrada do canal de Bertioga, à medida que as mães também eram atraídas ao abate.

Apenas levando em conta o ano de 1801, e a Real Fazenda foi responsável pelo abatimento de 14 mamíferos na armação de Bertioga[102]. E naquele lagamar banhado em sangue, também cabia aos africanos mover os caldeirões para extrair o óleo purificado, e isto sob o calor escaldante das toras de madeira derrubadas do sítio São Pedro, pouco mais a oeste.

A empreitada ali duraria um século e três décadas, até ser definitivamente de-

98 Lista nominativa de habitantes da vila de Santos de 1825 e 1828. Arquivo do Estado de São Paulo.

99 Número oficial de 3.183 escravizados. Ver em SANTOS, Francisco Martins dos. Ibidem.

100 As atividades desenvolvidas pelos cativos africanos podem ser inferidas a partir do cruzamento de dados entre as listas nominativas de habitantes da vila de Santos ou no tombamento dos bens rústicos da vila de Santos de 1817, mantidas no acervo do Arquivo do Estado de São Paulo. Para mais sobre o tema, ver em COSTA, Wendel AlexsanderDalitesi. SILVA, Juliana Heloise Rosa Santos. Proprietários da Ilha de Santo Amaro no século XIX: da Elite Agrária ao Morador da Terra. In: Simpósio Internacional de Ciências Integradas, 16., 2019. Artigo. Guarujá: UNAERP, 2019.

101 Ver cronologia em: http://unidon.edu.br/museu/historia/historia_cronologia.html

102 ELLIS, Myriam. Aspectos da pesca da baleia no Brasil Colonial (III). 1958. p. 381.

sativada em 1830[103]. Treze anos antes de seu fim, ainda contava com 54 escravizados, em sua maioria homens, em média com pouco mais de 40 anos de idade. Tinham por nome Domingos, Antonio, Caetano, uma nova identidade, já desafricanizados. Um deles foi ironicamente batizado como Feliz, apesar de sua triste realidade. E com uma quantidade tão grande de seres humanos forçados ao trabalho exaustivo, a figura do feitor era indispensável no local[104].

Em 1817, já com quase trezentos anos de ocupação daqueles sítios por Portugal, a ilha de Santo Amaro contava com quase 450 cativos, dispersos por entre dezenas de propriedades rurais[105]. A que mais absorvia mão de obra escravizada era a gleba pertencente a João Teixeira Chaves, futuro avô de Elias Chaves, que viria a ser um dos sócios fundadores da Vila Balneária de Guarujá na virada do século. A propriedade da família, que ocupava boa parte da praia da Enseada, contava com 63 escravos, e sozinha foi responsável por 1/10 de toda a produção agrícola da vila de Santos naquele ano[106].

Em uma ilha onde 90% dos donos de terras eram brancos herdeiros, em boa parte dos casos, da velha elite agrária instalada na ilha desde a chegada de Martim Afonso, poucos eram os casos onde negros e pardos tinham direito a terras para sobreviver junto às suas famílias. Na grande maioria dos casos, estavam rebaixados à condição de escravos ou agregados nos sítios existentes no entorno[107]. Até Maria Bárbara da Silva, mãe de José Bonifácio, considerado o patriarca da independência brasileira, e também Antonio Botelho, avô do poeta Vicente de Carvalho, que hoje dá nome a distrito em Guarujá, estavam entre os escravocratas que tinham terras em Santo Amaro[108].

Também as instituições religiosas, como a Ordem dos Carmelitas, era detentora de trabalho compulsório na região. O sítio Acaray, hoje cortado pela Rodovia Piaçaguera, no norte da ilha, contava com cinco cativos que davam rendimento ao convento[109].

Como exceção à regra de posse, aparece Joaquim Mexedo, o único senhor negro que possuía o sítio Campinas, na região onde hoje se encontra instalado o mirante da Campina, no morro do Maluf. Vivendo em companhia de sua esposa e de alguns agregados, Mexedo ainda mantinha em seu sítio, que havia recebido através de doação, alguma produção de arroz e farinha de mandioca. Em nossa busca, encontramos a menção de certo Joaquim entre os escravos de Ignácio Mexedo em 1779, na época era um garoto com apenas nove anos de idade. Se ambos se tratarem da mesma pessoa, é

---

103 Ver cronologia em: http://unidon.edu.br/museu/historia/historia_cronologia.html

104 Lista nominativa de habitantes da Vila de Santos de 1817. Arquivo do Estado de São Paulo.

105 Soma dos cativos de unidade familiar fixa na ilha com os que trabalhavam na ilha, mas figuravam na unidade familiar de seus senhores na vila de Santos, conforme trabalho de COSTA e SILVA, ibidem. p. 11.

106 Lista nominativa de habitantes da Vila de Santos de 1817. Arquivo do Estado de São Paulo.

107 Para dados quanto a relação entre etnia e posse de terra, ver nosso trabalho anterior em: COSTA e SILVA, ibidem.

108 Idem.

109 Tombamento dos bens rústicos da vila de Santos em 1817. Arquivo do Estado de São Paulo.

provável que Joaquim tivesse passado a usar o sobrenome de seu antigo senhor e em algum momento de sua vida, tenha recebido dele a liberdade, bem como um quinhão de terra próximo à praia das Pitangueiras[110].

João Batista da Silva Passos, capitão-mor da vila de Santos, que em 1822 aqui recebera Dom Pedro I às vésperas da proclamação da Independência no Ipiranga, tendo, inclusive, ocupado o cargo de deputado de São Paulo no governo provisório[111], era um dos maiores detentores de cativos na ilha, sendo dono da Fazenda Perequê[112]. E nas senzalas do antigo casarão, cujas cenas ainda são vivas na memória de muitos moradores antigos do bairro homônimo, muitas história de crueldade seriam vivenciadas.

Com a morte de João, a fazenda ainda passaria por alguns donos, até que em 5 de setembro de 1848 chegaria, finalmente, às mãos do português Valêncio Augusto Teixeira Leomil[113], conhecido em Guarujá por dar nome a uma das principais avenidas da cidade, mas também por aparecer em dezenas de jornais do século XIX como um grande traficante de escravos.

Com a forte pressão britânica e a proibição do tráfico atlântico no Brasil, Leomil seria acusado de utilizar suas terras, que nesse período incluíam Pernambuco e Perequê, para receber navios clandestinos vindos da África e abrigar nelas os recém chegados, para que depois fossem levados serra acima e comercializados na província paulista. E em maio de 1850, notícias sobre ele circulariam no Grito Nacional, no Correio da Tarde, no Jornal do Comércio, no Publicador Maranhense, no Diário do Pernambuco e em várias outras manchetes.

Acusado de envolvimento na morte de um marinheiro inglês como forma de dar continuidade ao sujo esquema do tráfico atlântico, posteriormente ainda seriam encontrados vestígios de manutenção do comércio ilegal na fazenda Perequê. Convidado a se retirar do território nacional, o português Leomil retornaria quatro anos depois à ilha, onde arrendaria suas terras ao governo para a construção de um lazareto, e mais tarde ainda se tornaria um dos principais financiadores do empreendimento que atrairia o turismo ao Guarujá no início do século XIX[114].

Os livros do cemitério de Paquetá, em Santos, ajudam a revelar a dureza da vida de muitos homens e mulheres que estavam sujeitos ao senhorio dos grandes proprietários da ilha de Santo Amaro. Caetano foi um que morreu asfixiado por submersão aos

---

110 COSTA, 2020. Disponível em: https://legado436249340.wordpress.com/2020/11/20/o-mirante-do-passado/

111 Disponível em: http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0184z43.htm

112 Tombamento dos bens rústicos da vila de Santos em 1817. Arquivo do Estado de São Paulo.

113 Conforme Escritura de compra e venda de imóveis transcrita em Coleção Costa e Silva Sobrinho. Fundação Arquivo e Memória de Santos.

114 COSTA, Wendel Alexsamder Dalitesi. Leomil e o Tráfico de Africanos na fazenda Perequê. 2020. Disponível em https://legado436249340.wordpress.com/2020/11/20/leomil-e-o-trafico-de-africanos-na-fazenda-pereque/.

35 anos de idade, e Maria, em dezembro de 1871, perdia a vida sufocada, assim como Helena, de apenas 18 anos de idade, que morreria em trabalho de parto. Todos estavam sob a posse de Madalena Ricardo Bueno, dona do sítio Outeiro, nas proximidades da praia do Tombo[115].

Se, por um lado, a futura Pérola do Atlântico foi marcada por cenas que tiraram seu esplendor, por outro lado, contava com pessoas que contribuíram para fazer reluzir seu brilho negro, marcado por resistência e resiliência. E um desses nomes foi o de Geraldo Leite da Fonseca, abolicionista, que utilizava seu sítio Icanhema, na porção ocidental da ilha, para esconder e cuidar dos negros e negras que conseguiam escapar dos grilhões da dor[116].

Foram mães solteiras que suportaram os abusos sexuais vindos da casa grande. Os livros paroquiais de Santos, que também registravam os moradores da ilha de Santo Amaro, não economizam em assentos de crianças que já nasceram cativas e foram batizadas sem nomes de pai[117]. Foram bebês que, abandonados aos míseros recursos da senzala, mal chegavam aos primeiros anos de vida. E os efeitos disso atravessariam o tempo.

Um mapa produzido pelo IBGE em 2010 constatou, ao relacionar os espaços de moradias dos cidadãos guarujaenses com sua autodeclaração racial, mostrou o resultado da desigualdade racial ainda existente, uma vez que áreas centrais do município de Guarujá eram locais de residência de pessoas predominantemente brancas, ao passo que os ditos pretos e pardos ocupavam, em sua maioria, regiões periféricas, como encostas de morros e bairros menos favorecidos em termos de estruturas básicas[118].

Oficialmente, a escravidão havia acabado em 1888, mas os efeitos da indiferença alimentada nos porões dos navios, ainda passariam das Marias Camilos para as Clarioudeth, das Clarioudeth para as Priscilas, que aqui representam muitos outros que ainda seguem na busca por seu lugar ao sol, sem a devida reparação.

---

115 CHIAPETTA, Ana Paula. COSTA, Bruno Garcia da. PEREIRA, Odair José. Repertório de documentos para o estudo da escravidão em Santos: 1865-1888. Santos. 2015.

116 Ver em: Os novos abolicionistas de 1880/81. Disponível em: https://www.novomilenio.inf.br/santos/h0222e.htm.

117 Coleção Costa e Silva Sobrinho. Fundação Arquivo e Memória de Santos.

118 Ver mapa em artigo de COSTA, Wendel Alexsander Dalitesi Costa. O mirante do passado. Disponível em: https://legado436249340.wordpress.com/2020/11/20/o-mirante-do-passado/

Capítulo 5:
Ao meu Guarujá Caiçara

Tu, brumada praia de mar azul, brilhando sem par.
Que dizes tu dos costumes populares,
Que Minh' alma está a festejar?
Compartilhas tua nau entre as ondas do mar
E revelas nestes rostos enternecidos tua bela vista
Ó, meu querido Guarujá!

Bem cedo no caminho, desta Ilha caiçara,
Levanta um pequeno, para a labuta diária.
Vai o menino para sua canoa bem rasa,
Rasgando o rio, os mangues,
Por dentro das matas.
Não é índio, o menino,
Nem tão pouco escravo,
Representa com afinco o povo caiçara.

Ah, meu Guarujá caiçara!
Que minha voz conquiste o teu espaço
E que teu folclore seja sempre exaltado
Pois n´alma da cultura caiçara,
Há uma infinidade de predicados.

E a esta gente simples

Que carrega teus costumes,

Teus tucuns, teus bambuzais,

Cantarolando e embalando tuas ideias

Por entre os mais tranquilos ideais

Leva-a então meu Guarujá, à proa do barco da vida

E que reconquiste teu passado,

Que dances e pules, brincadeiras de roda

Quer sejas tu nativo, rico ou pobre,

Seja sempre e sempre caiçara

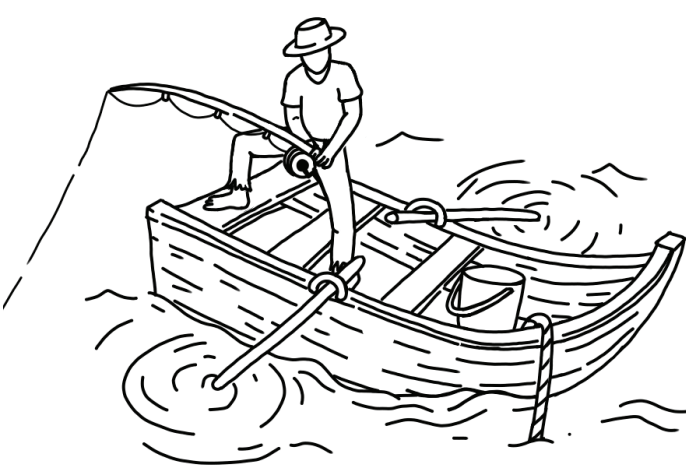
E enalteça para qualquer estrangeiro

Que tu fazes parte do folclore Brasileiro

Ó meu Guarujá Caiçara!

Márcia Guedes[119]

Venicio[120] é pescador. Homem do mar. Vive da oscilação das marés, de lançar redes e de arrastar as canoas. E ainda que tenham se passado tantas décadas, teve a proeza de ainda hoje morar na mesma praia em que veio ao mundo. Desconhece outro lugar. Da terra firme ao mar revolto, segue as pegadas na areia deixadas por seu pai, tios e avôs. Pertence ao clã dos Xavier[121], sobrenome popu-



[119] O título deste capítulo foi escolhido em homenagem à poetisa guarujaense Márcia Guedes, por também ser o nome de uma de suas poesias mais marcantes, que inicia a narrativa deste trecho do livro e que expressa de forma profunda a temática que será abordada nas próximas páginas. Márcia também é escritora, professora, contadora de histórias e idealizadora de vários projetos voltados à leitura, acumulando premiações como reconhecimento de sua importante atividade artística.

[120] Entrevista concedida por Venicio Xavier dos Santos em 31 de agosto e em 18 de setembro de 2020.

[121] Fontes documentais sobre os antepassados de Venicio foram obtidas com pesquisa nossa. Foram feitas buscas em registros civis dos cartórios de Bertioga e Guarujá, bem como em cópias dos assentos paroquiais através da Coleção Costa e Silva, pesquisados na Fundação Arquivo e Memória de Santos.

lar naquela região por sua família ser pioneira ali, e que a pesquisa nos sugere ter sido herdado de um homem de origem parda, que vivia dois séculos atrás na praia da Barra do Sahy, pouco mais adiante, em São Sebastião[122].

Nosso personagem vive na praia do Perequê, cujo nome, em língua tupi, significa entrada de peixe[123], em referência ao rio que corta o início daquele bairro, e que desde os tempos remotos era um viveiro natural de espécies importantes à dieta dos indígenas que ali também pescavam.

Segundo nos conta Venicio, sua vó Marcelina era índia, o que faz com que sua origem familiar, naquelas terras, siga para períodos onde a documentação mal pode chegar sozinha. No entanto, pelo que pudemos verificar, esta era uma das muitas Jorge que carregava em seu sangue, nome e sobrenome o que restou de Francisco Jorge e Marcelina Maria[124], seus bisavós, a família indígena que vivia na praia da Enseada no início do século XIX, já relatada no segundo capítulo.

Venicio e sua esposa ainda nos contam que após casados descobriram ser aparentados[125]. Estavam ligados pelo clã dos Pantaleão, família que, segundo eles, era originária de Portugal e que viveu na Ilha do Montão de Trigo, não muito distante dali, e segundo contam, um dos membros dessa família teria sido encontrado no ventre de um tubarão após uma experiência mal sucedida no mar.

Fomos, por conta própria, atrás dos indícios desse fato. E longe de ser só conversa de pescador, o jornal A Gazeta, em edição de 1912, confirma a narrativa sobre Guilherme Pantaleão, homem cujos restos mortais foram encontrados no interior de um peixe. História contada de pai para filho, que a tradição preservou por mais de um século[126].

Formado por europeus, africanos e nativos das Américas, Venicio é uma espécie de simbiose da cultura caiçara, parte de um bem vivo e imaterial, herança tradicional que bem representa a trajetória dos povos que formaram Guarujá.

Seu pai nasceu no sítio Cachoeira, nas terras dos Bento de Oliveira, citados no capítulo 3, e só foi registrado aos 11 anos de idade, contando com a benevolência de

---

122 Venicio é bisneto de Antonio Francisco Xavier, homem que aparece na lista nominativa de habitantes da Vila de Santos em 1846. No período já vivia a ilha de Santo Amaro, e a documentação da Coleção Costa e Silva Sobrinho nos sugere que tinha vínculo de parentesco com João Xavier, família de pardos que ocupava a Barra do Sahy segundo o censo de 1817.

123 Para significado do nome Perequê, ver: https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/pereque/

124 Marcelina Jorge de Oliveira, avó de Venicio, era bisneta de Francisco Jorge e Maria Marcelina, família indígena a qual já foi abordada no capítulo 2.

125 Ainda que neste caso em específico Venicio só tenha descoberto a ligação de parentesco com a esposa após o casamento, a pesquisa nos reforçou o quanto a prática de casamentos endogâmicos era comum entre a comunidade caiçara centenária em Guarujá.

126 Para o fato em questão ver notícia intitulada "Encontrou-se um homem no estômago de um peixe". Jornal A Gazeta. Nº 2802. Edição de 19 de junho de 1915. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/763900/3575.

Gabriel Bento de Oliveira Filho, provavelmente seu professor, que figurou como declarante da certidão. O educador também foi responsável pelo registro dos tios de Venicio, incluindo a única mulher que havia entre eles, que mais tarde fez família entre os pescadores da praia do Guaiuba. Outro dos seus irmãos registrados ainda manteria algum pedaço de terra na praia vizinha do São Pedro antes da chegada do condomínio. E o marido da avó de Venicio, por fim, era originário de uma família de açorianos que viveu na região do Tejereba e na Praia do Pernambuco no século XIX[127].

A família caiçara é assim, sempre extensiva, abrangente, ramificando-se como as artérias de um coração que bombeia sangue por todo o corpo. Ela incorpora, abraça, agrega e reinventa. Hospitaleira como as gerações passadas, com seus braços estendidos por toda a cidade.

A primeira junção que se tem notícias, resultante do encontro de dois mundos distintos sobre estas faixas de areia, talvez tenha sido quando João Ramalho, europeu já mencionado anteriormente, se uniu à índia M'Bicy, ou Bartira, filha do cacique Tibiriçá. Da combinação entre as duas etnias, viriam muitos frutos, dentre eles Antonio de Macedo, um dos filhos do casal, o primeiro miscigenado que se tem notícias a possuir uma sesmaria nas terras de Guaibê[128].

Eis os indícios primeiros de uma gênese caiçara em Guarujá, que entre alianças e estupros, acordos e conflitos armados, chegadas e partidas, incorporou elementos étnicos e culturais distintos, modificados ou mantidos ao longo dos séculos, que alcança a contemporaneidade em suas mais variadas formas[129].

No início, para os chefes indígenas locais, oferecer suas filhas aos povos aliados era uma forma de demonstrar hospitalidade, e para os primeiros colonizadores portugueses aqui chegados, criar vínculos entre os principais da terra era estratégia indispensável à sua sobrevivência e permanência aqui, o que pode ter dado uma posição de prestígio entre os primeiros grupos miscigenados[130].

Mas ao se levar em conta muitas das primeiras relações entre nativos e estrangeiros, que também incluem aprisionamentos em combates, copulações forçadas e

---

127 Em muitas das narrativas, a história oral precisou ser complementada com a pesquisa documental. O segundo marido da avó de Venicio, de nome Pedro Teixeira, estava ligado à família Teixeira da Silveira, abordada em LOPES, Albertina Fernandes. Vida e lutas de três gerações. 1977. São Paulo.

128 MADRE DE DEUS, Frei Gaspar da. Memórias para a história da Capitania de São Vicente hoje chamada de São Paulo. 3 ed. 1920. p. 280-281.

129 Ainda que a política de alianças tenha tido certo sucesso entre o grupo de Tibiricá e os portugueses no século XVI, é importante ressaltar que muitos outros grupos indígenas não foram poupados como os tupiniquins, o próprio episódio referido como Confederação dos Tamoios, já mencionado nesta obra, deixa isso evidente. Há relatos, por exemplo, como os de Pero de Magalhães Gândavo em 1576, que mencionam uma índia escravizada pelo capitão de São Vicente no período. Ver relato em: Monstros do Novo Mundo – a bagagem dos navegadores em: https://historiahoje.com/monstros-do-novo-mundo-a-bagagem-dos-navegadores/

130 Para política de alianças, ver MADRE DE DEUS, Frei Gaspar da. Memórias para a história da Capitania de São Vicente hoje chamada de São Paulo. 3 ed. 1920. p. 134-135.

conversões impostas, em alguns séculos, a posição de marginalização desse grupo de mestiços, frente à distribuição socioespacial de Portugal na colônia, não demoraria a se tornar uma geração de marginalizados, à mercê do sistema preestabelecido pelo homem branco[131].

Além disto, com o passar do tempo, não deixaria de ser incorporada à ilha a participação africana, com considerável contribuição na formação de uma parcela das comunidades locais[132]. Era comum que o descendente da sinhá e o nascido da escrava, muitas vezes filhos de um mesmo pai, ocupassem posições distintas dentro da mesma família, o primeiro, arrolado como herdeiro, e o segundo, marcado como a herança.

No entanto, apesar das contradições econômicas e sociais que a documentação histórica se esforça em resgatar, fato é que as diferentes bagagens culturais, com suas práticas, técnicas e crenças, são elementos de peso para se compreender a realidade, além de pilares formativos da história local[133].

As listas nominativas de habitantes, documentos resultantes da administração da capitania e depois província de São Paulo, são importantes fontes de consulta que ajudam a trazer luz à formação do caiçara na ilha de Santo Amaro e em outros territórios do litoral paulista.

Na época a chamada ilha oriental[134] era anexada à vila santista, o que muitas vezes dificulta a separação, através de uma análise documental, do que estava dentro do território que hoje compreende o município de Guarujá, daquilo que estava em regiões vizinhas, que hoje são parte das cidades de Santos e Bertioga. No entanto, nosso trabalho tem resultado em algum avanço neste sentido.

A lista de 1767[135], por exemplo, que cumpre uma finalidade voltada à administração militar do território, lista um cabo e mais onze soldados, todos homens brancos, que figuravam como praças vinculados ao bairro de Santo Amaro, subentendido aqui como a ilha homônima. No entanto, a relação que menciona os chamados pardos ou mulatos forros da vila de Santos, também incorporados à milícia local, não apresenta divisão por localidades, não sendo possível, portanto, separar os homens libertos que

---

131 Sobre formação de mamelucos nas quatro primeiras décadas de colonização, ver: ADAMS, Cristina. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2000, v. 43 nº1. p. 146

132 Apesar de haver certa escassez de fontes documentais acerca da presença africana na ilha nos dois primeiros séculos de colonização, o que não significa a sua inexistência, a documentação do século XVIII, em especial as listas nominativas de habitantes da vila de Santos, já deixa evidente a sua presença no local.

133 COSTA, Wendel Alexsander Dalitesi. SANTOS, Jordan Góes Paixão Bargas. O caiçara e sua trajetória em Guarujá. In: Simpósio Internacional de Ciências Integradas, 17., 2020. Artigo. Guarujá: UNAERP, 2020.

134 Outro nome atribuído no século XVI à ilha de Santo Amaro.

135 Para os apontamentos a seguir, foram consideradas as listas nominativas de habitantes da vila de Santos de 1667, 1777, 1817 e 1846. Arquivo do Estado de São Paulo.

eram provenientes da ilha de Guaibê daqueles provenientes de bairros vizinhos.

O rol de moradores do mesmo bairro, em 1777, traz informações sobre ao menos quatro famílias que residiam na ilha no período em questão. A lista começa com José de Oliveira, preto forro, que vivia em companhia de esposa e três filhos, além de um casal branco que vivia com duas crianças, e em seguida vinha uma viúva que vivia junto a seu filho. O documento também faz menção à família que morava no sítio de Nossa Senhora da Apresentação, sesmaria que no século XVI abrigava um engenho de cana de açucar[136]. Neste mesmo período o sítio Conceição, já tomado dos jesuítas, contava ainda com o serviço braçal de quinze negros.

Uma análise dos recenseamentos em série ainda ajuda a decifrar características do modo de vida caiçara. Famílias, por exemplo, que num ano apareciam associadas a determinado bairro ou propriedade, nos registros subseqüentes contavam vinculadas a outros territórios. Muitas vezes sem direito à posse de terras, apresentavam certa mobilidade espacial, locomovendo-se de sítio em sítio, normalmente como agregados de famílias mais abastadas.

O conjunto das propriedades rurais mencionadas no Tombamento dos Bens Rústicos de 1817 denuncia essa realidade de condicionamento e dependência dos grupos de menos recursos, na maioria das vezes subordinadas e dependente das propriedades de vizinhos com posses.

O sítio do Buracão, por exemplo, onde foi escavado o sambaqui homônimo, mencionado no primeiro capítulo, e onde viveu Maria Camilo, matriarca citada no quarto capítulo, nas primeiras décadas do século XIX pertencia a um padre[137]. As terras, que também eram usadas para se ministrar sacramentos religiosos, na parte que se voltava ao mar, onde hoje se encontra a praia do Pinheiro, era trabalhada "por casais com suas famílias [que a cultivavam] gratuitamente".

O sítio São Pedro, latifúndio vizinho, onde hoje se localiza uma praia e um condomínio homônimo, era lavrado por "alguns pobres agregados". No sítio da Enseada de Santo Amaro, na praia de mesmo nome, mais quatro agregados que trabalhavam nas terras de um proprietário junto aos seus escravos, e no sítio Conceição, hoje Conceiçãozinha, o cultivo em 1817 era realizado por "cinco escravos e cinco moradores com suas famílias que trabalham gratuitamente". Era uma realidade que se multiplicava por toda a ilha, uma geração de desprovidos, à margem do sistema colonial, embora o esforço deles fazendas fosse vital à manutenção da ordem vigente.

Neste mesmo ano, figurava na parte leste da ilha, na época associada ao bairro da Bertioga, um agregado de nome Justo da Motta, ancestral do personagem que inicia

---

136 Ver NUNES, Urbain G. Ilha de Santo Amaro. 2011. Disponível em: http://almanarkitapema.blogspot.com/2011/05/ilha-de-santo-amaro.html.

137 Sítio denominado Pinheiro ou Buracão, pertencente ao padre mestre Francisco Xavier dos Passos. Para referências de proprietários e trabalhadores dos próximos sítios mencionados, considerar Tombamento dos bens rústicos da vila de Santos de 1817. Arquivo do Estado de São Paulo.

este capítulo, pescador assim como Venicio seria duzentos anos depois[138]. Bastaria que cinco anos se passassem para que Justo fosse encontrado listado, desta vez no sítio da praia do Pernambuco, uma epopéia sem fim. Além da pescaria, estava ligado ao plantio de gêneros básicos, pois na vida caiçara, roça e pesca se complementavam. Em 1825 havia produzido 27 alqueires de farinha, e em 1836, uma produção de 60 mil réis, que foi o suficiente apenas para o sustento de sua casa, cultivando sempre em terras que sequer eram suas.

No censo de 1846, que foi o último existente, seu nome não mais aparece listado. Apenas constava sua esposa e filhos. Provavelmente o patriarca já houvesse falecido. Mas a saga da família segue com os descendentes, mais uma vez instalados na região do rabo do dragão, onde já se encontrava o velho clã indígena dos Jorge-Marcelino.

Vale lembrar que este era o período em que a Companhia de Pesca das Baleias havia acabado de falir, fator que pode ter contribuído para que famílias desprovidas de posses passassem a viver nas terras pertencentes à Fazenda Nacional, que incluíam os sítios da Armação, do Iporanga e da praia do Góes, onde eram desenvolvidas atividades relacionadas à captura dos mamíferos.

No registro paroquial de terras, feito em meados do século XIX, Francisco Gomes foi um homem que figurava entre os posseiros que vivia na antiga propriedade pertencente à indústria de extração, já que declarou que tinha uma porção de terras "por posse mansa e pacífica que há muitos anos" desfrutava[139]. Algumas famílias sem chão próprio, desprivilegiadas desde a distribuição da ilha em sesmarias, subjugadas ao longo do processo histórico, na medida em que encontravam uma porção de terras desocupada, ou quando reuniam algum capital proveniente de seus esforços em fazendas das redondezas, podiam passar da condição de agregados para a de possuidores de áreas cultiváveis.

O sítio Enseadinha é um exemplo disto, espaço equivalente hoje ao bairro do Jardim Virgínia. A terra, outrora pertencente a um homem que rumara para Minas Gerais e não mais retornara, terminou sendo cultivada por um "pobre Manoel da Graça com sua família"[140]. Talvez tenha sido dentro de condições semelhantes que famílias como as de Justo da Mota e de Francisco Jorge, antepassados de Venicio, tenham adquirido algum solo para o sustento de suas respectivas casas.

Um antigo jornal santista certa vez publicou as memórias de Vicente de Carvalho, conhecido como o poeta do mar[141]. Na história contada, o ano era 1893, no contexto

---

138 Justo da Motta, aqui referido, nascido ao fim do século XVIII, é um dos pentavôs de Venício, constatado através de busca documental nossa em registros civis dos cartórios de Bertioga e Guarujá, bem como em cópias dos assentos paroquiais através da Coleção Costa e Silva, pesquisados na Fundação Arquivo e Memória de Santos.

139 Registro Paroquial de Terras de Santos. Arquivo do Estado de São Paulo.

140 Tombamento dos bens rústicos de 1817. Arquivo do Estado de São Paulo.

141 Para narrativa sobre a estadia de Vicente de Carvalho no sítio Iporanga em 1893, ver ma-

da Revolta da Armada, que coincidiu com a época de inauguração da Vila Balneária de Guarujá, onde os rumores de navios que bombardeariam o local amedrontavam os habitantes e hóspedes da ilha[142]. Perseguido por seus opositores, seria num desses redutos caiçaras que o poeta encontraria a segurança da qual necessitava naquele momento de instabilidade política da história do Brasil.

Vicente de Carvalho chegou de barco pelo canal de Bertioga em uma noite de tempestade, e seria na praia do Iporanga, em terras que na época pertenciam a um dos filhos de Francisco Jorge[143], que ele e um amigo provariam da hospitalidade caiçara em um momento de perseguição política. A tensão dos foragidos, inclusive, teria um momento de refrigério, já que seriam conduzidos por seus anfitriões a participarem de uma festa popular na praia vizinha. Isto mostra que, ao fim dos oitocentos, as manifestações culturais típicas das comunidades tradicionais já eram bem consolidadas na ilha, engrossadas pelas diversas contribuições dos povos cuja trajetória de vida os levou às terras de Guaibê.

No recenseamento santista de 1913[144], a praia do Iporanga, terra dos Jorge, já contava com 157 moradores antigos. Também a Prainha Branca, dos herdeiros de Justo da Motta, contava com dezenas de habitantes, que deram origem à comunidade atual que ainda habita ali[145]. Semelhantemente o sítio Buracão, dos bailes da Maria Camilo, também contava com 45 habitantes. Nossas famílias caiçaras.

O censo nacional de 1920[146], com relação nominativa dos proprietários rurais, ainda mencionaria os descendentes dessas famílias históricas como donos dos sítios Iporanga, Prainha Branca, Cachoeira e outros. Época em que as terras caiçaras, ainda não tragadas pela indústria do turismo ou pela especulação imobiliária, ainda permitiam que sua população plantasse e colhesse, pescasse e dançasse, celebrasse as folias de Reis, os congados, as procissões de São Sebastião[147].

---

téria intitulada: O poeta e o marechal de ferro. A Tribuna. 22 de setembro de 1966. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/153931_01/63298

142 A revolução. Correio Paulistano. 22 de setembro de 1893. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_05/4545

143 A ligação entre Antonio Jorge de Oliveira, anfitrião do poeta Vicente de Carvalho, e Francisco Jorge, já explorado neste e em outro capítulo, foi feita por nós, através de pesquisa documental, conforme os critérios já mencionados.

144 Mudanças no crescimento populacional. Novo Milênio. Disponível em: http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0296a14.htm

145 TURATTI, M. C. M. Laudo Antropológico. Estudo Socioambiental Ponta da Armação (Guarujá-SP). Usp. 2012, p. 14. Neste importante trabalho sobre as famílias caiçaras da Prainha Branca, apontou para a personagem Bárbara Engrácia como primeira moradora referencial do local, mencionada como bugre, sem contudo identificar seu sobrenome local de origem. Segundo pesquisa nossa, a personagem em questão se trata de Bárbara Engrácia da Motta, neta de Justo da Motta, cuja trajetória já foi referida neste capítulo. Bárbara, que pode ser considerada uma das fundadoras da comunidade da Prainha Branca, é filha de José da Motta, filho de Justo.

146 Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Recenseamento do Brasil realizado em 1 de setembro de 1920. Vol III.

147 Para festas do folclore caiçara em Guarujá, consultar ROMANI, Carlo. O discurso cultural

A chegada da urbanização, do acesso facilitado ao planalto, dos ferry boats, da estrada pavimentada e da luz elétrica, teriam um preço alto a ser pago pelos caiçaras. Junto às comodidades que facilitariam a vida das comunidades tradicionais, viriam os forasteiros a cobiçar seus territórios centenários, a derrubar suas roças e construir as mansões de veraneio em cima, afugentando pescadores, muitas vezes sob ameaças de capangas armados, ou enganados a assinar documentos que repassavam suas propriedades a terceiros[148].

A Venicio, descendente dessas comunidades quase extintas, no entanto, ainda sobraria um quinhão de terras na praia do Perequê, espaço que ele e seus familiares defenderam com muita luta. Nada comparado às extensões de terra que sustentaram seus pais no passado, porém nosso personagem ainda conseguiu guardar o suficiente para criar seus filhos e encaminhá-los na vida.

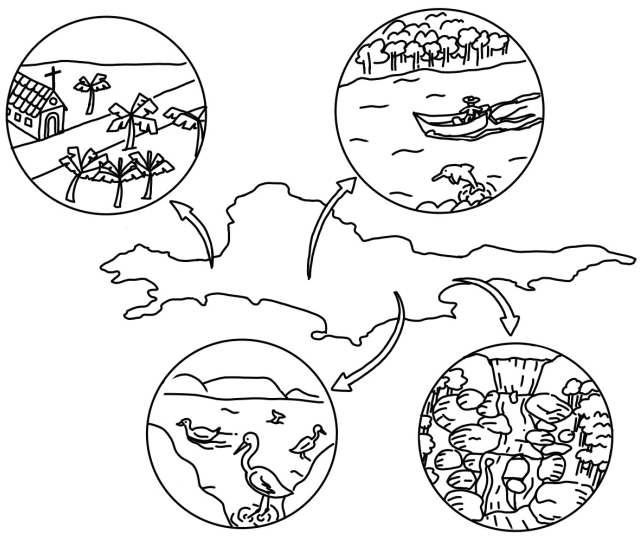
Esta é a grande família caiçara, uma das mais tradicionais e históricas da pérola do Atlântico, da qual o nosso homenageado é apenas um dentre tantos outros filhos ilustres. Todos seguem seu curso da história, muitas vezes sem conhecer suas origens, mas entre tantas idas e vindas, inúmeros desencontros e reencontros, ainda correm, como rio, muitas vezes fluindo pelos leitos que foram demarcados pelas águas do passado, ainda que não se dêem conta disto, e ainda que a força dessa correnteza não seja a mesma de antes.

e ambientalista das comunidades de pescadores caiçaras na luta pela terra: uma análise histórica do conflito ambiental no canal de Bertioga, na Baixada Santista. Revista História Oral, v. 2, n. 14, p. 31-62, jul.-dez. 2011. p. 43.

148 Alguns conflitos fundiários envolvendo moradores das antigas comunidades pesqueiras também são mencionados em ROMANI, ibidem, p. 36.

Capítulo 6:
A Ilha Dragão

Por Jordan Goes Paixão Bargas Santos



Quando as linhas cartográficas de Guarujá são observadas de cima nos mapas fotografados pelos satélites, estas se conectam em formato de um dragão, o que até os olhos menos clínicos conseguem perceber. Mas nem todos os habitantes da cidade são caiçaras dragonianos[149], ou originários da ilha em formato de dragão[150].

O povoamento de caiçaras quinhentistas, bem como de seus descendentes de mesma estirpe, esteve disperso pelo corpo deste animal mitológico, caiçaras estes que realmente carregaram consigo culturas que perpassaram gerações e que se extinguem nos dias atuais. Esta é a riqueza da Ilha, que não se limita apenas a uma observação à distância, pelo contrário, se prova mais bela e atraente aos olhos dos que se aproximam e que passam a ter contato com as características adquiridas por estes grupos. No entanto, o estopim para a mudança e perda deste perfil centenário foi a mudança radical em seu ambiente natural, que vai muito além de alterações geográficas, mas danos a uma beleza imaterial que se torna cada vez mais desprezada.

A partir de outras regiões litorâneas houve migrações para a Ilha Dragão, como o vale do Ribeira, Ilha Bela, São Sebastião e o litoral que margeiam a costa brasileira, em especial de Santa Catarina ao Estado do Rio de Janeiro[151]. E como as escamas protegem o dragão, as árvores da ilha protegeram os povoados, pois no meio da vegetação que provinha caça aos índios, os caiçaras estabeleceram suas moradas, e da água que em

149 Neologismo pensado pelo autor.

150 Além de autor e atuante em pesquisas relacionadas à comunidade caiçara em Guarujá, Jordan também reflete o olhar sensível de alguém que descende de famílias tradicionais da região e presenciou drásticas alterações no espaço em que seus ancestrais viveram.

151 O discurso cultural e ambientalista das comunidades de pescadores caiçaras na luta pela terra: uma análise histórica do conflito ambiental no canal de bertioga, na baixada santista.[s.l]: História Oral, v. 14, n. 2, dez. 2011. Anual. Disponível em: http://revista.historiaoral.org.br/index.php?-journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=231. Acesso em: 28 jan. 2021, p. 41.

meio às mesmas matas brotavam, estes prosperavam em sua estadia.

No entanto, atualmente, tais grupos tradicionais limitam-se, em sua maioria, ao local que é conhecido como Rabo do Dragão[152] na cidade do Guarujá, que é a região que se estende na maior parte do canal de Bertioga. Na Prainha Branca, por exemplo, localizada na ponta deste rabo, encontra-se a maior parte dos caiçaras que se enquadram nos critérios estabelecidos pelo Decreto Federal 6.040/2007, que discorre sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, tais quais como os índios. E é nesta praia e em suas praias vizinhas que se entrelaçam histórias de povos nativos que têm sua linhagem mapeada e identificada com algum esforço de nossas pesquisas, famílias estas que se originaram e se cruzam por todas as praias do Dragão.

Também na praia do Perequê há uma colônia de pescadores que é um dos símbolos remanescentes dos praticantes da atividade que um dia já foi uma das principais fontes de renda dos caiçaras nativos da Ilha do Dragão: a pesca. Esta mesma praia, já foi cenário de gravação do longa metragem "Juliana do Amor Perdido" (1968)[153]; neste mesmo cenário de beleza paradisíaca funcionou no decorrer da década de 80 o Terminal Turístico da Praia do Perequê, que esgotava sua capacidade de receber ônibus de turismo, pois ao fim de seu corredor de areia branca da praia, ao se adentrar as matas adjacentes, o local também era ornado com uma linda cachoeira, lago, piscina, duchas naturais e um bosque. E este era o local onde seu João, um morador vindo do vale do Ribeira quando criança, testemunhou uma mudança drástica num ambiente que antes fora deslumbrante.

Seu João se mudou aos onze anos[154] com seus pais para o Horto Florestal, conhecido como o referido Terminal Turístico. Em 1989 o então prefeito de Guarujá Waldyr Tamburus, por meio da Lei Ordinária 2035/1989 fechou o local que até então abrigava um turismo predatório e transformou-o no Parque Ecológico Chico Mendes, cujo propósito de conservação da natureza foi novamente modificado em 2002 pela Lei Ordinária nº2929 sancionada pelo prefeito Maurici Mariano. A lei permitiria que o Parque servisse novamente aos interesses sociais por meio da exploração turística ecologicamente correta; como dito no Artigo 1°, parágrafo 1° - "...destina-se à exploração de atividades relacionadas ao turismo, ao lazer, à cultura e à preservação ambiental, pelo prazo de 20 (vinte) anos". Mas o desfecho para o parque caminhou para a degradação.

O pai de seu João foi o zelador do local antes de seu fechamento. Incumbido pela prefeitura municipal de Guarujá a realizar manutenções e cuidados com as plantas do terminal turístico também conhecido como Horto Florestal. Ali se produziam as mu-

152 Um canal que faz divisa com a cidade de Bertioga e escoavam a maior parte dos produtos agrícolas da Ilha de Santo Amaro para a região urbana de Santos

153 Longa de Sérgio Ricardo, premiado em Primeiro lugar no Festival de Cinema de Guarujá, Santos, SP, em 1969

154 Entrevista concedida por João Natalício Feliciano em 23 de agosto de 2020

das que eram plantadas por todas as orlas das outras praias do Guarujá, o que proporcionava para a cidade um local próprio de cultivo e arborização, entretanto, após a promulgação da mencionada lei, o Parque Chico Mendes estava esquecido pela administração e deixado para que os moradores mais engajados do bairro do Perequê zelassem deste com seus próprios recursos. Este foi o caso de Diego[155], descendente de caiçaras e um dos fundadores do grupo Anjos do Perequê[156], um grupo cuja motivação foi a de realizar a limpeza e revitalização da cachoeira e do parque Chico Mendes.

Em contrapartida ao movimento iniciado por Diego para limpeza do parque, que visava o restabelecimento do local para população e turistas gozarem de passeios de lazer e piqueniques, as autoridades embargaram o trabalho de limpeza e restauração realizado pelos moradores, mas não contiveram avanços de construções irregulares dentro do parque, que em 2019 se intensificou e desfigurou o local.

Agora falemos de Newton, que também não fugiu deste destino. Morador do Sítio Conceiçãozinha[157], nascido pelas mãos de uma parteira que era conhecida como Maria Pinguita[158], seu trabalho quando criança era se encantar com o mar. Filho de caiçaras circenses, teve a oportunidade diferenciada de presenciar uma atividade pouco comum entre as famílias tradicionais. Conceiçãozinha fica localizada no lombo do Dragão e faz divisa com o estuário de Santos, e quando criança Newton costumava pescar e nadar no local, e por vezes se banhar no rio que cruza o bairro em que mora.

Em frente à sua casa haviam plantações desenvolvidas pela cultura familiar, e alguns poucos metros para direita de sua rua surgia a capela da Nossa Senhora da Conceição, capela esta que foi derrubada pela atividade portuária e soterrada.

Atualmente, Newton é um dos poucos caiçaras engajados na política, tendo sido, presidente do Partido dos Trabalhadores na cidade do Guarujá, mas continuando ainda assim seu ofício de pescador. Entretanto, os braços de água da bacia de Santos que adentram a cidade de Guarujá e no passado transportaram seus navegadores para a busca de alimentos no mar, hoje não atraem tantos pescadores, pois, além de poluídos pela falta de saneamento básico, são destruídos por meio dos produtos químicos vazados das mais variadas fontes, como indústrias portuárias e barcos a motor.

Até o início do século XX, o ambiente da cultura caiçara estava bem conservado, pois deste provinha o sustento para seus nativos, ademais, estes tinham o costume de nunca permanecer no mesmo local extraindo de forma exaustiva os recursos, já que possuíam a livre circulação entre praias e espaços litorâneos para plantar e pescar de

155 Conversa realizada com Diego Santos em 31 de janeiro de 2021.

156 O Grupo Anjos do Perequê se dedica a realizar ações comunitárias para a comunidade do Perequê no Guarujá

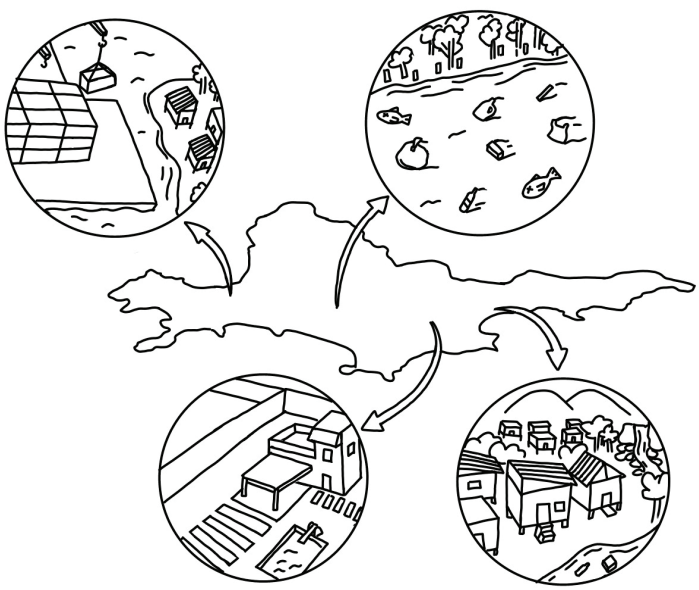
157 Entrevista concedida por Newton Rafael Gonçalves em 31 de agosto de 2020.

158 Maria Pinguita era o apelido de uma parteira do Sítio Conceiçãozinha. O epíteto se deve ao fato de, segundo contam, ela dar um copo de cachaça para anestesiar as mães em trabalho de parto.

acordo com a abundância e época de captura de certas espécies[159].

A Ilha Dragão tem uma área de aproximadamente 142 km² e a vegetação atual em sua maior parte não é nativa, uma vez que grande parte da região útil era utilizada para plantio em sítios e fazendas desde os séculos XVI a XXI. Mas ainda conta com rios e cachoeiras que antigamente eram usados para transporte, além de fonte de água para criação de animais e irrigação como Crumaú, Icanhema, Perequê, do Meio, do Peixe e Acaraú; entretanto, a única finalidade destes rios atualmente é para o escoamento de dejetos de locais da cidade que não contam com tratamento de esgoto, como favelas, que atualmente contam com mais de 100.000 (cem mil) moradores em Guarujá[160].

Com o passar do tempo a urbanização foi tomando maiores proporções e indo ao encontro das praias e orlas que antes eram despercebidas por turistas. Adentrando as fronteiras em que antes predominavam famílias antigas que habitavam aqueles locais, o fenômeno também ocasionou a construção irregular e desenfreada que levou à favelização na cidade. Por isso, a poluição do meio ambiente foi uma mera consequência do adensamento populacional, isto é, ocupações ocorreram de maneira desordenada e muitas vezes criminosa, sem que houvesse capacidade de atuação dos órgãos competentes para coibir a ação dos grupos, nem a infraestrutura adequada para um desenvolvimento minimamente planejado nas áreas em questão.



[159] Relato concedido em entrevista a Venicio Xavier e Evanilde Lins (esposa de Venicio)▶ quando perguntados sobre estilo de vida dos avós em entrevista no dia 31 de agosto de 2020

[160] De 300.671 pessoas moradoras da cidade, 100.262 moravam em favelas em 2015 de acordo com site PROGRAMA CIDADES SUSTENTÁVEIS (comp.). Percentual da população urbana que reside em favelas - Guarujá, SP. 2015. Disponível em: https://2013-2016-indicadores.cidadessustentaveis.org.br/br/SP/guaruja/percentual-da-populacao-urbana-que-reside-em-favelas. Acesso em: 29 jan. 2021

Capítulo 7:
As Mulheres da Ilha

Por Juliana Heloise Rosa Santos Silva

Para apresentar a figura feminina no período colonial na ilha de Santo Amaro, se faz necessária uma familiarização com a cultura/padrões do sistema que tem no homem a sua figura central. A cultura patriarcal é aquela na qual o gênero masculino detém poder, domínio e opressão sobre as mulheres. Desta forma o "interessante para tal sistema é que as mulheres permaneçam em suas casas, cuidando de tarefas domésticas, educando seus filhos, sem interferir na ordem social."[161]

A ilha de Santo Amaro ao longo do século XIX era constituída de poucas propriedades agrícolas, divididas entre sítios e fazendas, na maioria dos casos administradas por homens, e criar um comparativo do passado e presente do ambiente onde se vive é de grande valia para entender algumas de suas heranças culturais e romper com elas.[162]

A ilha, na época em questão, pertencia à vila de Santos, e do total de possessões relatadas, nota-se que ao analisar os documentos de Aviso Régio de 1817 e Registro Paroquial de Terras de 1855 e 1856, identificamos que o número de mulheres que detinham posses de propriedades, se comparado com os homens era de apenas 8, quadro que pouco se alterou naquele século[163].

Dentro do sistema do período, essas mulheres em sua maioria, só possuíam em seu nome a posse da terra quando eram solteiras ou viúvas. Além disso, por muito tempo lhes foi negado o direito de estudarem e por isso os registros de escritura de terras vinham assinados por algum procurador, familiar ou vizinho em nome da dona.

Algumas possuíam o domínio da leitura e escrita, mas de modo geral, tinham que se limitar a registrar somente em livros de culinária e em seus diários[164]. A senhora Candida Olinto de Carvalho Oliveira, filha do Marechal José Olyntho de Carvalho e

---

[161] JACOMEL,Mirele Carolina Werneque. PAGOTO, Cristian." CULTURA PATRIARCAL E REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA LITERATURA" p.11,2009.Disponível em : <http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4936> acessado: 28/01/2021.

[162] COSTA, Wendel AlexsanderDalitesiCosta , SILVA ,Juliana Heloise Rosa Santos. " XVI SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS INTEGRADAS DA UNAERP CAMPUS GUARUJÁ Proprietários da Ilha de Santo Amaro no século XIX: da Elite Agrária ao Morador da Terra "- 2019

[163] Idem. p.9.

[164] JACOMEL,Mirele Carolina Werneque. PAGOTO,Cristian p.11,2019.

Silva, que por sua vez era Militar e sua mãe a senhora Maria Rosa da Anunciação[165]. Ela se casou com o Capitão João Antônio de Paula e Oliveira ainda bem jovem, no entanto 11 anos depois Candida se torna viúva, assinando a posse do sitio Cachoeira por ser letrada. Um privilégio que poucas tinham.

Continuando na identificação do ambiente de subordinação e pouca voz que a mulher tinha, apresentamos a família de Antônio Martins de Aguiar com base no censo de 1765. Dono do sítio Outeiro Grande[166], na ilha de Santo Amaro, sua casta era de 11 filhos - dez mulheres e apenas um homem. De todo o núcleo familiar apenas três delas se casaram, segundo os registros que conseguimos levantar. A grande maioria delas passou a vida solteira, provavelmente como estratégia para evitar que o patrimônio herdado passasse a possíveis cônjuges e saísse do núcleo familiar. Neste contexto o patriarca tinha que dar um dote à família do noivo. Apesar da vasta prole feminina, quarenta anos depois, era um homem, Hygino Botelho de Carvalho, pai do poeta santista Vicente de Carvalho e bisneto de Martins por linha materna, quem constava como seu herdeiro a declarar suas terras em Santo Amaro[167]. Mesmo com uma casa repleta por mulheres, a propriedade acabou sendo herdada por um homem, isso mostra como a figura feminina não possuía autonomia neste tempo, tendo uma posição secundaria diante da sociedade.

Um traço muito presente no período colonial era o casamento consanguíneo[168] ou endogâmico[169], em famílias da elite da época, essa prática era adotada para evitar a fragmentação do patrimônio da família, desta forma as riquezas eram mantidas dentro do mesmo núcleo e a linhagem se perpetuava. Um exemplo dessa prática é a família de Maria Bárbara da Silva, que também tinha a posse de terras em seu nome na ilha de Santo Amaro, mãe dos Andradas que foram figuras marcantes no processo de independência do Brasil. Possuidora do sítio Porto de Santo Amaro em 1817, onde plantava arroz, mandioca e café com o trabalho de 10 escravos, eis que em algum momento após sua morte as terras foram transferidas à sua neta, Gabriela Frederica Ribeiro de Andrada, filha de José Bonifácio, casada com seu tio Martim Francisco, outro filho de Maria. Em 1856 constava que Gabriela possuía o sítio Santo Amaro, uma vez que seu pai e

---

165 Registro Paroquial de Terras de Santos, 1856.

166 Sítio Pitangueiras, cujo dono era o branco escravista Joaquim José Barbosa da Silveira. O sítio Guarujá, por sua vez, provavelmente foi incorporado ao sítio Outeiro Grande e pertencia agora a Hygino Botelho de Carvalho. No entanto o sito Outeiro Grande a sua localização recente é agora nas mediações do centro da Cidade de Guarujá.

167 COSTA, Wendel AlexsanderDalitesi. SILVA ,Juliana Heloise Rosa Santos. Ibidem. p.9.

168 Os casamentos consanguíneos, eram as relações matrimoniais entre indivíduos com grau de parentesco muito próximo. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/biologia/casamento-consanguineo.htm>Acessado em : 26/01/2021

169 Endogamia é o método de acasalamento que consiste na união entre indivíduos aparentados, que são geneticamente semelhantes. Disponível em: https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/ovinos_de_corte/arvore/CONT000fy333t2502wx5ok0pvo4k3wim1lks.html#:~:text=Endogamia%20ou%20consanguinidade%20%C3%A9%20o,aparentados%2C%20que%20s%C3%A3o%20geneticamente%20semelhantes.>Acessado em : 26/01/2021.

marido já haviam morrido[170]. Além de casar com seu tio que era mais velho que ela, só se torna dona de fato após a morte do pai e marido, assim como sua vó só após a morte do esposo também se tornou proprietária.

Além das proprietárias, existiam também as agregadas com condições ainda mais limitadas, e nossa próxima personalidade é uma dessas que descendem de mulheres que trabalhavam em sítios alheios. Desta forma lhes apresentamos a trajetória da nossa personagem Madalena Neves de Oliveira, que nasceu na praia do Iporanga, onde seu pai era um pequeno proprietário de terras, entre final do século XIX e início do século XX. Ela não sabia exatamente a data, mas foi registrada como seu dia de nascimento 25 de dezembro de 1908[171].Uma caiçara raiz, que gostava de levar uma vida simples sem ligar pra convenções e formalidades, filha de Eduardo Neves de Oliveira e Maria Angélica da Conceição e irmã de Alberto, José, Jorge e Josefina.

A matriarca Madalena é considerada um ícone de sua comunidade, tendo uma das mais amplas e antigas descendências na praia de Perequê, situado em Guarujá. Ela possuía uma beleza naturalmente deslumbrante, era cabocla, tinha cabelos longos e pretos, com pele morena, e tinha também em suas veias o sangue pulsante de seus antepassados de origem indígena, era um dos frutos de uma comunidade tradicional que criou raízes há muitas gerações em nosso litoral paulista. É na mesma vila de costumes antigos, que conheceu outro nativo no qual se casou tempos depois, o pescador Jonas Neto de Oliveira. A união entre os dois gerou frutos, 12 filhos, dos quais três faleceram ainda na infância,seus nomes eram: Antônio, Margarida e Benedita. Os demais atingiram a fase adulta, sendo eles Maria, Joana, Catarina, Brasilina, Marciliano, Onofre, Pedro, Maria do Rosário e Laura[172].

Em 1941 Madalena ainda grávida da sua filha caçula Laura, no dia de finados dá adeus ao seu grande amor Jonas, tornando-se viúva. Esse acontecimento fez com que ela se mudasse para praia do Perequê, onde tinha vários parentes. Lá, observou a comunidade se transformar e foi onde também viveu

[170] COSTA, Wendel AlexsanderDalitesi. SILVA ,Juliana Heloise Rosa Santos. p.9 2019 Ibidem

[171] COSTA, Wendel Alexsander Dalitesi.Vidas Caiçaras: Madalena Neves de Oliveira ,2020. Disponível em:<https://legado436249340.wordpress.com/> acessado em 15/01/2021

[172] Idem.

até o seu último dia de vida.

Trabalhou como parteira e costureira, além de ter ajudado a cuidar dos seus irmãos doentes. Madalena sempre foi querida por todos e se tornou um símbolo de longevidade, é um grande exemplo de mulher forte e caiçara, pois embora tenha levado uma vida simples era uma guerreira para a época. Por fim em 2 de agosto de 1992 nossa querida personagem da vida real chegou ao fim de seus dias. Alguns dos seus herdeiros contam que ela teria vivido entre 104 e 115 anos. Mas com base na pesquisa, o mais provável é que tenha atingido, no máximo, seus 90 anos, chegando a conhecer alguns de seus trinetos.

E por falar em descendentes, apresentamos outra personagem: Catarina[173], filha de Sebastião Antônio Marques e Maria Neto de Oliveira. Esta, por sua vez, filha mais velha da nossa querida Madalena; a menina vem ao mundo quando sua mãe, que morava entre os caiçaras da praia da Enseada, foi fazer uma visita na casa de sua tia Josefina na praia do Perequê, e lá mesmo entra em trabalho de parto. Logo a notícia corre até Madalena, que na época ainda morava no Iporanga, que vai às pressas ajudar sua filha a dar à luz uma menina.

A família da menina Catarina morava entre os caiçaras na praia da Enseada, junto de vários parentes paternos. De acordo com o censo de 1822, já existiam registros desta família vivendo na mesma praia, terras que seriam dos descendentes do senhor Manoel Joaquim da Silveira, casado com Anna Joaquina, que morava no território onde hoje é o Tejereba e que foram ancestrais de Catarina. Antes de proprietários, eram agregados, trabalhavam na lavoura e tinham 5 filhos, na mesma época em que Maria Bárbara e as herdeiras de Antônio Martins possuíam suas terras na região. Com isso mostramos que era uma família de raízes caiçaras, em especial formada por mulheres de destaque, que se perpetuou na cidade ao longo dos séculos[174].

Foi em uma sexta-feira à noite, que conversamos com a mencionada Catarina através de vídeo chamada, visando sua proteção e integridade da saúde. Ela, já no auge dos seus 84 anos repletos de lucidez, em meio à modernidade e tecnologia, vive também em meio a pandemia da COVID-19[175] onde tivemos que nos manter afastados. A solução foi nos conectamos virtualmente com o auxílio de seu neto e de seu filho, e por meio desta conferencia, fomos marcados pelos relatos e história de vida dessa grande matriarca[176].

---

173 Entrevista concedida por Catarina de Oliveira dos Santos em 29/01/2021.

174 PRIMEIRA PARTE - RECENSEAMENTOS DE SANTOS Capítulo II - A população no Ano da Independência. Lista geral dos habitantes que existem na Vila e Praça de Santos e em seus Distritos no presente ano de 1822, suas ocupações, empregos, gêneros que cultivam e em que negociam. Disponível em http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0184z52.htm Acessado em 15/01/2021.

175 Os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo camelos, gado, gatos e morcegos. Raramente, os coronavírus que infectam animais podem infectar pessoas, como exemplo do MERS-CoV e SARS-CoV. Recentemente, em dezembro de 2019, houve a transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), o qual foi identificado ▶ em Wuhan na China e causou a COVID-19, sendo em seguida disseminada e transmitida pessoa a pessoa. Disponível em: < https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>Acessado em 18/01/2021

176 Entrevista concedida Catarina Oliveira dos Santos em 29/01/2021.

Ela contou que quando moça sempre trabalhou, primeiro como doméstica, depois como babá, cozinheira de um restaurante na capital e também em uma fábrica de sardinha. Catarina casou-se apenas uma vez, e seus frutos são uma prole de 10 filhos, dos quais, pela alteração da sua voz e seu olhar, percebemos que possuia muito orgulho deles, já que fez de tudo para dar uma boa educação aos seus. Perguntamos a ela se havia ido à escola, ela relatou que os tempos eram difíceis e que estudou apenas as séries iniciais.

Catarina, como tantas outras que estão nas raízes de nossa cidade, é uma mulher de garra, sempre foi a luta para ajudar a todos à sua volta, e essa força feminina caiçara é de grande valor para nossa história, pois são essas mulheres reais que fortalecem uma geração e que se tornam o maior exemplo da família. Com os poucos recursos que tiveram devido ao contexto que limitava a ação feminina, ainda assim deixaram sua marca na história da cidade.

Capítulo 8:
A pérola revelada

Celso é motorista[177]. Sua profissão exige que conheça as ruas de Guarujá como ninguém. De Vicente de Carvalho a Pedreira, do Ferry Boat ao Perequê[178]. Cada parada, uma memória. Ele mesmo já morou no Santo Antonio, morro da Cachoeira, Morrinhos. Respira a cidade, vive a cidade. Sabe que cada espaço da ilha é marcado por parte de sua história de vida, que se junta a tantas outras trajetórias pelos pontos em que para. Ele não apenas tem sua própria jornada, mas ao cumprir seu trajeto, cruza com outras narrativas, de povos que cedo saltam da cama à espera de um ônibus para enfrentar a batalha. E é Celso quem transporta essas vivências, essas mil e uma experiências.

Ao voltar no tempo, quando as estradas mal sonhavam em cortar a ilha toda de ponta a ponta, quando o município ainda não havia explodido em prédios e becos, era o avô de Celso quem carregava os operários pelos trilhos da extinta estrada de ferro. Sua mãe ainda criança corria na saída da aula da Escola Vicente de Carvalho, antigo Grupo Escolar do Guarujá,e se pendurava na Maria Fumaça enquanto o pai dela passava. Em troca recebia as broncas devidas do velho maquinista, que não suportava que a filha sujasse os vestidos e chegasse em casa cheirando a carvão e fuligem[179]. Gerações de transportadores de histórias.

Sebastião Teixeira, guarujaense nato, saudoso avô de Celso, não apenas conduzia vidas alheias pela ferrovia, mas também teve sua própria vida a guiar. Antes de dirigir o trem era carpinteiro, tendo feito a cruz de madeira que enfeitava a velha igreja no centro da cidade. Viu seu trabalho consumido entre as chamas quando a capela de Santo Amaro foi tomada pelo fogo[180]. Também estava às vésperas de seu casamento quando precisou trocar toras de pau pelas armas na Revolução de 32, época em que Guarujá precisou convocar seus jovens para lutar contra as tropas de Vargas[181]. Sebastião, homem já nascido num meio urbano em ebulição.

Não havia opção. A vila estendida em balneário, com tão pouco tempo de proje-

---

177 Entrevista concedida por Celso Eurípedes Chaves da Silva em 31 de janeiro de 2021.

178 Bairros localizados em Guarujpa/SP.

179 O trajeto da locomotiva a vapor funcionou em Guarujá até 13 de julho de 1956, quando foi definitivamente desativado, época em que a mãe de Celso, Dercy Chaves dos Santos, tinha 13 anos de idade. Sobre a locomotiva, ver: Novo Milênio. No tempo da Maria Fumaça. Disponível em: https://www.novomilenio.inf.br/guaruja/gh007a.htm

180 Sobre o incêndio com a capela de Santo Amaro em Guarujá, consultar: Novo Milênio. O padroeiro caminhou sobre as águas. Disponível em: https://www.novomilenio.inf.br/guaruja/gh024.htm

181 Para envolvimento de moradores da baixada santista, inclusive de Guarujá, com a Revolução Constitucionalista de 1932, consultar: Novo Milênio. Os veteranos da revolução. Disponível em: https://www.novomilenio.inf.br/santos/h0186n.htm.

tada, atrairia outras sagas de longe e lhes pediria seus filhos, para que seu suor e sangue engrossassem o caldo necessário para que a pérola finalmente amadurecesse e se revelasse, virando cidade. Os velhos sítios da ilha precisariam abrir mão de suas roças de mandioca, de suas plantações de feijão e de suas casas de pau a pique, e veriam passar sobre o seu humilde chão batido, primeiro as estradas de ferro de Sebastião, que no futuro dariam lugar às vias de asfalto de Celso.

Outubro de 1886. Uma notícia publicada no Correio Paulistano[182] relata um evento ocorrido na praia das Laranjeiras, atual Pitangueiras, no centro do Guarujá. No anúncio, duas garotas, cuja família se hospedara ali no sítio de Valêncio Leomil, quase morreram afogadas enquanto se banhavam, lutando por mais de uma hora contra a força da correnteza defronte à ilhota chamada Pompeba[183], até que finalmente pudessem ser salvas pela canoa conduzida por um grupo de pescadores.

Embora não fosse o foco do noticiário, é possível notar que a manchete não faz qualquer referência à urbanização na ilha de Santo Amaro, apesar de se referir a um local que na atualidade está cercado por prédios e recebe turistas de todos os lugares. Nas redondezas do sítio ainda havia homens que trabalhavam com pesca e embarcações rústicas depositadas sobre a areia. No entanto, mal passariam sete anos, e aquele espaço já experimentaria profundas alterações, em atendimento ao projeto de concepção da Vila Balneária que se estenderia por aquele terreno.

No último quartel do século XIX, Leomil, que havia lucrado com o tráfico atlântico décadas antes[184], agora já tinha vendido suas terras em Perequê e Pernambuco[185] e adquirido nova propriedade no centro da ilha, além de usar parte de seu tino comercial para a exploração de armazéns em locais estratégicos[186]. Os herdeiros de João Teixeira Chaves, outro antigo escravocrata da ilha, agora possuíam o sítio Glória, vizinho ao sítio de Leomil, além de fazendas de café no interior de São Paulo[187]. Eram necessárias novas estratégias, em atendimento às mudanças que o chamado progresso traria à pequena ilha, e o capital acumulado pela elite da época não tardaria em buscar destino certo.

As terras citadas e outros espaços rurais, que atravessaram séculos como extensões

---

182 Correio Paulistano. 29 de outubro de 1886. p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_04/8342.

183 Pequena Ilha localizada em frente à praia das Pitangueiras em Guarujá/SP.

184 Para mais sobre Leomil, consultar: COSTA, Wendel AlexsamderDalitesi. Leomil e o Tráfico de Africanos na fazenda Perequê. 2020. Disponível em https://legado436249340.wordpress.com/2020/11/20/leomil-e-o-trafico-de-africanos-na-fazenda-pereque/.

185 A partir de 1878, o sítio Pernambuco pertencia a José Teixeira da Silveira, conforme: LOPES, Albertina Fernandes. Vida e lutas de três gerações. 1977. São Paulo. E ao menos desde 1883 a Fazenda Perequê já estava sob posse da família Pereira Branco. Ver: Correio Paulistano. Perequê Industrial. 27 de maio de 1883. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_04/4207

186 MARINO, Carlos Eduardo Collet. Ócio, lazer e distinção. Vilegiatura marítima e a invenção do Guarujá (1893-1913). Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2018. p. 89.

187 Idem, p. 92

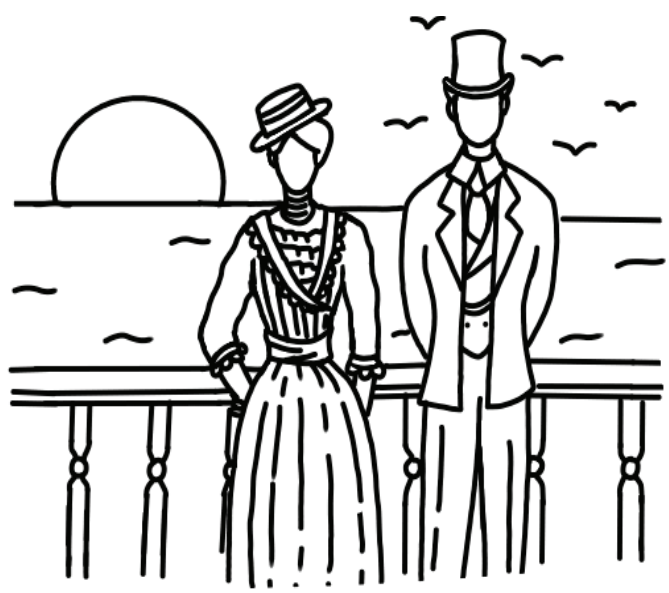
agrícolas, cultivadas por escravizados e agregados, responsáveis pelo abastecimento da vila santista, estariam com seus dias contados, e as famílias mencionadas acima estariam entre os principais acionistas da empresa que visaria a exploração da ilha de Santo Amaro para fins turísticos, pois seriam em suas terras que as primeiras ruas seriam traçadas e pelas quais os trilhos da estrada de ferro passariam. Nomes como Antonio Prado e Elias Fausto Pacheco Jordão, este último diretor da Companhia, uniriam seus recursos exuberantes ainda em 1891, para a exploração econômica dos territórios à beira mar[188].

As décadas que antecederam a criação da Vila Balneária de Guarujá foram de grandes mudanças no litoral paulista e no Brasil como um todo. Na metade do século, o café já era o principal produto a ser exportado pelo porto santista, o que fez com que os trilhos da São Paulo Railway, já em 1867, passassem a encurtar a distância entre as fazendas cafeeiras do oeste paulista e o principal local de exportação do produto[189].

No cenário nacional, o fim da escravidão e a abertura do Brasil à chegada de imigrantes, bem como o crescimento econômico do município santista, ao qual a ilha de Santo Amaro pertencia, foram fatores decisivos para atrair cada vez mais pessoas de todos os lugares atrás de oportunidade de emprego, alterando de forma irreversível a demografia da região.

Exemplo disto é o que ocorreu com muitas das famílias caiçaras do litoral norte paulista. Com a economia de São Paulo se voltando cada vez mais à principal rota do café, outras regiões portuárias, como a vila de São Sebastião, passaram por um verdadeiro declínio, fazendo com que verdadeiras levas de trabalhadores abandonassem suas terras e rumassem para Santos, tendo, inclusive, a ilha de Santo Amaro como novo local de moradia[190].

Este parece ter sido o caso de Manoel Teixeira Chaves, bisavô do nosso personagem. Homem nascido em São Sebastião, também casado com mulher sebastianense, ambos seriam levados a largar o litoral de seus pais no final do século XIX e a se instalariam no Morro da Cachoeira em Guarujá, onde nasceriam seus filhos e netos, incluindo o avô e a mãe de Celso.



188 Idem. p. 33.

189 BARBOSA, Maria Valéria. DIAS, Nelson Santos. CERQUEIRA. Rita Márcia Martins. Santos na formação do Brasil: 500 anos de história. Disponível em: http://www.fundasantos.org.br/e107_files/public/santos_na_formacao_do_brasil_pdf.pdf.

190 Idem. p. 34, 36.

Nesse contexto de mudança do eixo econômico em São Paulo, a elite cafeeira, em busca de novas alternativas de investimento, passou a mirar a velha ilha de Guaibê, de forma a reorientar a sua ocupação e ressignificar seu espaço. Com intervalo de dois anos entre a criação da empresa e a conclusão do projeto em terras privilegiadas da ilha, não demoraria para que as famílias mais ricas de São Paulo passassem a ter em Guarujá o seu novo local de estadia para fins de lazer e recreação. E dia 2 de setembro de 1893 foi a data escolhida para a grande inauguração.[191]

Dezenas de casas construídas com madeiras vindas dos Estados Unidos, um monumental hotel e cassino, ruas largas, cuidadosamente desenhadas, a igreja onde seriam celebradas as missas e onde o nosso carpinteiro penaria com sua cruz, a ferrovia encurtando a distância entre o norte e o centro da ilha e as barcas fazendo o transporte entre Santos e Guarujá. Era o velho projeto do capitão mor Jorge Ferreira, homem do período colonial, mencionado no capítulo 3, de criar uma vila em terras de Santo Amaro, tornando-se real, no entanto, com mais de trezentos anos de espera[192].

Se, de um lado, o café trazia riquezas, possibilitando um crescimento considerável ao porto de Santos e um acúmulo financeiro que deu aos seus detentores a concepção da vila em uma ilha de difícil acesso, bem como o desfrute dos banhos de mar e da diversão nos jogos de azar aos grandes fazendeiros e famílias abastadas de São Paulo, por outro lado, fazia crescer a massa de trabalhadores que, sem muitas opções em seus locais de origem, seguiam para a baixada santista para dar continuidade à sua penitência[193].

No recenseamento santista de 1913, mesmo ano da reinauguração do Grande Hotel já em sua terceira versão, é possível notar como a população dos bairros pertencentes à Santo Amaro estava distribuída[194]. Somando-se todos os moradores da ilha, estes já passavam de 4500 habitantes[195]. O maior bairro em ocupação era a Bocaina, na parte setentrional, onde hoje se encontra a Base Aérea de Santos[196]. Lá se concentravam muitos homens vinculados à dinâmica portuária, bem como ao trabalho embarcado. Pessoas provenientes de várias geografias, mas também da cidade santista, em especialmente de seus morros[197].

---

191 MARINO. Ibidem. p. 34

192 Para projeto de vila na ilha de Santo Amaro encabeçado por Jorge Ferreira, ver capítulo 3.

193 MARINO. Ibidem. p. 25.

194 Novo Milênio. Mudanças no crescimento populacional. Disponível em: http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0296a14.htm

195 Como o velho problema enfrentado desde o período colonial, a ilha de Santo Amaro aparece fragmentada em pequenos bairros, sempre contadas junto à vila e depois cidade de Santos. Para chegar a esta cifra aproximada, precisamos fazer a separação, nome a nome, entre os bairros de Guarujá e de Santos para contabilizá-los em seguida. Para trabalho de pesquisa anterior, ver: COSTA, Wendel Alexsander Dalitesi. De ilha agrária à cidade balneária: povoamento e transformações no processo de formação do município de Guarujá (1893-1934). XVII Simpósio Internacional de Ciências Integradas – Campus Guarujá. 2020. p.15.

196 Vale ressaltar que a Base Aérea de Santos, a despeito do nome, está localizada em território pertencente ao município de Guarujá.

197 Idem. p. 8.

Em seguida, como segundo bairro mais populoso, vinha a vila Balneária de Guarujá, com mais de 1100 habitantes. Resultado da vida que se dinamizava, de um espaço que se urbanizava, e de uma sociedade que, à medida que ganhava nova roupagem de luxo, também fazia multiplicar suas mazelas e conflitos sociais[198].

Apesar do crescimento demográfico quase que como um vulto, práticas urbanas e rurais ainda disputavam um mesmo espaço. As décadas seguintes ainda tornariam a região conhecida pela exportação de banana e outros gêneros básicos[199], e sítios como o Cachoeira, com sua produção de aguardente, merecem destaque neste cenário.

No censo, pouco afastados da badalada Guarujá, antigos sítios, como Iporanga, Enseada, Pernambuco, Prainha Branca e outros, ainda contavam com uma crescente população nativa, que entre suas roças familiares e festas populares, procuravam resistir em seus espaços, cada vez mais cobiçados pelo turismo emergente[200].

O censo rural de 1920[201] ainda traria dezenas de proprietários que possuíam pequenas glebas de terra para plantio e sobrevivência de suas famílias, entre eles seriam citados os ancestrais de Margarida, Jairo, Mirinha, Venicio e Catarina, já narrados nos capítulos anteriores, todas famílias já centenárias na Ilha Dragão[202].

A lista mencionada, no entanto, também trazia a Companhia Guarujá como detentora das terras onde se ergueram os chalés e o cassino, e também uma porção de acionistas da linha férrea, além dos Mocchi que haviam comprado a fazenda Perequê e levariam a estrada de rodagem à porção oriental da ilha[203]. Era um novo e um velho mundo colidindo cada vez mais.

Apesar das disparidades sociais do período, que se arrastariam em Guarujá até a atualidade, um fato é que todo o dinamismo econômico e inchaço populacional foram passos consideráveis para que, em 26 de outubro de 1922 uma lei estadual elevasse o Guarujá à condição de distrito. Ainda estaria subordinada a Santos por mais 12 anos, mas já prestes a seguir rumo próprio, resultado da força de braços que abriram mão de sua terra natal rumo ao desconhecido, e de outros que aqui já estavam e permaneceram em seus esforços pela vida[204].

---

198 Idem. p. 10.

199 Para importância das plantações de banana em Guarujá, Ver: GOMES, Urbain N. Almanark Itapema. Áureos bananais itapemenses. 2015. Disponpivel em: http://almanarkitapema.blogspot.com/2015/11/aureos-bananais-itapemenses.html

200 Novo Milênio. Mudanças no crescimento populacional. Disponível em: http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0296a14.htm

201 Ministério da Agricultura, Indústra e Comércio. Recenceamento do Brasil realizado em 1 de setembro de 1920. Vol III. p. 215.

202 O contorno da ilha de Santo Amaro lembram a figura lendária de um dragão alado.

203 COSTA, Wendel AlexsanderDalitesi Costa. Os homens da ilha. Washington Luis e a estrada para a Fazenda Perequê. https://legado436249340.wordpress.com/2020/11/23/washington-luis-e-a-estrada-para-a-fazenda-pereque/

204 COSTA. Ibidem. p. 5.

Uma análise de 600 certidões de casamento dos livros de ata do cartório sede de Guarujá nos cinco anos que antecedem sua emancipação político-administrativa, por exemplo, fornecem uma compreensão mais apurada acerca das famílias que ajudaram na construção da cidade. Dos nubentes registrados, apenas pouco mais de ¼ deles eram naturais de Santos e região, o que evidencia que a virada do século XX foi um período de grande migração e imigração para a região[205].

Entre os principais grupos analisados nos registros, encontram-se provenientes de fora do país (cerca de 22%), entre os quais se destacam portugueses e espanhóis. Também vieram nordestinos (cerca de 12%) e provenientes do litoral norte, conterrâneos e contemporâneos do bisavô de Celso (cerca de 11%). Entre os noivos, no que tange ao seu local de origem, também foram encontradas pessoas do interior do estado, da capital do Brasil[206], de outras regiões litorâneas e do país como um todo. Na certidão de número 262, chama atenção uma moça de Campinas que se unia a um jovem carpinteiro de Guarujá. Eram os avós de Celso. E na conta geral, uma grande diversidade de povos que se somariam, dando sua contribuição laboral e cultural para que Guarujá tivesse força suficiente para se emancipar de Santos e se tornar independente a partir de 30 de junho de 1934[207].

Entre as profissões declaradas, haviam operários, portuários, marítimos, mas também comerciantes e funcionários da administração pública. Haviam motoristas como Celso, e ferroviários como seu avô. E apesar de alguns relatos, poucos eram os lavradores e pescadores que compareceram aos registros civis, fosse porque o caiçara, que ali já vivia antes dos ditames formais se instalarem, tinha vida própria, menos atrelada às convenções e instituições que adentraram seu espaço, ou fosse porque seu espaço de lavoura se via cada vez mais limitado frente à malha urbana que passava a requerer o pouco território do qual ele dispunha[208].

Quatro décadas após a criação da vila pelo grupo pertencente à Companhia Prado Chaves, e Guarujá, com uma população de 7.810 habitantes[209], já estaria madura para entrar no rol das estâncias balneárias paulistas. O 30 de junho passaria a ser então feriado municipal, comemorando o dia em que a cidade, fortalecida pelas milhares de histórias que se sobrepuseram e a construíram, passaria a ser autônoma, e que apesar dos ciscos nocivos que penetraram sua casca e se revolveram em seu âmago, tem feito como a ostra, que de um grão que lhe causa dor tem revelado uma pérola, a pérola do Atlântico.

---

205 Em trabalho anterior, fizemos uma cuidadosa análise das 600 primeiras certidões de matrimônio contidas nas atas dos livros de cartório de Guarujá. Ver metodologia e resultados em : COSTA, Ibidem. p. 5-7, 12

206 No período em questão, a capital do Brasil ainda se encontrava no Rio de Janeiro.

207 COSTA. Ibidem. p. 12.

208 Conforme tabela de profissões em COSTA, Wendel AlesanderDalitesi. Ibidem. p. 12.

209 Recenseamento demographico, escolar e agricola - zootéchnico do Estado de São Paulo (20 de setembro de 1934) - publicação: 1936.

Capítulo 9:
Caminho em cordéis

Se achegue moça Joana,

Tu é mais uma sergipana

Que vai ter que largar teu chão,

A vida é dura, mas ensina.

Tenha a garra nordestina

Pra ganhar esse mundão.

É lá pras bandas do mar,

Que tu vai ter que pelejar,

Pra conquistar teu ganha-pão[210].

Evem Joana[211], moça nova, com seu cabra. Foi num dia de missa que achou um baiano para se casar. Mais uma família a deixar suas raízes para trás, e num pau de arara[212] atravessar o sertão pra tentar a vida em São Paulo, no litoral. A mãe dela vem depois. O primeiro destino são os morros de Santos. Uns anos depois, cinco filhas meninas. A sexta nasceria em Guarujá. Primeiro foram viver num barraco emprestado, no sítio Paecará. Os bananais completavam a paisagem, da época que o antigo sítio dos Backeuser ainda mantinha seus traços rurais[213].

As terras da dona Áurea Gonzalez Conde, antiga fazenda da Vargem Grande, por sua vez, também conservavam algo do esplendor da plantação de bananas que ali se multiplicara nas últimas décadas. Era uma das bases econômicas do momento vivido. No entanto, seria na pesca que a nossa guerreira continuaria sua jornada até que conseguisse um terreno que pudesse chamar de seu.

Orgulhosa, a nossa personagem ainda guarda o documento que lhe garantiu a posse de um lote em 1964, no novo local onde passaria a maior parte dos seus dias. Tratava-se do sítio Itapema, destino de muitos nordestinos, que à semelhança da famí-

[210] Poesia autoral.

[211] Entrevista concedida por Joana Luciana Santos Ribeiro em 24 de janeiro de 2021.

[212] Transporte irregular adaptado para condução de passageiros em maior quantidade.

[213] Referencia a Guilherme Backeuser, que possuía o sítio Paecará, ainda não loteado, na metade do século XIX. Registro Paroquial de Terras de Santos. Arquivo do Estado de São Paulo.

lia de dona Joana, seriam atraídos pelas oportunidades de emprego, incluindo o setor industrial que se ampliava, além do preço mais acessível dos terrenos naquela parte do Guarujá[214].

Embora haja alguma divergência com relação à origem do nome Itapema, de raiz tupi, a que melhor parece se adequar à geografia local lhe atribui o significado de pedra partida, em referência ao aspecto de alguns morros quebrados existentes no local[215]. E já nos primeiros anos de colonização na ilha de Santo Amaro, esta porção norte da ilha teria sido concedida ao português Jorge Ferreira, já comentado, e no local os seus descendentes, provavelmente, ergueram o primitivo forte de Vera Cruz, no local onde hoje se instala o farol do Itapema[216].

Solo de várzeas e manguezais, cortado pelo rio Acaraú, contava com sítios próximos como o Paecará, o Pai Elesbão, o sítio Conceição, a Vargem Grande[217]. Sítios estes que, na década de 50, se uniriam para formar o distrito de Vicente de Carvalho, homenagem ao poeta parnasiano, cujos familiares também possuíam áreas cultiváveis nas terras de Guaibê[218].

Por muitos séculos, a parte setentrional da ilha permaneceu com esparsas ocupações. Também havia o trabalho dos jesuítas onde hoje é o sítio Conceiçãozinha, o chão cultivado por cativos pertencentes à ordem dos carmelitas no espaço hoje cortado pela Rodovia Piaçaguera[219], e o forte do Itapema, que junto aos fortes de São Filipe/São Luiz e à fortaleza da Barra, garantiam a proteção da vila de Santos contra as ofensivas inimigas no período colonial [220].

Com poucas unidades de produção agrícola, esta porção de chão, que no mapa corresponde à asa de um dragão, ainda contava com alguns africanos e famílias de agregados pobres que lá se punham a cultivar ou pescar. Eram apenas os primeiros de milhares de pessoas que pelos séculos seguintes ali também passariam suas vidas[221].

Contudo, o aumento da população de Santos no final do século XIX, bem como a chegada dos trilhos do Tramway do Guarujá que uniria o norte ao coração da ilha, logo fariam com que os velhos latifúndios conseguissem autorização para ser loteados,

---

214 Para fatores condicionantes ao povoamento do distrito de Vicente de Carvalho, ver: VAZ, Angela Omati Aguiar. Guarujá: Três momentos de uma mesma história. 2010. p. 148.

215 Ver em https://www.itapemapraia.com.br/significado-da-palavra-itapema.php

216 Ver em Novo Milênio. O forte do Itapema. 2005. Disponível em: https://www.novomilenio.inf.br/guaruja/gh028.htm

217 Os sítios mencionados consta na relações de terras do século XIX, seja no Tombamento dos bens rústicos da Vila de Santos de 1817, seja no registro paroquial de terras de Santos de 1854. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

218 NUNES, Urbain N. Almanark Itapema. Itapema – SP. 2011. Disponível em: http://almanarkitapema.blogspot.com/2011/01/itapema-sp.html

219 Sobre ocupação dos sítios Acaray, Itapema e Conceição, ver Tombamento dos bens rústicos da Vila de Santos em 1817. Arquivo do Estado de São Paulo.

220 NUNES, idem.

221 Tombamento dos bens rústicos da Vila de Santos de 1817. Arquivo do Estado de São Paulo.

atraindo famílias em busca de espaços de moradia mais acessíveis e próximos aos seus locais de trabalho. Desde 1893, o Itapema passaria a sediar a estação que conduziria os turistas até a vila balneária de Guarujá, poucos quilômetros à frente. No futuro distrito passariam a viver muitos trabalhadores navais, estivadores, marítimos e agricultores dos sítios cultivadores de bananas. Em um aumento populacional desenfreado, a cidade de Santos começaria a transbordar para o outro lado do estuário, fazendo com que o número das pessoas aumentasse de forma considerável, em especial no bairro da Bocaina, antiga vila de pescadores[222].

Marcolino é um desses, sergipano, que antes da década de 30, já havia rumado para a Bocaina com sua família, aqui se casando com uma moça da baixada. Operário como tantos outros que deixavam sua terra natal para viver na cidade, filho de Maria como tantos outros que vieram em busca de um sonho[223].

Em 1914, em visita realizada pelo então prefeito de Santos, o bairro onde ele passaria a viver já contava com 400 casas. Na época, foi constatado que ali existiam problemas com abastecimento de água, falta de limpeza das vias públicas e escassez nos lampiões que iluminavam as ruas, além de limitações no transporte da população, normalmente feito por barcas. Era abrir mão das labutas da roça para enfrentar a privação dos bairros improvisados com o crescimento repentino. A própria Bocaina, quando ali se instalou a Base Aérea de Santos em 1930, fez com que muitas famílias fossem desapropriadas de suas casas e seguissem para bairros próximos[224]. Luta que não para.

A inauguração da Vila Balneária, com todo o seu aparato voltado ao turismo, ainda teria um impacto tímido na geografia da ilha perto de tudo o que estaria por vir. Seriam estradas e estradas, cada vez a encurtar a distância entre a serra e a praia, e cada vez mais operários, vindos de longe a somar forças. A construção da rodovia Anchieta em 1947 teria papel decisivo na região, já que atrairia não apenas mão de obra, mas também cada vez mais turistas paulistanos, ampliando a necessidade de prestação de serviços na cidade[225]. Foi nessa época que a cidade recebeu, entre tantas famílias pernambucanas, a de Luiz Inácio Lula da Silva, ex-presidente do Brasil[226].

Em 30 de dezembro de 1953, mesmo ano da conclusão da pista sul da Rodovia Anchieta, pela Lei Estadual n.º 2.456, estava criado o distrito de Vicente de Carvalho, que passaria receber gente de todo canto, em especial nordestinos, que teriam papel

---

222 NUNES, 2011

223 COSTA, Wendel Alexsander Dalitesi. De ilha agrária à cidade balneária: povoamento e transformações no processo de formação do município de Guarujá (1893-1934). XVII Simpósio Internacional de Ciências Integradas – Campus Guarujá. 2020. p.7-8.

224 Novo Milênio. Bocaina: de vila de pescadores a base aérea. 2008. Disponível em: https://www.novomilenio.inf.br/guaruja/gh038.htm

225 METROPOLO, Ana Paula. As moradias irregulares e a regularização fundiária na Lei mº 13.465/2017. Santos, 2018.

226 NUNES, Urbain G. Almanark Itapema. Presidente Lula no Itapema. 2014. Disponível em: http://almanarkitapema.blogspot.com/2014/05/presidente-lula-no-itapemasp.html

de destaque na formação da cultura local, mas também na prestação de serviços, na atuação no comércio e no crescimento do porto. A partir de agora, a velha Itapema e os sítios adjacentes seriam chamadas pelo nome do poeta, mas não sem protesto. Para os moradores mais antigos, cujo saudosismo vai além das mudanças no papel, vão sempre se lembrar do lugar como a sua secular Itapema[227].

As catraias iam e vinham levando gente para o trabalho no cais, para a estiva, para a velha cidade santista e para a Guarujá recém emancipada. Os cachos, por sua vez, eram carregados dos grandes bananais do distrito para o seu destino final. Multiplicavam-se as casas, as lutas, os partos, a cidade. E entre tantas mortes e vidas, tantas chegadas e partidas, os caminhos se reinventavam em cordéis, uma opulência de tradições que, cantadas ou vividas, de cada São João e viola, de cada cabra valente que veio de fora, também trouxeram seu tempero apimentado na formação do distrito, do município, do nosso folclore local.

O porto, em compensação, não parou de crescer, e não demorou para que a Companhia Docas de Santos inaugurasse, ao fim da década de 50, o primeiro cais no antigo sítio Conceiçãozinha[228]. A ferrovia também viria com força, não mais para trazer a alta classe para se banhar nas praias, mas para trazer as cargas que, agora também armazenadas na margem esquerda do canal[229], fariam com que Vicente de Carvalho passasse a abrigar parte do porto mais movimentado da América Latina, o porto de Santos.

Nesse período, segundo relata a historiadora Angela Omati, no sítio Pae Cará, onde primeiro viveu nossa Joana, houve um aumento no número de construções irregulares, especialmente a partir de 1956, devido a um desmoronamento nos morros santistas provocados pelas fortes chuvas[230]. Um proble-

[227] VAZ, op. cit., p. 148.

[228] NUNES, Urbain G. Almanark Itapema. Ferrovia de carga em Itapema/SP. 2017. Disponível em: https://almanarkitapema.blogspot.com/2017/07/

[229] Guarujá sedia a margem esquerda do porto de Santos, a qual é responsável por 35% de toda a movimentação do porto.

[230] VAZ, op. cit., p. 148.

ma, que infelizmente, permanece atual, haja vista a tragédia mais recente, que levando em conta apenas o município Guarujá, ceifou 34 vidas em março de 2020[231]. A velha questão da vulnerabilidade social na baixada santista.

Na medida em que o distrito crescia, cresciam também as suas contradições com relação ao restante da cidade. Chegada a década de 1960, e o trabalho de Luiz Melo Rodrigues anunciava as disparidades existentes entre Vicente de Carvalho e Guarujá, não apenas físicas, mas também sociais[232]. Por sobre as águas escuras e várzea alagadiça, a denúncia do abandono das ruas e a condição de marginalização dos bairros ali existentes. Entre um lado e o outro do Rio Santo Amaro, composições bem distintas, o que pode justificar várias tentativas de emancipação que o velho Itapema experimentou até os dias atuais.

Terminada a década de 60, e o cartório de Vicente de Carvalho já contava, sozinho, com quase 18 mil assentos de nascimento desde a data de sua criação. As folhas, em sua maioria esmagadora, traziam o nome de filhos de famílias que vieram do sertão nordestino. Desde os primeiros aos últimos registros, muitos são os herdeiros de sergipanos, cearenses, paraibanos, que passaram a servir a cidade como carpinteiros, mecânicos, comerciantes, operários. Muitos partos ainda eram feitos em casa, ignorando o costume das pessoas da cidade de recorrerem ao Hospital Santo Amaro ou à Santa Casa de Santos para que as crianças pudessem nascer. Mães davam seus filhos à luz em residências sobre a Avenida Thiago Ferreira, ou localizadas na rua Cunhambebe, ou ainda sob a Linha das Torres[233].

No registro 8.918, por exemplo, vinha ao mundo mais um Severino, mais um filho de Maria, nordestina[234]. Homens e mulheres que, embora não tenham sido homenageados com nomes de praças, ruas ou escolas, que embora não figurassem entre o nomes dos ilustres, cujos bustos esculpidos são vistos na cidade, ainda assim se fazem memoráveis entre os antigos, que num dominó de domingo se juntam na 14 Bis[235].

---

231 Prefeitura Municipal de Guarujá. Encerada buscas por vítimas em Guarujá. 18 de março de 2020. Disponível em: https://www.guaruja.sp.gov.br/encerradas-buscas-por-vitimas-em-guaruja/

232 RODRIGUES, Luiz Melo. Vicente de Carvalho. A Baixada Santista – aspectos geográficos. Vol III. In VAZ, op. cit., p. 149.

233 Ver em: Brazil, São Paulo, Guarujá, registros civis, 1929-1975. Disponível em: https://www.familysearch.org/search/catalog/2656429?availability=Family%20History%20Library.

234 Trocadilho com a obra Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto.

235 Principal praça do distrito de Vicente de Carvalho.

Capítulo 10:
Educação e transformação feminina

Por Juliana Heloise Rosa Santos Silva

As mulheres sempre foram em busca do seu espaço diante da sociedade, fora dos moldes da cultura patriarcal, ainda que por muito tempo tivessem sido reprimidas e silenciadas por estereótipos ultrapassados.

Ao nos debruçarmos sobre histórias de mulheres que se tornaram parte da cidade e que fizeram do Guarujá seu lar, nos deparamos com a necessidade de verificar as certidões de casamento dos livros de ata do cartório de registro civil entre 1929 e 1934, logo após o período em que a ilha recebeu diversas pessoas de todas as partes, e que desde então criaram vínculos nesta terra. Atrás de informações mais claras quanto ao papel feminino na época, notamos que o trabalho fora do ambiente do lar era quase que escasso. Dos 600 registros de casamentos de mulheres no período, 590 delas se declaram domésticas. Do restante, havia uma enfermeira e uma auxiliar, duas modistas, uma operária, uma violinista, uma comerciante, uma circense e duas que não informaram ocupação. Além do mais, as poucas que ainda exerciam alguma profissão fora de casa, na maioria dos casos, eram estrangeiras[236].

Uma destas até então senhoritas foi Rosa Palhares Lopes Miguel, que foi uma italiana de origem em Nápoles. Tendo se casado em Guarujá em agosto de 1933 com um funcionário público nascido em Campinas, teve seus filhos nascidos no litoral paulista. Antes de se casar os registros revelaram que Rosa era uma exceção à regra, pois tinha como profissão modista, situação atípica para os padrões da época[237]. No entanto, após alguns anos vivendo no Brasil, na época em que conseguiu a permanência definitiva em território brasileiro em 1944, seus registros já lhe imputavam como mais uma doméstica.

Vale dizer que as mulheres só começaram a ter alguma autonomia depois que conquistaram o direito ao voto, o que lhe foi assegurado em 1932, sabendo-se que esse empenho vinha desde 1891[238]. No entanto, haviam poucas que conseguiam realizar

---

236 COSTA, Wendel Alexsander Dalitesi. De ilha agrária à cidade balneária: povoamento e transformações no processo de formação do município de Guarujá (1893-1934) "XVII SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS INTEGRADAS DA UNAERP - CAMPUS GUARUJÁ. 2020 p. 10-11.

237 Idem. p.17.

238 SILVA, Juliana Heloise Rosa Santos. A gestão feminina em cargos de liderança. il. color. Monografia (graduação em Administração de empresas) - Universidade de Ribeirão Preto - UNAERP,

outras atribuições com remuneração, e quando conseguiam, ainda se deparavam com desigualdade salarial quando comparadas aos ganhos do gênero masculino, conforme retratam os registros de antigos funcionários do Grande Hotel Guarujá em 1932, onde homens e mulheres, embora contratados na mesma data e para a mesma função, tinham diferença salarial, já que havia casos de homens que ganhavam 25% a mais que suas colegas de trabalho, conforme apontado por Vaz[239].

Apesar das limitações vividas na época, algumas histórias femininas foram de grande valia para construção da cidade no aspecto da formação educacional, desta forma não poderíamos deixar de mencionar estas ilustres personagens femininas, que foram de extrema importância para o município. No final do ano de 1901 era instalada a primeira escola na região, de forma precária ,situada no chalé[240] de número trinta na vila balneária, onde hoje é a esquina da rua Petrópolis com a Avenida Marechal Deodoro da Fonseca[241], e era a professora Raquel de Castro Ferreira quem estava à frente do desafio.

Ela lecionava na sala de visitas e as aulas eram oferecidas aos residentes da região e pescadores, era uma escola mista onde se ensinava para meninos e meninas. Um tempo depois o colégio já se tornava pequeno, e é neste momento em que a Companhia Balneária da Ilha de Santo Amaro, como forma de agradecimento, oferece à professora, no ano de 1916, um chalé maior, o de número quarenta e um, para continuidade das aulas, enquanto a escola residência passava por uma reforma para receber um número maior de alunos e assim proporcionar mais conforto[242]. Depois das modificações a escola volta a funcionar na casa da professora. A escola funcionou no período matutino e operou até 1928 em sua residência. Um ano depois, já com trinta e nove anos de carreira prestando serviço para a comunidade, Raquel se aposentou, tendo consigo a realização de ter alfabetizado aproximadamente 900 crianças durante seu período de atuação[243].

A professora Raquel se tornou fonte de inspiração para outras mulheres, que seguiriam a mesma carreira, com muita dedicação aos alunos. Uma de suas alunas que adquiriu a vontade de seguir os mesmos passos foi Mercedes Damin. Após o ensino

---

Guarujá, p.17 2019.

239 VAZ, 2010, p.65 apud SILVA, 2019, p.16 Idem.

240 Tipo de habitação, de origem suíça, na qual a madeira entra como elemento principal, tanto na estrutura como na decoração: chalé suíço. Disponível em:<https://www.dicio.com.br/chale-2/>

241 Marechal Deodoro da Fonseca foi um dos mais destacados militares brasileiros, tendo chegado ao posto de marechal de campo. Foi ele quem liderou o movimento militar de 15 de novembro de 1889, que destituiu do trono Dom Pedro II e instituiu o regime republicano no Brasil. Foi ele também o primeiro presidente do país sob esse regime. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/datas-comemorativas/deodoro-fonseca.htm>

242 FINCATTI, LéllisAntonio. Formação e atuação do educador no município de guarujá - 1891 a 1950. 2009. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Formação) - Universidade Católica de Santos, Santos, 2009. P87disponível em :< http://biblioteca.unisantos.br:8181/bitstream/tede/184/1/Lellis.pdf>

243 FINCATTI, LéllisAntonio.Ibidem.

básico, Mercedes teve sua formação no colégio Tiradentes, onde fez o curso Normal[244] com duração de três anos. Sempre que surgia alguma oportunidade de se atualizar lá estava ela, onde tinha aulas de português, matemática, latim, francês, geografia, história, canto e piano. E ao longo de toda a sua jornada sempre teve o apoio da família.

Mercedes Damin da Silva foi uma das professoras mais antigas da cidade, e sua trajetória começa no ano de 1945, quando foi convidada a lecionar na escola Municipal Rural localizada na praia do Perequê, que na época era administrada pelo grupo escolar Vicente de Carvalho. Mercedes foi uma das primeiras a dar aulas nesta região. Ela ia até a escola com uma charrete que era oferecida pela prefeitura.Também trabalhou nos bairros Conceiçãozinha, Cachoeira e na entrada da cidade[245].

Mercedes, além professora foi poetisa, pintora, pianista e historiadora[246].Ela lecionou até 1995, mas mesmo aposentava ainda dava aulas particulares. Foi um exemplo de amor à sua profissão, além de fonte de inspiração para diversas mulheres. Deixamos aqui o seu pensamento:

"*Todos os males da humanidade estão diretamente ligados à cultura e à educação. Quando a população tiver acesso à educação e a cultura, saberá melhor reivindicar as causas*".

Professora Mercedes Damin[247].

Raquel e Mercedes foram figuras femininas à frente do seu tempo, elementos transformadores na vida de vários jovens de Guarujá, pois já tinham a visão que a educação pode mudar todo um núcleo familiar. Mas se paramos para analisar e recordar de Catarina, mulher homenageada no capítulo 7, nota-se que é no mesmo período em que Mercedes dava aula no bairro do Perequê, Catarina morava na região, mas são mulheres de universos e realidades de vida diferentes, pois ao contrário de Mercedes, Catarina estudou bem pouco, pois precisava trabalhar fora para ajudar no sustento da

244 As Escolas Normais eram a ponte natural para entrada da mulher no ensino superior e, mais tarde, em todas as esferas de atividade. Por isso, apesar de deficiente e cambaleante, vital e inolvidável ▶ foi o papel das Escolas Normais, criadas no Brasil do século XIX. Disponível em :< https://www.coladaweb.com/pedagogia/as-primeiras-escolas-normais>

245 FALA SANTOS. Especial: Vila de Guarujá - 120 anos de fundação. Os primeiros passos da Educação em Guarujá- 03/09/2013. Disponível em <http://www.falasantos.com.br/conteudo.php?id=12329>. Acessadoem: 01/02/2021.

246 GUARUJÁ CULTURAL - Entrevista Mercedes Damim, a Dona Pipe.. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jYHn53hBgC8>. Acessado em: 01/02/2021.

247 FINCATTI, LéllisAntonio.Ibidem.

família. Era um perfil de vida completamente distinto do universo daquelas professoras. E o relato de tantas outras Catarinas se segue.

Em um domingo à noite na casa da senhora Maurita Rosa Santos Silva[248], começamos a conversar em sua sala de estar, e ela a começa a relatar sobre sua história de vida que começou em terras distantes no ano de 1961, no norte de Minas Gerais, em uma cidade pequena, de nome instigante: Porteirinha.

Em meio à imensidão de terra vermelha, com plantações de algodão, feijão, milho e algumas frutas, cercada por montanhas em toda parte, avistamos uma casa de barro com uma árvore no quintal. Em volta, a calmaria da natureza dessa terra, mas dentro da casa, por sinal, tudo estava muito diferente, pois Anelita estava sentindo as dores de parto para ganhar sua segunda filha. A situação, porém, era difícil, pois o bebê estava em posição pélvica[249]. A parteira, Mãe Bitu, mesmo com poucos recursos, mas cheia de sabedoria adquirida ao longo de sua vida, finalmente conseguiu trazer ao mundo uma pequena menina, que viria a ser a nossa Maurita.

A vida não era fácil, faltava de tudo, mas sempre havia goma e um pouco de café para alimentar as crianças. Maurita e sua irmã mais velha ajudavam seus pais na roça, nos afazeres do lar e a cuidar dos irmãos mais novos, que vieram logo após ela, período de uma busca incessante para ter filhos homens na família, mais úteis à lavoura. Tal prática era comum em famílias com grande prole.

No ano de 1972 o patriarca da família traça um novo caminho, viajando cerca de 2 mil quilômetros, indo em busca de trabalho na tão sonhada São Paulo, chegando ao litoral paulista, na cidade de Guarujá, para trabalhar na construção civil. A região estava no auge, já que na época o mercado imobiliário encontrava-se a todo vapor. Era a perspectiva de uma nova vida. Ele tinha a ideia formada através de uma educação dura, em que só através do trabalho se conquistava algo.

Logo depois toda a família se muda para Guarujá. Nesta época nossa menina Maurita, já com seus 11 anos de idade, se instalou em um casebre em uma das periferias no morro da Vila Júlia, região que no início do século XIX abrigava a fazenda da Paciência[250]. No topo onde a casa se localizava era possível avistar a avenida, prédios em construção e uma escola na qual a menina observava a rotina

---

248 Entrevista concedida por Maurita Rosa Santos Silva em 16/01/2021

249 Em alguns casos, o bebê permanece sentado na barriga da gestante, o que é chamado de posição pélvica. Assim, em vez de nascer pela cabeça, a criança nasce pelo quadril. Cerca de 3 a 4% dos nascimentos ocorrem com o bebê na posição pélvica.Disponível em :<https://www.cordvida.com.br/blog/tipos-de-parto-conheca-o-parto-pelvico/#:~:text=Em%20alguns%20casos%2C%20o%20beb%C3%AA,o%20beb%C3%AA%20na%20posi%C3%A7%C3%A3o%20p%C3%A9lvica.> Acessado em : 18/01/2021

250 COSTA, Wendel AlexsanderDalitesi. MAXIMINO, Paulo Henrique de Pontes. XVI SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS INTEGRADAS DA UNAERP CAMPUS GUARUJÁ Propriedades da Ilha de Santo Amaro no século XIX: do Direito a Terra à Preservação de Aspectos Tradicionais,p.8 , 2019.

dos alunos que lá estudavam.

Certo dia a menina convence sua mãe de conversar com a diretora da escola para que ela pudesse estudar, e após um diálogo, iniciaria seus estudos já no dia seguinte. O acordo foi de que a menina entraria no programa Mobral[251]" que tinha carga horária reduzida, a saber, das 18h até as 20h, já que neste período o Brasil vivia em um contexto de regime militar, que limitava o horário de circulação nas ruas. No tão esperado dia, Maurita acordou cedo, realizou todos os seus afazeres, colocou sua melhor roupa e se dirigiu para o seu primeiro dia de aula, mas eis que ao descer o morro sentido escola, seu pai a chamou dizendo que ela não iria, pois não tinha sua autorização.

O tempo passou e as necessidades continuaram, os mais velhos agora ajudavam a manter a casa, e mesmo com pouco estudo, ela trabalhava vendendo roupas que comprava na capital, mas o sustento maior era como faxineira, já que limpava apartamentos para os ricos na praia de Pitangueiras e no morro da Campina.

O morro que foi seu lar por tantos anos, em dado momento passou a oferecer perigo, e após participar de um programa de moradia, a família foi contemplada com um lote, localizado no Morrinhos. Após a construção da casa, a família se muda para o novo endereço, onde Maurita viveu até se casar. Depois foi morar em uma vila de pescadores, localizada no final da Enseada, popular vila Sapo, local este onde teve dois filhos.

Ela sempre soube que era através da educação que seria possível ver seus filhos viverem com qualidade de vida. Assim, em meio aos afazeres do lar e seu trabalho como diarista, matriculou-se no EJA[252] e concluiu todo o segundo grau, desta forma realizou seu sonho de menina. Ela como toda mãe seguiu com foco na formação dos seus filhos, e colheu seus frutos ao vê-los formados.

As mulheres aqui descritas são de tempos distintos, mas suas lutas em conseguir exercer seu papel de forma justa são atemporais, transcendendo épocas e padrões. Para ajudar os seus, abdicaram de sonhos e superaram os mais diversos desafios, construíram suas famílias e tornaram a cidade de Guarujá o seu lar. Desta forma, ao ampliar o olhar para todas as comunidades da cidade, nos deparamos com diversas mulheres donas de suas histórias, tais histórias de superação. Quantas Rosas, Raqueis, Mercedes, Catarinas e Mauritas não estão escondidas?

Essa é uma singela homenagem a todas as mulheres, pois esta quem vos escre-

---

251 MENEZES, Ebenezer Takuno de. Verbete Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Dicionário Interativo da Educação Brasileira – EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <https://www.educabrasil.com.br/mobral-movimento-brasileiro-de-alfabetizacao/>. Acessado em 25/01/2021.

252 EJA é um programa do governo que visa oferecer o Ensino Fundamental e Médio para pessoas que já passaram da idade escolar e que não tiveram oportunidade de estudar. Disponível em <https://mundoeducacao.uol.com.br/educacao/educacao-para-jovens-adultoseja.htm#:~:text=EJA%20%C3%A9%20um%20programa%20do,n%C3%A3o%20tiveram%20oportunidade%20de%20estudar>. Acessado em: 25/01/2021.

ve é a filha da senhora Maurita, à qual sou grata, pois se hoje tenho uma formação acadêmica foi graças a ela, que mesmo sem possuir um amplo currículo, me passou os maiores e melhores de todos os ensinamentos, que são os valores de uma vida honesta, batalhando e sendo digna constantemente. Ela também me fez acreditar que é possível realizar sonhos, afinal foi através dela que, como mulher, realizei os meus.

Capítulo 11:
A explosão da cidade

Lourdes[253] havia conhecido um moreno alto dos olhos verdes na região serrana do Rio de Janeiro ao visitar a casa de parentes. E apesar de viverem em estados diferentes, correspondiam-se com frequência. Nas cartas apaixonadas enviadas por ele à zona da mata mineira, as declarações:

"No alto daquele morro aplausou-se a lua cheia
para ver como é bonito nosso amor que se incendeia."

Era a beleza da juventude brotando no coração dos dois, porém uma proposta para que a moça de Juiz de Fora rumasse para a baixada santista poderia colocar em risco aquele romance ainda nascente. No novo estado ela poderia trabalhar, melhorar de vida, conquistar novas oportunidades. Era necessário partir. E enquanto titubeava em deixar para trás o rapaz galante, uma vizinha lhe aconselhou: "Vá sem medo! Pois se ele gostar mesmo de você, atravessa faca, fogo e água para ficar junto".

A aventura que Lourdes então decidiu viver a carregou para a estrada de Santos, que até então só conhecia da canção de Roberto Carlos[254] que ouvia quando menina. Guarujá seria o seu destino, já que lá morava uma de suas irmãs. Lá passaria a limpar os apartamentos do centro da cidade. Rua Mário Ribeiro, Avenida Leomil[255].

Era o ano de 1980, período do boom imobiliário na região. Faziam apenas dez anos que havia sido inaugurada a Rodovia Piaçaguera que tornaria o município menos ilha, já que a estrada foi responsável por ligar a ínsula ao continente. Logo depois também haveria a estreia da pista norte da Rodovia dos Imigrantes, servindo para encurtar a distância entre a capital paulista e o litoral. E só no intervalo de seis anos entre a criação das duas vias de acesso, a Prefeitura Municipal de Guarujá autorizaria a liberação de mais de dois milhões de metros quadrados em construção civil[256].

Edifícios se erguendo à beira-mar e modificando de forma irreversível as velhas praias caiçaras. As construtoras lucrando rios de dinheiro. Trabalhadores sendo atraídos de todos os lugares do Brasil. E a cidade, por sua vez, sem a infraestru-

---

253 História retratada com base nas memórias relatadas por Lourdes da Conceição Dalitesi Costa e por seu esposo Manoel José da Costa, hoje falecido. Homenagem do autor aos seus pais.

254 Referência à canção "As curvas da estrada de Santos", do artista Roberto Carlos.

255 Vias do centro de Guarujá/SP.

256 Valor obtido com base na soma dos metros quadrados aprovados pela Prefeitura do Guarujá/SP entre 1971 e o início de 1976, conforme dados fornecidos em: VAZ, AngelaOmati Aguiar. Guarujá: Três momentos de uma mesma história. 2010. p. 155.

tura adequada para lidar com tamanha demanda. Não tardaria para que Manoel, futuro marido de nossa personagem, deixasse o mundo das cartas românticas e viesse atrás de sua amada naquela cidade em explosão. A predição que a amiga dera a Lourdes ainda em Minas se cumpria. Manoel enfrentou não apenas a faca e o fogo, mas também as águas que cerceavam a ilha em forma de dragão, assim como também o fizeram tantos outros trabalhadores na busca de um novo lugar ao sol.

Era o início dos anos 80. Os anúncios do jornal A tribuna convocavam duzentos pedreiros, e isto apenas para a construção do Novo Terminal Rodoviário que seria inaugurado na Avenida Santos Dumont[257]. Só no primeiro ano daquele decênio a cidade de Guarujá já havia atingido uma população de mais de 150 mil habitantes[258], um crescimento de 62% com relação à década anterior[259]. E com a multiplicação das mansões, das casas de veraneio, dos apartamentos com vista privilegiada, também se multiplicavam as ocupações irregulares, as moradias nas palafitas dos manguezais, nas encostas do morro e nas áreas alagadiças.

Conforme bem definiram com relação ao momento que a cidade experimentava:

> *"Lamentavelmente outros interesses se interpuseram à necessidade de planejar o desenvolvimento de Guarujá. Talvez culpem erroneamente a migração desordenada por vários dos problemas sociais que são decorrentes desse processo. Mais correto é enxergar que houve foco nas decisões estratégicas da classe política que assumiu esta cidade a partir da década de 1980, quando ainda era possível resolver o problema.*[260]*"*

257 Jornal A Tribuna. 29 de maio de 1980. Civilia Engenharia S.A. admite 200 pedreiros. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/153931_03/1833

258 IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.Censo demográfico: 1980 - dados distritais.

259 Idem. Censo demográfico: 1970.

260 PSOL Guarujá. Programa de Governo 2020. p. 10

Ainda seguindo a linha das palavras acima, ações mais eficazes teriam sido importantes para congelar as invasões se tivesse havido maior critério na liberação de obras e uma atuação mais efetiva com o orçamento público para a construção de moradias populares e o reordenamento da ocupação da periferia[261]. Não foi o que ocorreu.

No entanto, seria em um desses lugarejos improvisados, morando de favor em um casebre na extinta Vila Sônia, que Manoel e Lourdes começariam sua jornada em terras caiçaras, à medida em que também deixavam sua própria marca à beira mar, mas à custa de muitas provações.

E sobre a vida em áreas irregulares, o risco constante. As chuvas no início de 1973 já haviam provocado um deslizamento no Morro da Glória, levando à evacuação de seus moradores e provocando a criação do bairro da Vila Zilda. Em 1978, outro deslizamento ocorreu no Morro da Cachoeira. E em 1983, seria a vez dos moradores da Vila Sônia enfrentarem a calamidade, ocasionando a transferência das famílias para o atual bairro da Vila Edna[262]. Uma verdadeira luta pela vida.

Manoel não esperaria para ver o caos. Não ficaria naquela cidade que parecia lhe tragar. Embora tentasse, a todo custo, se adaptar ao novo cenário, conseguindo uma oportunidade de emprego fora de sua área de especialização, uma vaga entre as tantas disputadas por uma legião de marginalizados, não foi bem sucedido. Convenceria Lourdes a voltar para o lugar onde haviam se conhecido. E no fim daquele mesmo ano de 1980, arrumariam suas malas e voltariam pela serra de onde desceram. Na solenidade de estreia do novo terminal rodoviário do município, enquanto muitos outros passariam a chegar à cidade das praias, nosso moreno alto, petropolitano dos olhos verdes, tentava remar contra a correnteza, jurando partir daquela selva de pedra para nunca mais retornar. O destino não lhe ouviria.

Enquanto isto, os conflitos sociais se intensificavam na região. A chegada da eletricidade e do asfalto em postos distantes da cidade, como a parte leste da ilha, região do rabo do dragão, não demoraria a atrair olhares cobiçosos sobre as centenárias terras caiçaras, cujas famílias de pescadores ainda lutavam para se manter frente ao crescimento desordenado e a ameaça dos especuladores imobiliários e grileiros[263]. Desde 1975, os moradores do Perequê passaram a enfrentar a intimidação de capangas armados, a mando de pretensos donos, que procuravam removê-los das terras distantes em que habitavam[264].

---

261 Ibidem.

262 Folha de São Paulo. Bairro atingido por tragédia na Baixada Santista foi formado após deslizamento. 4 de março de 2020. Disponível em: https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2020/03/bairro-atingido-por-tragedia-na-baixada-santista-foi-formado-apos-deslizamento.shtml

263 ARAÚJO, João Mauro. Sesc São Paulo. Praias proibidas. 2006. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/compartilhar/3558_PRAIAS+PROIBIDAS

264 Correio Braziliense. Apelo de Posseiros. 27 de março de 1979. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/119122

Em núcleos de famílias tradicionais como o sítio Iporanga, São Pedro, Prainha Branca, não foi diferente. Tentativas de negociações ou de fraude com muitas famílias caiçaras que, muitas vezes sem estudo, desfaziam-se das terras conquistadas por seus ancestrais para se render aos interesses da indústria do turismo. Ao saírem, deixavam para trás muito mais do que alguns metros quadrados de terra, mas também um espaço de convívio vital à reprodução de suas práticas culturais e econômicas.

E Guarujá não parava de atrair construtoras, especuladores, turismo sem infraestrutura e multidões de operários. Enquanto isto, sobrevivendo entre Minas e Rio, a situação não era favorável ao casal protagonista deste capítulo. Seis anos se passariam, e Manoel e sua esposa tentariam dar mais uma chance ao lugar em que ele prometeu nunca mais botar os pés. Desta vez a sorte lhe seria mais favorável, e não demoraria a surgir uma oportunidade de emprego para ele como segurança em um dos condomínios de alto padrão. Agora também ele e a mulher viveriam como caseiros, trabalhando em terras que não eram suas, à semelhança dos velhos agregados, que naquela mesma praia da Enseada, um ou dois séculos antes, plantavam e colhiam nas roças da centenária elite santista[265].

Nesse mesmo ano de 1986, denúncias de vandalismo provocado nas praias da região levam ao anúncio da criação de um terminal turístico na praia do Perequê, conforme já descrito no capítulo 6; por parte da prefeitura, este projeto de terminal, segundo publicação do Jornal do Brasil, foi chamado de projeto de gueto, uma vez que, na visão do redator, visava criar um aphartaid social entre o turismo de alta classe, que continuaria a ser priorizado nas principais praias da cidade, e o turismo de um dia, dos chamados "farofeiros", que lotaria centenas de ônibus, bloqueando o trânsito de muitas vias de acesso da cidade, rumo às orlas mais afastadas do balneário[266].

Chega a década de 90, e a população de Guarujá ultrapassa a marca dos 200 mil habitantes[267]. Os filhos de Manoel e Lourdes contribuem para aumentar estes números. E nas palavras daquela mãe dedicada, que uma vez retrucou os que riram quando ela disse que nunca mais precisaria morar na casa dos outros: "Se Deus existe, eu não precisarei morar em baixo de uma ponte". Dito e feito. Com muito afinco, o casal consegue reunir recursos para comprar um terreno, ainda que fosse em área sem escritura. Realidade de muitas famílias, que fizeram aumentar as habitações subnormais nas periferias da cidade, pouco amparadas pelo aparelho da

---

265 COSTA, Wendel Alexsander Dalitesi. De ilha agrária à cidade balneária: povoamento e transformações no processo de formação do município de Guarujá (1893-1934). XVII Simpósio Internacional de Ciências Integradas – Campus Guarujá. 2020. p.14-16.

266 Jornal do Brasil. Guarujá, o verão louco da ex-praia exclusiva. 25 de janeiro de 1987. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_10&pagfis=131340.

267 IBGE. Censo demográfico: 1991 - resultados do universo relativos às características da população e dos domicílios.

administração pública. Mas era o melhor que havia naquele momento.

Em dados apurados no Diário do Litoral de 2019, a denúncia de arcaicas mazelas históricas que ainda se fazem atuais:

> *"De acordo com dados do último Plano Local de Habitação de Interesse Social (PLHIS) de Guarujá, há 58 assentamentos (núcleos informais) na cidade. Da defasagem de mais de 30 mil moradias, 11.611 mil famílias precisam ser removidas e 21.652 mil residências necessitam de obras de infraestrutura e regularização fundiária."* [268]

Mas apesar das denúncias do aumento de roubos, de violência e da falta de planejamento urbano, o que fez, inclusive, com que o Guarujá perdesse o turismo para outras cidades da baixada santista nesta época, uma nova geração de guarujaenses começou a surgir, formada por diferentes etnias, distintos espaços geográficos de origem e por diversas bagagens culturais. Homens e mulheres que, sendo moradores centenários ou recém chegados à ilha, contribuíram e contribuem com seus empenhos para reverter mazelas sociais tão estruturais, fruto de longos processos históricos de desigualdade na ilha de Santo Amaro.

Mas ao mesmo tempo, as multiplicidades de olhares sobre a pérola do Atlântico têm a possibilidade de somar forças, lançando diretrizes e perspectivas para repensar o Guarujá entre os muitos desafios que o cercam. São estes homens e mulheres, ilustres figuras, muitas vezes anônimas no processo de formação da cidade, que este livro, fruto de um trabalho coletivo, deseja homenagear.

[268] Diário do Litoral. Baixada precisa de mais de 85 mil moradias para superar defasagem. 25 ▶ de agosto de 2019. Disponível em: https://www.diariodolitoral.com.br/cotidiano/baixada-precisa-de-mais-de-85-mil-moradias-para-superar-defasagem/128285/

Capítulo 12:
O nativo invisível

Por Jordan Goes Paixão Bargas Santos

Abordar a temática de transformação da identidade dos grupos tradicionais não é tão simples quanto descrever um cenário estático, pois entendê-los como fruto de uma dinâmica social em contínua mudança tem lá seus pormenores, já que o ambiente no qual eles estão inseridos promove modificações comportamentais que contribuem para sua adaptação, assim como ocorre com outros povos.

Nas palavras de Turatti: "Um mesmo grupo identitário exibirá traços culturais diferentes ao longo de sua história, conforme a situação ecológica e social em que se encontra[269]". Assim sendo, o caiçara também tem as ondas de sua vida fortemente influenciadas pelas correntes das marés do progresso, mas mesmo em face às mudanças ocorridas em seu ambiente de subsistência, ainda demonstra resiliência ao absorver elementos externos, além de no mínimo despertar a curiosidade de outras comunidades com relação aos seus aspectos peculiares.

Descrever o cenário caiçara então passa a ser mais do que uma imagem congelada no tempo em algum período histórico ou nostálgico aos seus atores. Ao invés disso, adquire certa variação, onde as gerações se encontram em um ponto de partida e desenrolam um modelo de adaptação próprio ao longo do tempo, ressignificado pela sociedade adjacente. Por isto, deve-se ter cautela quando se aborda um tema como este, pois como diz Cristina Adams, é preciso superar a visão dicotômica do debate que opõe Homem e Natureza, onde uma visão antropocêntrica está em constante disputa com uma visão mais conservadora[270]. A primeira considera o caiçara como parte do ambiente e da natureza que o cerca, por meio da priorização do humano e de sua cultura. A segunda, por sua vez, o exclui de seu ambiente em detrimento da conservação da natureza intocada.

Um exemplo dinâmico de cultura é o que ocorreu com o filho de um caiçara comerciante que vivia de seu rancho na beira da praia, aproveitando o movimento de turistas vindos da Grande São Paulo, que vinham espiar curiosos as festas e comemorações dos moradores locais. Daniel sempre pescou desde que se conhece por gente.

---

269 TURATTI, M. C. M. Laudo Antropológico. Estudo SocioAmbiental Ponta da Armação (Guarujá-SP). Usp. 201

270 ADAMS, Cristina; VIERTLER, Renate Brigitte. Caiçaras na Mata Atlântica: pesquisa científica versus planejamento e gestão ambiental.Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

Seus avós não pescavam para realizar vendas, pois apenas utilizavam seus alimentos adquiridos na natureza para o consumo próprio. Os ranchos haviam ali surgido pela agregação de turistas às festividades que eram realizadas na própria família.

O objetivo inicial dos caiçaras era alegrar as festas com a presença de pessoas de fora de suas vilas e ter plateia para suas apresentações musicais, mas ao agradar o público, recebiam dinheiro em troca, o que viabilizou sua sobrevivência com renda extra, junto à venda de peixes e frutos do mar.

Incontáveis foram às vezes em que Daniel e sua família tiveram que salvar turistas desavisados do afogamento no mar, inclusive um de seus parentes morreu exercendo o salvamento. Tio Vicente, por ironia do destino, morreu em São Vicente, quando o espírito de herói o levou a salvar uma criança em uma grande enchente que inundou os canais da cidade, entretanto, após retirar a criança da água, ficou ele mesmo preso em um galho e por uma troca equivalente, deu sua vida para salvar outra.

Símbolo da última geração que deixa ainda um legado caiçara, Daniel e seus 11 irmãos (sendo 4 adotados), já não vivem mais da pesca para seu próprio sustento como seu avô, ou do rancho comercial como seu pai, mas sim como garçom. Seu trabalho aparentemente não oferece muitas possibilidades de galgar cargos maiores, porém, sempre agradeceu por ser parte de um dos poucos setores que permitiam (e ainda permitem)o fluxo econômico da cidade que progredia: o turismo; um turismo muitas vezes predatório, sinônimo de progresso, um progresso degradante, entretanto.

No início da década de 1890, quando foi fundada a Companhia Balneária em Santo Amaro, a Pérola do Atlântico começou a ser mais valorizada do que nunca, pois devido ao charme de suas belas praias e matas, olhares de todo o mundo se voltavam para a ilha como símbolo de status e diversão, atraindo assim importantes nomes da ciência, política e artes. Não muito tempo depois, o local adquiriu o direito de agregar o título de estância balneária ao nome, termo que proporciona maior repasse de verba do estado, por possuir características e infraestrutura turísticas bem desenvolvidas. Esqueceu-se, entretanto, da figura caiçara provedora da farinha de mandioca e de peixes para abastecer o fluxo de turismo que estava sendo atraído à região.

Documentos levantados em pesquisa anterior nossa, intitulada "De Ilha Agrária a Cidade Balneária[271]", indicam que no início do século XX, por vezes as atividades comerciais de moradores da ilha estiveram atreladas ao porto de Santos, profissões correlatas com o mar e transporte de produtos em embarcações. Entretanto, o trabalho com destilados, produção de farinha de mandioca e pesca

[271] COSTA, Wendel Alexsander Dalitesi. De ilha agrária à cidade balneária: povoamento e transformações no processo de formação do município de Guarujá (1893-1934). XVII Simpósio Internacional de Ciências Integradas – Campus Guarujá. 2020.

artesanal perderam força justamente no mesmo período em que oportunidades de ganhos impulsionadas pela exportação de café ganham visibilidade no litoral da Baixada Santista.

Atualmente a mudança drástica no ambiente caiçara, ocasionada pela grande migração que chegou à cidade, fez com que os grupos antigos perdessem expressividade, já que, na sociedade atual, seus costumes divergem cada vez mais das tradições centenárias. Com isto, sua figura passou a ser estereotipada como antiquada e a falta de valorização de suas características adquiridas foi intensificada pela mudança de habitat, ambiente este que já deixava de existir nos anos 80. No entanto, o caiçara, como descendente de índios, ainda representa certo culto pela natureza, e isto antes mesmo de conceitos modernos de sustentabilidade ganharem visibilidade. É comum que os moradores tradicionais tenham a boa prática dos preceitos ambientais sem ao menos saber que se trata de políticas altamente incentivadas nos dias atuais.

A escassez dos recursos naturais que abastecem a vida e do bioma da mata atlântica na Ilha dragão trouxeram a despedida de costumes antigos, não só por falta de interesse dos descendentes dos grupos nativos, mas também por falta dos recursos necessários para tal reprodução. E um triste exemplo disto passa a ser relatado a seguir.

Um senhor na frente da praia do Perequê, com aparência de seus 65 anos de idade, está abrigado da chuva e disse para si mesmo em voz alta: "esta chuva veio só para regar as plantas, mas amanhã fará um sol mais quente que o de hoje". Os termômetros haviam registrado 32° naquele dia. Ele se queixava também que quando entra no mar, vai até certa profundidade e se sente limpo, porém ao sair da água e passar novamente pela faixa mais rasa, seu corpo fica coberto de limo, resultado da grande quantidade de esgoto ali lançado in natura.

Por questões de privacidade a identidade deste homem será preservada. Mas vale dizer que ele se autoproclama santista. Em suas palavras[272]: "Eu sou Santista porque minha mãe me teve em Santos, mas desde pequeninho fui criado na praia do Perequê". É alguém que reconhece suas origens. Sua mãe era oriunda da vizinha praia do Iporanga, e seu pai nascido na praia do Perequê em 1923. Ao relatar um dia de pesca nos mares abundantes de meados dos anos 60, disse que vendia a grala[273] do cação[274] para os japoneses[275] e ganhava um bom dinheiro, entretanto, ao se aventurar por demasiado no mar agitado, a correnteza o levou até a ilha do Monte

[272] Relato de um nativo "invisível" concedido no dia 04/02/2021

[273] De acordo com o personagem em questão, a galha do cação é o equivalente parte frontal do tubarão que fica saliente quando se aproxima da superfície.

[274] Espécime de peixe da família do tubarão.

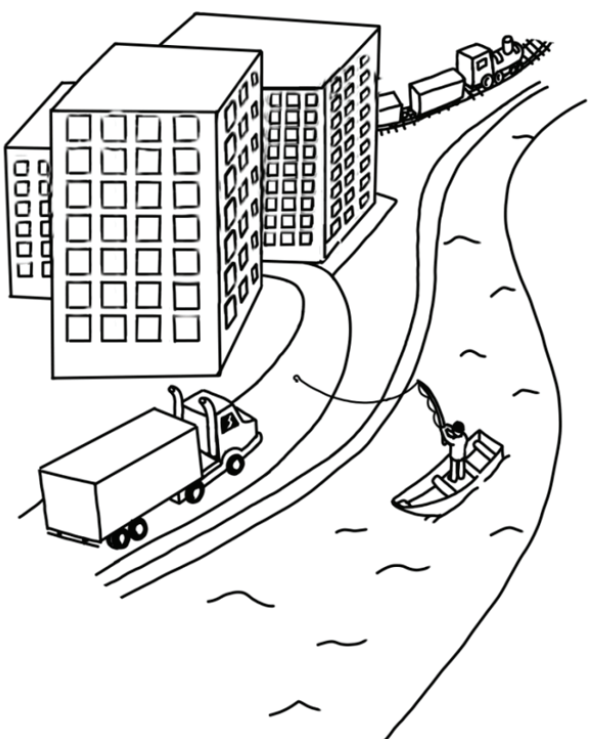
[275] Referência à família Itano, comerciantes estabelecidos na praia do Perequê desde a década de 20.

de Trigo[276], local praticamente sacramentado pelos caiçaras, no qual é impossível não se ouvir seu nome em uma conversa com um nativo.

Relatou que se banhava nas águas limpinhas da cachoeira do Perequê, atualmente invadida, e segundo disse: "hoje em dia a água de lá fracassou", por já não descer com tanta força. Disse também que era medroso, e por isso não teve seu terreno na orla da praia, que na época era alvo de disputa de famílias influentes[277].

Nosso velho caiçara disse que naquele dia só havia comido uma galinha, enquanto apontava para o restaurante no qual almoçou. Apesar de ninguém atualmente chamar o frango comido de galinha, percebe-se nestes detalhes conservados de fala, o paradigma que o caiçara vive em um universo cultural que mudou bruscamente, juntamente com o seu meio de subsistência, que neste caso era a pesca artesanal. As três sacolas que ele carregava cheias de lixo reciclável mostravam a única ocupação que ainda sacia sua fome.

Ao término da conversa, a chuva incessante que estava caindo finalmente cessou, e ele, com suas vestes surradas, porém dentro dos velhos moldes, juntamente com seu chapéu de sol, item indispensável de um caiçara que se preze, se despede indo em direção ao estacionamento do calçadão da praia do Perequê, onde um homem estava retirando seu carro. Nosso amigo dizia: "opa, eu vou ganhar um dinheirinho, ein!". Com um sorriso, caminhou em passos meio lentos para receber a recompensa por tomar conta do veículo de um cliente que acabara de sair do restaurante cujo toldo nos ofereceu um abrigo da chuva.



O caiçara atual, influenciado pelo crescimento do falso progresso, vê seu status de marginalização se tornar comum, e os costumes e respeito pela tradição passada sequer são citados pela sociedade. Se os avanços a princípio foram vistos por ele como parte necessária na reconfiguração de seu mundo, este mundo, certamente, não os incorporou.

276 Ilha hoje pertencente ao município de São Sebastião. Local de origem de muitas das primeiras famílias caiçaras que se espalharam pelo Guarujá, em especial na Prainha Branca.

277 Jornal "A Tribuna, 27 de abril de 1979,pg. 07". Disponível em<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=153931_02&pesq=%22fazenda%20perequ%C3%AA%22&pagfis=38521> acesso em 05/02/2021.

Grande parte dos caiçaras não foi corretamente alfabetizado ou passou por alguma profissionalização dentro dos novos ditames da vida na cidade, razão que lhes serve como barreira de entrada ou até mesmo de tentativa para alcançar posições de destaque em meio ao contexto urbano. Diferente de outros grupos cujas ações afirmativas são amplamente divulgadas e defendidas, o caso dos caiçaras parece não ser palco de grande relevância para os discursos de proteção identitária, haja vista, a falta de garantia de espaços que antes serviam para suas roças e que hoje servem de antro para marginalização social, o que inevitavelmente atinge os seus descendentes.

Os caiçaras continuavam vivendo na orla da praia, porém atualmente seus filhos já sofreram grande influência de outros grupos. E na tentativa de transmitir sua cultura, passaram a não ser tão bem vistos pela sociedade do centro urbano. Uma vez estigmatizado o perfil do caiçara como preguiçoso, tais discursos contribuíram para sua desapropriação e posição periférica em seu contexto. Ademais, nem sempre seus descendentes desejam prosseguir com os caminhos trilhados pelos pais e avós, entretanto a valorização e comprometimento com as ações em prol do meio ambiente e da valorização cultural precisam estar em pauta nos dias de hoje.

Epílogo ao caiçara atual

Um grande desafio enfrentado pelo caiçara da atualidade é discernir, quando vai ao mar para um simples banho ou realizar uma pesca.
Ao dar os primeiros passos na orla da praia,
se depara com uma resistência que se lhe opõe à entrada, depressa.
Queria ele que os deuses mandassem ondas para lhe afastar
por um sinal de perigo.
Mas também insiste em saciar sua sede de mar,
pois desde sempre o mar foi seu amigo.
Discerne então, que daquelas ondas fracas
não nasceria tal resistência de entrada.
Ao levantar seu pé do mar, discerne que a resistência na verdade
são sacolas plásticas enroladas.

Situação semelhante vive quando precisa discernir
ao se deparar com um galho flutuante,
pois muitas vezes convencido pelo perigo que o galho traz consigo, perfurante, poder-se-ia ter causado um ferimento,
mas sente gratidão pelo evento,
ao ver que o galho é macio e se desmancha,
em lugar de um rígido, pontiagudo, marrom,
com fungos de algas do mar,
percebe e discerne, que era apenas um bloco de fezes
maciço e robusto, coberto de fungos e algas
que lhe viera saudar.

Jordan Goes Paixão Bargas Santos

Capítulo 13:
Novos olhares sobre Guarujá

Lucas estava na sala de aula quando recebeu um texto para leitura como atividade escolar[278]. Apesar de o material possuir uma linguagem mais técnica, com algumas palavras não tão habituais a alunos do 5º ano da Educação Básica, a professora Dalva[279] havia escolhido aquele material, um artigo acadêmico sobre antigas propriedades da Ilha de Santo Amaro[280], como forma de romper barreiras e desafiar o crescimento de seus alunos em outras áreas do conhecimento. Seu intuído também era o de ensiná-los a valorizar a história local.

Durante a leitura, ele teve a percepção de que a terra das antigas fazendas referidas naquelas folhas de papel aparecia, por vezes, medida em braças. Algum tempo se passa, e o aplicado aluno resolve chamar sua educadora para partilhar uma descoberta. Ele havia notado que o termo utilizado no texto era o mesmo que seu pai usava para medir a corda do barco, e equivalia ao tamanho de um homem encurvado. Era o ensino formal e o conhecimento empírico se cruzando, evidenciando que nem sempre as páginas de um livro ensinam o que a vivência diária e as práticas corriqueiras têm a oferecer. Da posição de aluno, no momento em que dividia o seu saber, o garoto caiçara se tornava mestre apesar de sua pouca idade. É o passado que permanece dando luz ao presente.

Lucas é filho de pescador, neto de pescador. Herdou da família as experiências com o oceano. Sabe o que é sair de casa às 8h e voltar às 14h trazendo consigo a tainha, o peixe espada, o porquinho, o dourado, este último mais difícil de fisgar, sendo necessário usar como isca uma sardinha ou um camarão. E de camarões também entende. Sabe que não é permitido pescá-los no período destinado à sua

278 Entrevista concedida por Lucas de Oliveira Conceição em 24 de janeiro de 2021.

279 A experiência positiva de trabalho em sala de aula desenvolvida pela professora Dalva Correa foi fundamantal para que este material fosse pensado não apenas como subsídio ao universo acadêmico, mas como arma potente na transformação da cidade através da educação escolar.

280 COSTA, Wendel A. D; OLIVEIRA, Darlam L. de; SILVA, Juliana H. R. S. Ocupação da ilha de Santo Amaro em 1817: uma análise sobre sociedade, propriedade e escravidão. In: Simpósio Internacional de Ciências Integradas, 15., 2018. Artigo. Guarujá: UNAERP, 2018.

reprodução. A pesca em geral é feita de vara ou rede. E ele também sabe o procedimento para que a culinária caiçara chegue até às mesas: de peixes grelhados na churrasqueira com uso de papel alumínio até os mantidos crus, também o passo a passo entre temperar e assar o pescado.

Nosso personagem mirim ama o mar e a vivência adquirida nele, sabe nadar e mesmo novo não tem medo da água, pois desde cedo criou gosto e bem conhece o trabalho de sua família em atendimento aos serviços de frete marítimo. Para ele ser caiçara é nascer na praia, e mesmo que resuma com poucas palavras o significado deste termo, dá uma verdadeira aula com sua bagagem cultural. Seu pai é nascido na cidade. Sua mãe veio de fora. E como tantos outros meninos e meninas de uma nova geração na baixada santista, ele traz consigo uma junção de contextos étnicos e culturais distintos, mas que se somam e se agregam mutuamente na construção de uma nova identidade local. Eis os novos olhares que se projetam sobre o Guarujá.

Segundo estimativa do IBGE, no ano de 2020, o município atingiria a marca de 322.750 habitantes[281], distribuídos ao longo dos 142 km² da ilha em forma de dragão[282]. Uma urbe de porte relevante, a 52ª maior receita entre as cidades brasileiras segundo ranking de 2017, mas que ainda possui seus velhos dilemas a superar[283]. O passado, por mais distante que pareça ser, permanece com suas teias invisíveis que atravessam o tempo e tocam a contemporaneidade onde Lucas vive, e o desafio atual é identificar as estruturas nocivas que tem se arrastado ao longo do tempo para se romper com elas, mas também ter ciência das boas raízes para mantê-las.

As pesquisas envolvendo os sambaquis, retratos de uma ocupação milenar, enfrentaram um q eclínio nas últimas décadas, e o efeito negativo é que a cidade se recria sem uma consciência sobre os primeiros homens que aqui viveram. O não se apropriar também significa a falta de atuação de forma transformadora. Ainda falta investimento em pesquisa e políticas que garantam à população o acesso à sua arqueologia.

O que sobrou da cultura indígena permanece sendo apagado todos os dias, e isto inclui até mesmo a mudança de logradouros das cidades. Quando os decretos oficiais não consideram os nomes historicamente atribuídos, como a substituição da região conhecida como Itapema pelo distrito de Vicente de Carvalho, e fazem com que Planos Diretores suprimam as antigas apropriações sobre a ilha, de alguma forma isto também contribui para que a memória ancestral se extingua. Deve-se lembrar, contudo, que não apenas os nomes originais devem ser preservados, mas as próprias oralidades e saberes nativos. Assim será possível garantir que os povos da atualidade tenham acesso a um precioso patrimônio imaterial.

---

281 IBGE. Estimativas de população. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?edicao=28674&t=resultados

282 Idem. Guarujá. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/guaruja.html

283 PSOL Guarujá. Programa de Governo 2020. p. 6

Também as disparidades sociais e econômicas, reproduzidas e perpetuadas desde o início da colonização portuguesa, ainda não resolvidas, permanecem como legado ao presente. O apharteid social e econômico existente desde o século XVI, que privilegia os abastados e segrega os desafortunados, atravessa os séculos e carece de ser resolvido. Não apenas o território e as condições de autonomia econômica dos menos favorecidos permanecem afetados, mas também as próprias condições de perpetuação de práticas culturais que formam a identidade local.

O negro, trazido nos porões dos navios e destinado ao trabalho pesado na ilha, permanece sem seu devido lugar na história, como o relato que uma mãe deu à professora de Lucas, que ao desfrutar de um final de semana na praia de um condomínio onde trabalhava como diarista, via-se constrangida pelo olhar atento dos seguranças que trabalhavam para os proprietários locais das mansões de veraneio. No plano psicológico, aquele lugar só poderia ser dela para o serviço doméstico, não para o lazer em um dia de folga.

As comunidades tradicionais caiçaras, por sua vez, permanecem em seu não-lugar. A expansão portuária, a poluição industrial, a especulação imobiliária, as invasões, a falta de políticas públicas adequadas e muitos outros fatores contribuem para a supressão do pouco espaço de chão que lhes sobrou. Falta assistência básica às habitações mais afastadas, como serviços de saúde e educação em condições apropriadas. No processo de expansão urbana, eles seguem marginalizados, tanto geograficamente quanto simbolicamente.

A mulher, que desde a chegada do primeiro europeu luta para vencer uma cultura patriarcal, permanece com seu espaço de atuação reduzido, ainda que os direitos conquistados nas últimas décadas lhe forneçam, ao menos no plano teórico, uma posição de igualdade no quesito gênero. Seguem enfrentando seus inimigos no percurso temporal, seja como domésticas, estudantes, esposas, educadoras ou mães. Reconhecimento, neste caso, também é questão de reparação.

O tempo passou e a ilha resistiu ao tempo. Por centenas de gerações, nunca deixou de captar o olhar atento que os homens mantém sobre ela. Muitos foram os nomes que eles lhe atribuiram: Guaibê, Ilha Oriental, Ilha do Sol, Santo Amaro, Guarujá, Pérola do Atlântico, cidade em forma de dragão. Mas o que a ínsula nunca deixou de ter sobre si foi uma geração de homens e mulheres que deram a vida, com suor e muita firmeza, para que pudessem viver em suas terras, seja nos primitivos engenhos de açúcar, seja na construção dos prédios de 15 andares. Ainda aguardam por seu merecido tributo.

Durante muitos séculos, as terras de Santo Amaro foram consideradas subúrbio, apenas tangenciando a vila santista. Bairro periférico de terras rurais. Estratégica apenas na defesa de Santos. Quando enfim conseguiu sua independência no plano oficial, permaneceu à margem de si mesma, fazendo aumentar o número dos que viviam em suas encostas. A segregação segue atual.

A falta de planejamento adequado e de um plano de contingência atraiu o desmatamento e a poluição do leito dos rios, comprometeu a vida e a biodiversidade. A tradição, dádiva inegociável de seu povo, viu-se diluída entre tantos retalhos. Ao Nordeste do Brasil, não foi ensinado que o que ele trazia consigo era um bem precioso, e ao caiçara, estereotipado como o atraso e o antiquado, não lhe foi mostrado que o que ele conseguiu manter ao longo das eras tinha um valor inestimável. E este Guarujá, cerceado entre tantos dilemas, retalhado por tantas contradições, que foi legado aos Lucas dos dias atuais.

Mas há esperança! E o intuito desta obra não é findar com um tom de pessimismo, mas mostrar o que temos de precioso e contribuir para revelar que nossa identidade forjada pelos contratempos da História permanece única. Ainda há professoras como a Dalva, que valorizam a pesquisa, a formação, e insistem em acreditar no potencial de seus alunos, proporcionando condições para que sejam protagonistas na construção do saber e em sua atuação diária, permitindo o estreitamento entre o conhecimento teórico e a vida cotidiana, ensinando-os a valorizar a história regional. Ainda há estudantes como Lucas, com potencial ativo para modificar a cidade, com a possibilidade de construir pontes para transformação social. E são estes microcosmos de um mosaico que emoldura o grande painel guarujaense que este livro pretende homenagear.

A cidade, tal como a pérola, é resultado de processos como os que penetraram a resistência da ostra e lhe causaram incômodo em seu âmago, mas que, com o esforço de seus agentes, tem transformado as intempéries da vida em algo valioso, cobrindo em brilho o menor de seus grãos. E são os pequenos grãos, como os que foram apresentados nos capítulos desta obra, e tantos outros que eles representam, que são os personagens que dão o verdadeiro brilho à cidade conhecida como a pérola do Atlântico, os verdadeiros homens da ilha, que independentemente de terem cumprido o seu papel no passado ou no presente, ou que ainda dêem diretrizes ao futuro, são os pilares da verdadeira História do Guarujá.

Referências

ADAMS, Cristina; VIERTLER, Renate Brigitte. **Caiçaras na Mata Atlântica: pesquisa científica versus planejamento e gestão ambiental.**Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

ADAMS, Cristina. **As populações caiçaras e o mito do bom selvagem.** Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2000, v. 43 nº1. p. 146.

AFONSO, Marisa Coutinho. **Arqueologia dos sambaquis no litoral de São Paulo: análise da distribuição dos sítios e cronologia.** Revista Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas. v. 17, n. 30, jan./Jun. 2017, p. 203-227.

ALVES, Maria Daniela. **A indústria lítica do sambaqui Mar Casado e outros sítios do litoral do estado de São Paulo.** 2010.

ANCHIETA, José de. **Obras completas do padre José de Anchieta.** Monumenta Anchieta. 1989. p. 38.

ARAÚJO, João Mauro. **Sesc São Paulo. Praias proibidas.** 2006. Disponível em:<https://www.sescsp.org.br/online/artigo/compartilhar/3558_PRAIAS+PROIBIDAS>acesso em 05/02/2021

Arquivo do Estado de São Paulo. **Esclarecimentos de fatos da História de São Paulo.** 1917.

BARBOSA, Maria Valéria. DIAS, Nelson Santos. CERQUEIRA. Rita Márcia Martins. **Santos na formação do Brasil:** 500 anos de história. Santos, 2000. Disponível em: <http://www.fundasantos.org.br/e107_files/public/santos_na_formacao_do_brasil_pdf.pdf.>acesso em 28/01/2021

BRITO, Karine Ferreira. **Confederação dos Tamoios.** 2016. Disponível em: https://www.infoescola.com/historia-do-brasil/confederacao-dos-tamoios/. Acesso em: 08 fev. 2021.

CARVALHO, Carlos. **As Primeiras Escolas Normais.** [20-?]. Disponível em: https://www.coladaweb.com/pedagogia/as-primeiras-escolas-normais. Acesso em: 08 fev. 2021.

CHIAPETTA, Ana Paula. COSTA, Bruno Garcia da. PEREIRA, Odair José. **Repertório de documentos para o estudo da escravidão em Santos: 1865-1888.** Santos. 2015.

COELHO, H. V. C. **Povoadores de São Paulo: Mestre Bartolomeu Gonçalves: Adendas às primeiras gerações.** Revista da ASBRAP nº 17. P. 121-122. Disponível em: http://www.asbrap.org.br/documentos/revistas/rev17_art7.pdf>acesso em: 01/02/2021

CORRÊA, Dra. Juliana Torres Alzuguir Snel. **Tipos de parto: conheça o parto pélvico.** 2017. Disponível em: https://www.cordvida.com.br/blog/tipos-de-parto-conheca-o-parto-pelvico/#:~:text=Em%20alguns%20casos%2C%20o%20beb%C3%AA,o%20beb%C3%AA%20na%20posi%C3%A7%C3%A3o%20p%C3%A9lvica. Acesso em: 18 jan. 2021.

CORREIO BRAZILIENSE. **Apelo de Posseiros. 27 de março de 1979.** Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/119122>acesso em:22/01/2021

CORREIO PAULISTANO. **Fazenda Perequê já estava sob posse da família Pereira Branco.** Perequê Industrial. 27 de maio de 1883. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_04/4207>acesso em :12/01/2021

CORREIO PAULISTANO. **29 de outubro de 1886.** p. 2. Disponível em:<http://memoria.bn.br/DocReader/090972_04/8342.> acesso em :18/01/2021

COSTA, Wendel Alexsander Dalitesi. **De ilha agrária à cidade balneária:** povoamento e transformações no processo de formação do município de Guarujá (1893-1934). XVII Simpósio Internacional de Ciências Integradas – Campus Guarujá. 2020.

COSTA, Wendel Alexsamder Dalitesi. **Leomil e o Tráfico de Africanos na fazenda Perequê.** 2020. Disponível em: <https://legado436249340.wordpress.com/2020/11/20/leomil-e-o-trafico-de-africanos-na-fazenda-pereque/> Acesso em : 25/01/2021

COSTA, Wendel Alexsander Dalitesi Costa. **O mirante do passado,** 2020Disponível em: <https://legado436249340.wordpress.com/2020/11/20/o-mirante-do-passado/>acessado em 15/01/2021

COSTA, Wendel Alexsander Dalitesi Costa. **Os homens da ilha. Washington Luis e a estrada para a Fazenda Perequê.** https://legado436249340.wordpress.com/2020/11/23/washington-luis-e-a-estrada-para-a-fazenda-pereque/acessado em 15/01/2021

COSTA, Wendel Alexsander Dalitesi. Vidas Caiçaras: **Madalena Neves de Oliveira** ,2020. Disponível em:<https://legado436249340.wordpress.com/> acessado em 15/01/2021

COSTA, Wendel A. D; OLIVEIRA, Darlam L. de; SILVA, Juliana H. R. S. **Ocupação da ilha de Santo Amaro em 1817: uma análise sobre sociedade, propriedade e escravidão.** In: Simpósio Internacional de Ciências Integradas, 15., 2018. Artigo. Guarujá: UNAERP, 2018.

COSTA, Wendel Alexsander Dalitesi; SANTOS, Jordan Góes Paixão Bargas. **O caiçara e sua trajetória em Guarujá.** In: Simpósio Internacional de Ciências Integradas, 17., 2020. Artigo. Guarujá: UNAERP, 2020.

COSTA, Wendel Alexsander Dalitesi; MAXIMINO, Paulo Henrique de Pontes.

Propriedades da Ilha de Santo Amaro no século XIX: do Direito a Terra à Preservação de Aspectos Tradicionais. XVI SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS INTEGRADAS DA UNAERP CAMPUS GUARUJÁ , 2019.

COSTA, Wendel Alexsander Dalitesi. SILVA, Juliana Heloise Rosa Santos. P**roprietários da Ilha de Santo Amaro no século XIX: da Elite Agrária ao Morador da Terra.** In: Simpósio Internacional de Ciências Integradas, 16., 2019. Artigo. Guarujá: UNAERP, 2019.

COSTA NORTE. **A atração irresistível dos peixes.** 2019. Disponível em: https://www.costanorte.com.br/especiais/bertiogaespecial/a-atra%C3%A7%C3%A3o-irresist%C3%ADvel-dos-peixes-1.17735. Acesso em: 08 fev. 2021.

CRISTINE, Elen. E**ducação para Jovens e Adultos (EJA)**. [20-?]. Disponível em: https://mundoeducacao.uol.com.br/educacao/educacao-para-jovens-adultoseja.htm#:~:text=EJA%20%C3%A9%20um%20programa%20do,n%C3%A3o%20tiveram%20oportunidade%20de%20estudar. Acesso em: 25 jan. 2021.

UNIVERSIDADE DON DOMÊNICO. **Cronologia História da Ilha de Santo Amaro.** Disponivel em: < http://unidon.edu.br/museu/historia/historia_cronologia.html.>Acessado em: 22/01/2021

DE BLASIS, Paulo Antonio Dantas. PIEDADE, Silvia C. M. As pesquisas do Instituto de Pré-História e seu acervo: balanço preliminar e bibliografia comentada. **Revista do Museu de Arqueologia e etnografia.** 1991. ´p. 168.

Diário do Litoral. **Baixada precisa de mais de 85 mil moradias para superar defasagem. 25 de agosto de 2019.** Disponível em: < https://www.diariodolitoral.com.br/cotidiano/baixada-precisa-de-mais-de-85-mil-moradias-para-superar-defasagem/128285>acessado em 15/01/2021

DICIO, Dicionário Online de Português. **Significado de Gamboa,** 2018.Disponível em :<https://www.dicio.com.br/gamboa/> Acessado em : 05/01/2021

DICIONÁRIO Etimológico: Etimologia e Origem das Palavras. **Etimologia e Origem das Palavras.** 201-?. Disponível em: https://www.dicionarioetimologico.com.br/pernambuco/. Acesso em: 03 fev. 2021.

DICIONÁRIO Ilustrado Tupi Guarani. **significado do nome Perequê.** Disponível: <https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/pereque/> Acesso em : 27/01/2021.

ELLIS, Myriam. **Aspectos da pesca da baleia no Brasil Colonial (III).** 1958. p. 381. disponível em: http://unidon.edu.br/museu/historia/historia_cronologia.html. Acesso em: 06 fev. 2021

FALA SANTOS. **Especial: Vila de Guarujá - 120 anos de fundação. Os primeiros passos da Educação em Guarujá**- 03/09/2013. Disponível em <http://www.falasantos.

com.br/conteudo.php?id=12329>. Acessadoem: 01/02/2021.

FERNANDES, Cláudio. "05 de agosto – **Nascimento de Deodoro da Fonseca**"; Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/datas-comemorativas/deodoro-fonseca.htm.

FINCATTI, LéllisAntonio. **Formação e atuação do educador no município de guarujá** - 1891 a 1950. 2009. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Formação) - Universidade Católica de Santos, Santos, 2009. P87disponível em :< http://biblioteca.unisantos.br:8181/bitstream/tede/184/1/Lellis.pdf>

Folha de São Paulo. **Bairro atingido por tragédia na Baixada Santista foi formado após deslizamento.** 4 de março de 2020. Disponível em: https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2020/03/bairro-atingido-por-tragedia-na-baixada-santista-foi-formado-apos-deslizamento.shtml

GOMES, Urbain N. Almanark Itapema. **Áureos bananais itapemenses.** 2015. Disponpivel em: http://almanarkitapema.blogspot.com/2015/11/aureos-bananais-itapemenses.html

GONZÁLEZ, Érika M. Robrahn. DEBLASIS, Paulo Antonio Dantas. **Sambaquis da Baixada Santista: descobrindo a história pelos vestígios.** 2017, p. 104,115

GUARUJÁ CULTURAL - **Entrevista Mercedes Damim, a Dona Pipe.**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jYHn53hBgC8>. Acessado em: 01/02/2021.

História (São Paulo) História (São Paulo), vol. 30 nº1, p.148-173, 2011.

HISTÓRIA HOJE. Monstros do Novo Mundo – **a bagagem dos navegadores**. [20-?]. Disponível em: https://historiahoje.com/monstros-do-novo-mundo-a-bagagem-dos-navegadores/. Acesso em: 08 fev. 2021.

HUE, Sheila Moura. **Primeiras cartas do Brazil**, 1551-1555. 2006. p. 94.

IBGE. **Censo demográfico:** 1991 - resultados do universo relativos às características da população e dos domicílios.

IBGE. **Estimativas de população.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?edicao=28674&t=resultados>Acesso em: 19/01/2021.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico:** 1980 - dados distritais.

IBGE. **Recenseamento demographico, escolar e agricola** - zootéchnico do Estado de São Paulo (20 de setembro de 1934) - publicação: 1936.

IPHAN, **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.**Disponível em:< portal.iphan.gov.br>.

ITAPEMA PRAIA. **Significado da palavra "Itapema".** Disponível em: <https://www.itapemapraia.com.br/significado-da-palavra-itapema.php> Acessado em: 18/01/2021.

JACOMEL, Mirele Carolina Werneque.PAGOTO,Cristian. **"CULTURA PATRIARCAL E REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA LITERATURA"** p.11,2009.Disponível em : <http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4936> acessado: 28/01/2021.

JORNADA do Ipiranga (4): **A história do Patriarca da Independência e sua família. A história do Patriarca da Independência e sua família.** 2008. Disponível em: http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0184z43.htm. Acesso em: 08 fev. 2021.

Jornal A Gazeta. Nº 2802. **Edição de 19 de junho de 1915.** Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/763900/3575. > Acessado em :

Jornal A Tribuna. **27 de abril de 1979,** pg. 07. Disponível em<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=153931_02&pesq=%22fazenda%20perequ%C3%AA%22&pagfis=38521> acesso em 05/02/2021.

Jornal A Tribuna. 29 de maio de 1980. **Civilia Engenharia S.A. admite 200 pedreiros.** Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/153931_03/1833

Jornal Correio Paulistano A Revolução. **Correio Paulistano.** São Paulo, p. 4-4. 23 set. 1893. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=090972_05&pagfis=4549. Acesso em: 08 fev. 2021.

Jornal do Brasil. **Guarujá, o verão louco da ex-praia exclusiva.** 25 de janeiro de 1987. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_10&pagfis=131340.

JULIANA **do amor perdido**. Direção de Sérgio Ricardo. Produção de Jorge Ileli. Realização de Sylvio Renoldi. Intérpretes: Maria do Rosário, Francisco di Franco, Antônio Pitanga, Macedo Neto, Ítala Nandi. Roteiro: Sérgio Ricardo. Música: Sérgio Ricardo. Guarujá--Sp: Jorge Ileli, 1969. (92 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Bi1wP6PLWs0. Acesso em: 08 fev. 2021.

LEME, Luiz Gonzaga da Silva. **Genealogia Paulistana.** Disponível em: http://www.arvore.net.br/Paulistana/. Acesso em: 05 fev. 2021.

LOGO, Raimundo Nonato Braga. **Endogamia.** Disponível em:<https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/ovinos_de_corte/arvore/CONT000fy333t2502wx5ok0pvo4k3wim1lks.html#:~:text=Endogamia%20ou%20consanguinidade%20%C3%A9%20o,aparentados%2C%20que%20s%C3%A3o%20geneticamente%20semelhantes.>Acessado em : 26/01/2021

LOPES, Albertina Fernandes. **Vida e lutas de três gerações.** 1977. São Paulo.

MADRE DE DEUS, **Frei Gaspar da. Memórias para a história da Capitania de**

São Vicente hoje chamada de São Paulo. 3 ed. 1920. p. 125.

MARINO, Carlos Eduardo Collet "**ÓCIO, LAZER E DISTINÇÃO VILEGIATURA MARÍTIMA E A INVENÇÃO DO GUARUJÁ (1893-1913)** 2018." Disponível em :<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-07012019-152333/publico/MEcarloseduardocolletmarino.pdf> Acessado em : 20/01/2021

MARQUES, Elizabeth Gonçalves. **História e Arte Sacra do conjunto carmelita de Santos.** Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2007. p. 54.

MARQUES. Adilson L. SOARES, Daniela Caroline C. COSTA, Wendel AlexsanderDalitesi. **Arte e Estética nos Sambaquis da Ilha de Santo Amaro: o Olhar de Paulo Duarte**, NièdeGuidon e Fernando Lee. XVII Simpósio Internacional de Ciências Integradas - Campus Guarujá. 2020. p. 9-12.

MENEZES, EbenezerTakuno de. **Verbete Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Dicionário Interativo da Educação Brasileira** - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <https://www.educabrasil.com.br/mobral-movimento-brasileiro-de-alfabetizacao/>. Acessado em 25/01/2021.

METROPOLO, Ana Paula. **As moradias irregulares e a regularização fundiária na Lei mº 13.465/2017**. Santos, 2018.

Ministério da Agricultura, Indústra e Comércio. **Recenceamento do Brasil realizado em 1 de setembro de 1920.** Vol III. p. 215.

Ministério da Saúde. **O que é COVID-19.** Disponível em: < https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>Acessado em 18/01/2021

MONT SERRATH, Pablo Oller. **Governadores de um novo tempo: o império português, a capitania de São Paulo e a administração do Morgado de Mateus.** sd. p. 5.Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/revista_do_arquivo/01/artigo_05.php.>

NOVO MILENIO. **Bocaina: de vila de pescadores a base aérea.** 2008. Disponível em:<https://www.novomilenio.inf.br/guaruja/gh038.htm> Acessado em :

NOVO MILENIO. **FORTE DOS ANDRADAS.** Um potencial turístico que poderá ser aproveitado,2005. Disponível em: <https://www.novomilenio.inf.br/guaruja/gh031b.htm> Acessado em:

NOVO MILÊNIO. **Guarujá de antigamente: Forte de São Felipe.** Forte de São Felipe. 2010. Disponível em: http://www.novomilenio.inf.br/guaruja/gfoto015.htm. Acesso em: 08 fev. 2021.

NOVO MILÊNIO. Guarujá de antigamente: **Ruínas da Igreja de Santo Antonio de Guaíbe. Ruínas da Igreja de Santo Antonio de Guaíbe.** 2011. Disponível em: https://www.novomilenio.inf.br/guaruja/gfoto009.htm. Acesso em: 08 fev. 2021.

NOVO MILENIO. **Lista nominativa de população de Santos de 1822.** Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0184z52.htm.> Acessado em : 10/01/2021.

NOVO MILENIO. **MAPAS de Santos.** 2020. Disponível em: http://www.novomilenio.inf.br/santos/mapasnm.htm. Acesso em: 08 fev. 2021.

NOVO MILENIO. **Mudanças no crescimento populacional.** Os problemas de um recenseamento, apesar dos critérios adotados. Disponível em: http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0296a14.htm> Acessado em:

NOVO MILENIO. **No tempo da Maria Fumaça.** Disponível em: https://www.novomilenio.inf.br/guaruja/gh007a.h> Acessado em :

NOVO MILENIO. **O forte do Itapema.** 2005. Disponível em:https://www.novomilenio.inf.br/guaruja/gh028.htm> Acessado em :

NOVO MILENIO. **O padroeiro caminhou sobre as águas.** Disponível em:<https://www.novomilenio.inf.br/guaruja/gh024.htm>Acesso em: 17/01/2021

NOVO MILENIO. **Origens dos nomes.** Disponível em: <https://www.novomilenio.inf.br/guaruja/gh003.htm> Acessado em: 16/01/2021.

NOVO MILENIO. **Os novos abolicionistas de 1880/81,**2004. Disponível em: <https://www.novomilenio.inf.br/santos/h0222e.htm.> Acesso em : 25/01/2021

NOVO MILENIO. **Os veteranos da revolução.** Disponível em:<https://www.novomilenio.inf.br/santos/h0186n.htm.> Acesso em: 19/01/2021

NOVO MILENIO. **Yslario mapa XIV**, 2005. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/mapa86g.htm.> Acessado em : 19/01/2021.

NUNES, Urbain G, **Censo e ocupação itapemense.** 2013. Disponível em:<http://almanarkitapema.blogspot.com/2013/04/censo-e-ocupacao-itapemense.html.> Acessado em : 20/01/2021

NUNES, Urbain G, **Censo e ocupação itapemense.** 2013. Disponível em: < http://almanarkitapema.blogspot.com/2013/04/censo-e-ocupacao-itapemense.html>. Acessado em: 22/01/2021

NUNES, Urbain G. Almanark Itapema. **Ferrovia de carga em Itapema/SP**. 2017. Disponível em: https://almanarkitapema.blogspot.com/2017/07/> Acessado em :

NUNES, Urbain G. Almanark Itapema. **Presidente Lula no Itapema.** 2014. Disponível em: http://almanarkitapema.blogspot.com/2014/05/presidente-lula-no-itapemasp.html> Acessado em :

NUNES, Urbain G. **Ilha de Santo Amaro.** 2011. Disponível em: http://almanarkitapema.blogspot.com/2011/05/ilha-de-santo-amaro.html.> Acessado em :

NUNES, Urbain N. Almanark Itapema. **Itapema – SP.** 2011. Disponível em: http://almanarkitapema.blogspot.com/2011/01/itapema-sp.html> Acessado em :

PEIXOTO, Fábio. **Empilhadores de conchas.Milênios antes da construção das pirâmides do Egito, um povo misterioso já erguia enormes monumentos no litoral brasileiro,2016.** Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/empilhadores-de-conchas/>Acessado em : 10/01/2021

Prefeitura Municipal de Guarujá. **Encerada buscas por vítimas em Guarujá.** 18 de março de 2020. Disponível em: https://www.guaruja.sp.gov.br/encerradas-buscas-por-vitimas-em-guaruja/

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS. **ESTÂNCIA BALNEÁRIA 2005.** Disponível em: <https://silo.tips/download/prefeitura-municipal-de-santos-estancia-balnearia-secretaria-de-educaao-departam-3>Acessado em : 10/01/2021

PROGRAMA CIDADES SUSTENTÁVEIS (comp.). **Percentual da população urbana que reside em favelas - Guarujá, SP.** 2015. Disponível em: https://2013-2016-indicadores.cidadessustentaveis.org.br/br/SP/guaruja/percentual-da-populacao-urbana-que-reside-em-favelas. Acesso em: 29 jan. 2021

PSOL Guarujá. Programa de Governo 2020.

RIBEIRO, Krukemberghe Divino Kirk da Fonseca. "**Casamento consanguíneo**"; Brasil Escola. Disponível em:<https://brasilescola.uol.com.br/biologia/casamento-consanguineo.htm.> Acesso em 26 JAN. 2021.

RODRIGUES, Luiz Melo. Vicente de Carvalho. **A Baixada Santista – aspectos geográficos.** Vol III. In VAZ, op. cit., p. 149

ROMANI ,Carlo .O discurso cultural e ambientalista das comunidades de pescadores caiçaras na luta pela terra: uma análise histórica do conflito ambiental no canal de Bertioga, na Baixada Santista. [S.L]: **História Oral**, v. 14, n. 2, dez. 2011. Anual. Disponível em: http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=231. Acesso em: 28 jan. 2021, p. 41.

ROMANI, Carlo. O discurso cultural e ambientalista das comunidades de pescadores caiçaras na luta pela terra: uma análise histórica do conflito ambiental no canal de Bertioga, na Baixada Santista. **Revista História Oral,** v. 2, n. 14, p. 31-62, jul.-dez. 2011. p. 43

SANTOS, Francisco Martins dos. **História de Santos 1532-1936,** Volume 1. 1937

SANTOS, **Francisco Martins dos**.Op.cit., p.24. apud. Disponível em :<http://unidon.edu.br/museu/historia/historia_historiaguaruja.html>Acessado em : 17/01/2021

SANTOS, Francisco Martins dos.Op.cit. p.24.

SETTE, Bartyra; JUNQUEIRA, Regina Moraes (comp.). **SESMARIAS:** documen-

tos publicados pelo arquivo do estado de são paulo. Documentos Publicados pelo Arquivo do Estado de São Paulo. [20-?]. Disponível em: http://www.projetocompartilhar.org/sesmarias.htm. Acesso em: 08 fev. 2021.

SIGNIFICADO da palavra "Itapema". 2021. Disponível em: https://www.itapemapraia.com.br/significado-da-palavra-itapema.php. Acesso em: 08 fev. 2021.

SILVA, Juliana Heloise Rosa Santos. **A gestão feminina em cargos de liderança.** il. color. Monografia (graduação em Administração de empresas) - Universidade de Ribeirão Preto - UNAERP, Guarujá, p.17 2019.

SILVA, Mauricio Cândido da. Miss Sambaqui: Gênero, representação nos museus e patrimônio cultural. IN: Maria Elisabete Arruda de Assis; Taís Valente dos Santos (org). Memória feminina: mulheres na história, história de mulheres. 2017. p. 172-173. Disponível em:<https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/03/Mem%C3%B3ria-feminina-mulheres-na-hist%C3%B3ria-hist%C3%B3ria-de-mulheres.pdf> Acessado em : 15/01/2021

SILVA SOBRINHO, Costa e. O Poeta e o Marechal de Ferro. **A Tribuna**. Santos, p. 10-10. 25 set. 1966. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=153931_01&pagfis=63298. Acesso em: 08 fev. 2021.

STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil.** 2008.

TRECHOS do livro Guarujá, três momentos de uma mesma história. 20-?. Disponível em: ttp://unidon.edu.br/museu/historia/historia_historiaguaruja.html. Acesso em: 08 fev. 2021.)

TURATTI, M. C. M. Laudo Antropológico. **Estudo Socio Ambiental Ponta da Armação (Guarujá-SP)**. Usp. 2012, p. 14,

VAZ, Angela Omati Aguiar. Guarujá: Três momentos de uma mesma história. 2 ed. Modificada e corrigida. Guarujá: 2010.

VILLAGRAN, Ximena S. O que sabemos dos grupos construtores de sambaquis? Breve revisão da arqueologia da costa sudeste do Brasil, dos primeiros sambaquis até a chegada da cerâmica Jê. **Revista Museu Arq**. Etn.São Paulo,2013.

Entrevistados:

CONCEIÇÃO, Lucas de Oliveira. História de vida. [Entrevista concedida a] Wendel Costa . 24 jan. 2021

GONÇALVES, Newton Rafael. História de vida. [Entrevista concedida a] Wendel Costa e Jordan Santos. 31 ago. 2020.

COSTA, Lourdes da Conceição Dalitesi Costa; COSTA, Manoel José da. [Entrevista concedida a] Wendel Costa. s/d.

LOUREIRO, Odete Lucas. História de vida. [Entrevista concedida a] Wendel Costa. 07 jan. 2021

NUNES, Priscila Machado. História de vida. [Entrevista concedida a] Wendel Costa 27 jan. 2021

OLIVEIRA, Margarida Neta de. História de vida. [Entrevista concedida a] Wendel Costa. 16 set. 2021

RIBEIRO, Joana Luciana Santos. História de vida. [Entrevista concedida a]Wendel Costa em 24 jan. 2021.

SANTOS, Catarina de Oliveira dos. História de vida. [Entrevista concedida a] Juliana Silva 29 jan.2021

SANTOS, Diego. História de vida. [Entrevista concedida a] Jordan Santos em 31 jan. 2021.

SANTOS, Venicio Xavier dos. História de vida. [Entrevista concedida a] Wendel Costa e Jordan Santos. 18 set. 2020

SILVA, Celso Eurípedes Chaves da. História de vida. [Entrevista concedida a] Wendel Costa . 31 jan. 2021

SILVA, Jairo da; SILVA, Aldemira da. História de vida. [Entrevista concedida a] Wendel Costa , Juliana Silva e Jordan Santos. 16 set. 2021

SILVA. Maurita Rosa Santos Silva História de vida. [Entrevista concedida a] Juliana Silva em 16 jan. 2021

Fontes primárias:

Brazil, São Paulo, Guarujá, registros civis, 1929-1975 Disponível em:< https://www.familysearch.org/search/catalog/2656429?availability=Family%20History%20Library.>acesso em 29/01/2021

Coleção Costa e Silva Sobrinho. Fundação Arquivo e Memória de Santos.

Lista nominativa de habitantes da Vila de Santos de 1765, 1767, 1775, 1777, 1817, 1822, 1825, 1828, 1836 e 1846. Arquivo do Estado de São Paulo.

Registro Paroquial de Terras da cidade de Santos de 1850. Arquivo do Estado de São Paulo.

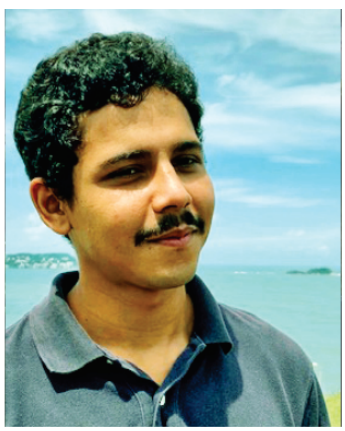
Tombamento dos bens rústicos da vila de Santos em 1817. Arquivo do Estado de São Paulo.

Wendel Alexsander Dalitesi Costa

Bacharel e Licenciado em História pela Universidade de São Paulo (USP), além de Tecnólogo em Gestão Portuária pela Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), atua como professor voluntario no Cursinho Pré vestibular Educafro, onde é pesquisador do Núcleo de Estudos Indígenas e Afro-Brasileiros. Nascido em Guarujá-SP, tem dedicado os últimos anos na pesquisa e publicação de artigos que visam à valorização da cultura e história local. Tem como linhas de pesquisa História da Família, Demografia Histórica, Genealogia, formação e preservação de comunidades tradicionais.

Juliana Heloise Rosa Santos Silva

Graduada em Administração Empresarial, pela Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), onde desenvolveu a monografia "A Gestão Feminina em Cargos de Liderança" e onde atua como voluntaria há cinco anos no Cursinho Pré vestibular Educafro e também como pesquisadora do Núcleo de Estudos Indígenas e Afro-Brasileiros, com alguns artigos científicos em seu currículo. É formada como atriz pela Instituição Escola de Artes Cênicas Wilson Geraldo Janeiro Atriz, tendo participado da montagem e atuação na peça teatral Cordel do Amor Sem Fim, em cartaz no teatro Guarany em 2014.



Jordan Goes Paixão Bargas Santos

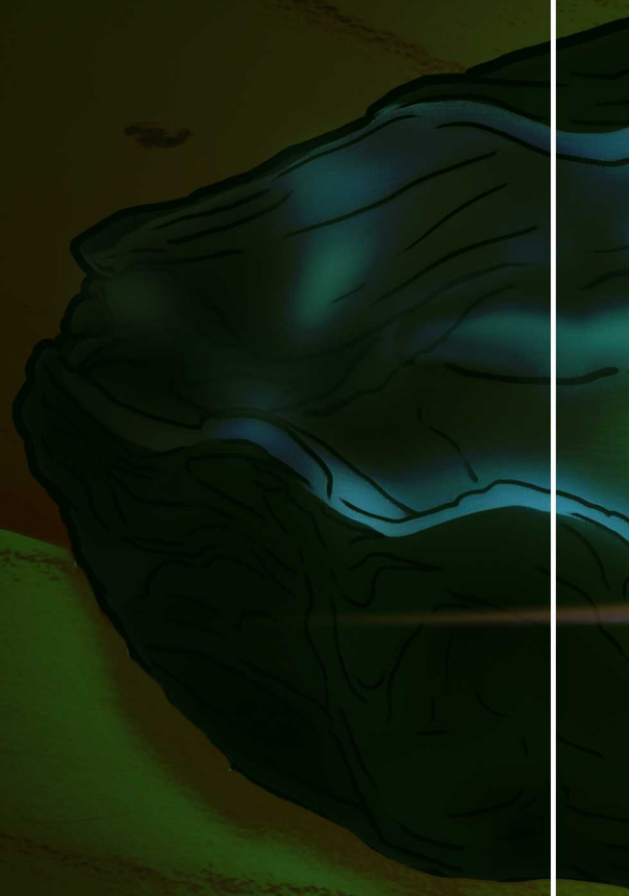
Descendente de caiçaras nascido em Guarujá, também é estudante de engenharia física pela Universidade de São Paulo (USP). Busca auxiliar no desenvolvimento da cultura e identidade do cidadão guarujaense, trazendo possibilidade de celebração de oportunidades que promovam o reconhecimento e despertar da população da cidade para empreendimentos que fomentem o desenvolvimento pessoal e social.

Durante muito tempo a história de Guarujá tem sido retratada privilegiando a figura de personagens ilustres, famosos e ligados à elite econômica da época, e que obviamente tiveram algum tipo de contribuição para o desenvolvimento da cidade. O grande problema deste único ponto de vista é que ele acaba escondendo, tirando a importância e diminuindo a visão com relação a outros agentes históricos que também tiveram papel fundamental na formação do município. Sendo assim, a aposta deste livro é justamente trazer uma reviravolta na abordagem, dando o devido lugar de destaque a pessoas muitas vezes anônimas.

A construção deste livro também é, na verdade, um compilado do resultado de pesquisa documental, história oral e do desenvolvimento de artigos científicos feitos por nós nos últimos anos. Ao longo da leitura serão abordadas questões de gênero e desigualdade social e racial, além de outras contradições que o meio urbano traz consigo. Mas também serão mostradas as tradições do povo caiçara e o desenvolvimento de Guarujá no decorrer dos séculos, com sua multiplicidade de culturas e importante legado à sociedade.

A cada capitulo serão apresentadas histórias de vida de pessoas comuns, seguindo para um contexto histórico mais amplo, com o objetivo de fazer com que todos se sintam pertencentes e ligados ao enredo e narrativa da cidade como um todo. Tanto que nossa aposta foi fazer com que as ilustrações contidas ao longo do livro não possuíssem rostos de pessoas, justamente para que você, leitor, possa se identificar e se ver dentro de cada situação com seu próprio olhar.

Desejamos uma excelente leitura e que ao chegar ao final, todas as informações possam servir para fortalecer a identidade cultural em Guarujá, mostrando que há muitas pérolas que precisam ser reveladas e preservadas.



PÁTRIA AMADA BRASIL
GOVERNO FEDERAL

LEI ALDIR BLANC
DE EMERGÊNCIA CULTURAL

PREFEITURA DE Guarujá